

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA**

**CLAUDIA SILVANA CARDOSO DE AZEVEDO**

**PROJETO PLANTANDO SONHOS: uma Oficina de Jardim**

**NITERÓI – 2008**

**CLAUDIA SILVANA CARDOSO DE AZEVEDO**

**PROJETO PLANTANDO SONHOS: uma Oficina de Jardim**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Estudos da Subjetividade. Linha de Pesquisa: Clínica e Subjetividade.

**ORIENTADOR: PROF. DR. ROBERTO NOVAES DE SÁ**

**NITERÓI – 2008**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

A994 Azevedo, Claudia Silvana Cardoso de.

Projeto plantando sonhos: uma oficina de jardim / Claudia Silvana Cardoso de Azevedo. – 2008.

99 f.

Orientador: Roberto Novaes de Sá.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2008.

Bibliografia: f. 87-88.

1. Psicologia clínica. 2. Saúde mental. 3. Jardinagem. 4. Simbolismo. I. Sá, Roberto Novaes de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 157.9

Ao meu pai *in memoriam* e minha mãe *in memoriam*.

A Ilha Grande, lugar que é parte da minha morada.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor e Orientador Roberto Novaes de Sá

Aos clientes e colegas do IMAS Juliano Moreira

Aos clientes e colegas do Instituto de Psiquiatria da UFRJ

Aos estagiários da “Projeto Plantando Sonhos: uma Oficina de Jardim”

Aos colegas do grupo de pesquisa de Fenomenologia/UFF

A Dra. Nise da Silveira *in memorian*.

Ao Professor João Ferreira da Silva Filho *in memorian*

A Paula Pantoja Boechat

A Maria de Fátima Martins Pereira

Ao Professor Carlos Gonçalves Terra

Ao jardineiro Pedro Marambaia

A Alba Cristina Cardoso de Azevedo

A Joanna D’arc Barbosa Bastos Ferreira

A Agnes Cristina da Silva Pala

A Claudia Magnanini

A Aline Nascimento

A Fundação de Parques e Jardins do Rio de Janeiro

Ao Instituto de Pesquisa do Jardim Botânico do Rio de Janeiro

*Toda a flor é uma chama:  
Chama que quer tornar-se luz!*  
Gaston Bachelard

## RESUMO

**Palavras-chaves:** oficina de jardim, saúde mental, simbolismo.

O estudo visa abordar uma maneira de se fazer-pensar a clínica com clientes psicóticos, através da relação entre o homem, a terra e as plantas, tendo como ferramenta de pensamento-intervenção, o “Projeto Plantando Sonhos: uma Oficina de Jardim”, implementada e desenvolvida no Instituto Municipal de Assistência a Saúde Juliano Moreira /M.S., bem como no Instituto de Psiquiatria/ UFRJ - IPUB. Percebemos que na jardinagem as questões do tempo e do espaço se entrelaçam no sentido de favorecer novas aberturas para a vida, permitindo ao homem ser atravessado pela relação com a natureza. Focalizaremos a importância de construir e de vivenciar, compartilhadamente, a estruturação de um espaço vivo, que necessita de cuidado. A criação do jardim nesta proposta é uma forma de expressão, onde a estética, referindo-se ao sensível, não está atrelada a padrões hegemônicos. Torna-se relevante, então, o que os clientes concebem como possibilidades, a partir do ciclo simbólico de nascimento, vida, morte e renascimento, perceptível em suas próprias existências e no cotidiano de um jardim.

## ABSTRACT

**Key words:** workshops of garden, mental health, symbolism.

This study aims to broach a manner of involving upon the clinic with psychotic patients through the relationships between man, the earth and plants, having as thought-intervention tool, the garden Workshop, Planting Dreams Project, implemented and developed in the Municipal Institute of Health Assistance Juliano Moreira/M.S., as well as in the Institute of Psychiatry/UFRJ – IPUB. The Analytical Psychology founds this clinic upon the studies of Carl Gustav Jung concerning the alchemical *opus*. We perceive that in gardening the questions of time and spaces interlace themselves in a direction that favors new openings in living permitting man to be pierced by his relationships with nature. We will focus on the importance of constructing and experiencing, sharing in the structuring of a expression, in which the aesthetic, referring to the sensible, isn't tied to hegemonic patterns. What becomes relevant, then, is what the patients conceive as possibilities, from the symbolic cycle of birth, life, death and rebirth, perceivable in their own existence and in the daily life of a garden.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1. AS TRANSFORMAÇÕES PSICOLÓGICAS E O OPUS ALQUÍMICO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2. CULTIVAR, HABITAR, BROTAR – UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>3. REGAS, PODAS E COLHEITAS .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1. Histórico da Oficina de Jardim .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2. Situações e fragmentos clínicos .....</b>	<b>43</b>
<b>3.2.1. A criação de um jardim dentro do caos urbano .....</b>	<b>79</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

O lírio não é um delírio<sup>1</sup>!

Monique

Esta dissertação tem como propósito registrar e refletir sobre uma maneira de se fazer/pensar a clínica através da relação homem/terra, tendo como ferramenta de pensamento/intervenção a “Oficina de Jardim”, “Projeto Plantando Sonhos”, que vem sendo utilizada há quatorze anos com clientes de hospitais psiquiátricos no Rio de Janeiro. Isto porque percebemos que a jardinagem, ao traduzir o ciclo simbólico de morte e renascimento, perceptível no cotidiano de um jardim, auxilia na reestruturação psíquica de nossos clientes. Assim, a assistência na “Oficina” tem como meta despertar o interesse pela vida e a interação social, através do encontro entre clientes e terapeutas, no acompanhamento da experiência do ciclo da vida que encontramos nas plantas, nas flores e nos jardins.

Dentro do universo psicológico, o saber de Jung é o que mais nos auxilia em lidar com as diferenças. Dado o encontro com a afirmação de Jung que nos diz que a terra, assim como o próprio corpo, faz parte do complexo de representações simbólicas do arquétipo da Grande-Mãe, a primeira grande figura estruturante da psique. Observamos, em consonância com esse pensamento de Jung, que a expressão simbólica dos conteúdos psíquicos do cliente, através da projeção em atividades práticas, serve de instrumento-chave para a compreensão e integração da subjetividade que se encontra em conflito.

O jardim pode ser um lugar de ressonância simbólica, onde os participantes vivenciam, nos seus elementos, os símbolos de transformação. Na medida em que uma flor fenece em um canteiro, o cliente se dá conta de que um sentimento seu também está morrendo, associando-o, então, aos ciclos da vida, morte e renascimento. Observamos a

---

<sup>1</sup> Esta frase foi dita pela cliente em um momento bastante singular da “Oficina”. Seu nome é fictício. Ela não se conformava com os motivos pelos quais seus familiares a internavam. Um dos sintomas mais exacerbados era o “delírio de grandeza”. A frase sugere um contraponto de sua experiência.

identificação do paciente com cada etapa da criação do jardim. Em função de nossos fundamentos, devemos apontar uma correspondência entre a interiorização dessa experiência e uma reestruturação simultânea de um espaço referente à subjetividade.

A atenção despertada para o universo das flores foi concomitante ao desenvolvimento da “Oficina de Jardim”, no Instituto Municipal de Assistência a Saúde - Juliano Moreira, no qual todos fomos, simbolicamente, jardineiros. Percebemos a grande frequência da representação de flores nos desenhos e pinturas feitos pelos clientes nas atividades de terapia ocupacional da instituição. Tivemos a possibilidade de constatar que os motivos florais também eram constantes nas salas de Terapia Ocupacional do IMAS- Nise da Silveira e na do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil/UFRJ. Os terapeutas dessas instituições narravam, de acordo com as declarações dos clientes, que as flores, muitas vezes, eram representações de jardins, espaços estes nos quais a vida sempre renascia. Percebemos, a partir de então, a importância do desenvolvimento desta prática que se encontrava difusa entre nós e que poderia ser deslocada para se tornar uma prática da “Oficina”.

Em alguns grupos desenvolvemos atividades referentes ao conhecimento das técnicas de jardinagem, procurando viabilizar o desejo expresso por alguns participantes de aprenderem o ofício e se tornarem jardineiros. Contudo, esta não é a intenção do trabalho. Isto ocorre também por termos atualmente uma política na “saúde mental” voltada para a inclusão do cliente em sua comunidade, preservando nele a condição de cidadão. Este seria o alcance político do projeto, uma vez que pretendemos tocar a questão do sofrimento psíquico, em espaços como do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que é aberto à comunidade em geral.

O *fazer* pode possuir no seu cerne o ato de *pensar* e, comumente, quando estamos pensando, buscamos a comunicação seja de que forma for, plantando, falando, escrevendo, fotografando, pintando, modelando ou mesmo dançando. O que se faz relevante é exteriorizar os sentimentos e os pensamentos, sobretudo na clínica, em que tal expressão ocorre no intento de buscar a ampliação do próprio pensamento. É importante que o *fazer*, neste projeto, coloque o cliente em uma postura ativa, de escolha e de vontade, como escreveu um

participante da atividade em uma das placas de madeira, confeccionada pelo mesmo e localizada no jardim, junto a outras: “O que precisamos é de uma injeção de flores!<sup>2</sup>”.

Boechat (1997) nos diz que “*terapeutés em grego*, significa “assistente do ritual” (BRANDÃO, 1987, p.96). Em Epidauro, no templo do deus Asclépio, deus da medicina, só existia cura se houvesse “metanóia”, isto é, a transformação dos sentimentos, a mudança de atitudes que podem trazer renovação. Na “Oficina de Jardim”, acreditamos que, igual aos gregos, existe um ritual estabelecido para lidar com os poderes estruturantes do inconsciente. Os jardineiros são levados para um lugar especial - o jardim.” Fazem contato com as forças da natureza em um campo definido, preservado e protegido - o canteiro - em um horário determinado, o terapeuta. Lá, irá ser propiciada a “metanóia”.

Ambos, clientes e terapeutas, não se extasiam somente com o belo e com o saudável. Lidamos todo o tempo com a praga, com a semente que não conseguiu brotar, mas também com brotamentos inesperados, de uma semente trazida por um passarinho, algo surpreendente. O terapeuta não tem mais respostas prontas, ele deve acompanhar o cliente no cultivo de sua alma e na recuperação de sua capacidade de experienciar a realidade, tendo compreensão simbólica sobre ela. Como disse uma cliente: “Planta-se sonhos, para colher realidade<sup>3</sup>”.

Os capítulos deverão ser trabalhados da seguinte forma: 1) Transformações psicológicas – o *opus* alquímico, no qual articularemos as transformações da alma com o Processo Alquímico. Este processo foi fundamental para estruturação da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Nele, haverá a relação simbólica entre o cultivo da terra e o espaço do jardim como laboratório alquímico. 2) Cultivar, Habitar e Brotar focalizará os pensamentos filosóficos de Martin Heidegger e Gaston Bachelard, integrando, ao semear a terra, tal qual o espaço do jardim, como fenômenos que interagem com a forma do ser. Logo, estaremos construindo/sendo em uma morada comum a todos, provavelmente relacionada com as possibilidades da vida. 3) Regas, Podas e Colheitas constituirá nos registros de experiências do projeto. Ele será dividido no histórico da “Oficina de Jardim”– “Projeto Plantando Sonhos”, o qual descreveremos a estruturação do trabalho desde seu primórdio no IMAS – Juliano Moreira ao Instituto de Psiquiatria da UFRJ, onde trabalhamos no atual momento.

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por um cliente que encontrava-se com um grande mal-estar físico, devido às altas doses de psicotrópicos. Ele pedia maior atenção e afeto por parte dos técnicos da instituição.

<sup>3</sup> Podemos dizer que a frase denota sua compreensão de que a atividade da “Oficina” articula-se em algum nível com sua experiência existencial.

Materiais iconográficos serão utilizados, visto que se tratam de registros históricos. Abordaremos fragmentos e situações clínicas, que enriquecem e trazem a termo parte da intensidade deste trabalho.

## CAPÍTULO 1 : AS TRANSFORMAÇÕES PSICOLÓGICAS E O OPUS ALQUÍMICO

A minha flor vale ouro<sup>4</sup>.

Josias

Ao nos remetermos ao *Opus*, estamos nos referindo à alquimia. Tal prática focalizava a mistura de vários metais e tinha como objetivo a busca pela Pedra Filosofal. Os alquimistas eram pessoas solitárias, sendo por vezes, acompanhados de, no máximo, um auxiliar, pois se tratava de uma experimentação cujo caminho devia ser realizado com bastante cuidado, sem a interferência de muitas pessoas.

Em nossa existência realizamos igualmente um *Opus*, ou seja, uma Obra. Em geral, o senso comum define a Obra de forma condicionada, “modelar”, isto é, existem expectativas culturais e comportamentais sobre as pessoas ao traçarem previamente seu caminhar. Contudo, podemos ter a possibilidade de refletirmos sobre o sentido de nossas vidas, sem que tal questionamento nos guie em direção à verdade absoluta. Talvez possamos perceber nossos feitos como meios, ao nos conduzirem a uma aproximação conosco e com o outro. A reflexão a respeito de uma Obra tende a acontecer no silêncio, na solidão, como é o fazer do alquimista. Não se trata de uma imposição, mas de um chamado interior. Existe a necessidade de ser, pondo em jogo o que se é na existência. Mesmo que, de início, por um breve período. Nesta escuta interna, não existe um incômodo, um mal-estar, mas uma sensação de provável integridade. Podemos ter companheiros nesta travessia interna como um livro ou, quem sabe, uma pequena extensão de terra, a fim de cultivarmos um jardim. Os alquimistas tinham os metais.

Carl Gustav Jung insere a alquimia na construção de sua teoria ao analisar os sonhos de seus pacientes e constatar que havia uma relação significativa entre os tratados alquímicos e estes sonhos. Estudou incessantemente os textos alquímicos, fato este que reverberou também na estruturação da Psicologia Analítica. A intenção da alquimia é a realização do *Opus*, da Obra, vislumbrando a procura da Pedra Filosofal, do *Lápis*, o verdadeiro Ouro.

---

<sup>4</sup> O cliente tem a intenção de expressar que o seu afeto é algo de muito precioso, que precisa ser mais protegido.

Nesta busca, havia uma relação com o sagrado por parte de seus cultores. Tal procura era percebida como uma Arte<sup>5</sup>, visto que ao lidarem com os materiais alquímicos, bem como sua mistura, havia igualmente transformação de suas almas. Para os alquimistas não havia ainda uma oposição dicotômica entre o sujeito e o objeto da Obra. Foi a partir do Renascimento que se iniciou a instauração de um racionalismo unilateral, dividindo o nosso olhar entre homem e mundo.

Esta dimensão dos fenômenos alquímicos não era percebida unicamente de forma objetiva, mas também em nível psíquico, fundamental para a busca da Pedra Filosofal. Estes dois níveis simultâneos, caracterizados através da experiência e da integração, se constituem no *opus*. Entretanto, não havia intencionalidade na transformação de suas próprias psiques. Tais mudanças simplesmente aconteciam, visto que os registros<sup>6</sup> deixados por eles mesmos eram de extrema ingenuidade e despreensão diante do processo psíquico.

Os alquimistas não “sonhavam” meramente com suas metamorfoses psíquicas, eles as viam. As visões não eram conseqüências dos vapores emanados durante a operação alquímica, mas sim resultantes do rebaixamento de consciência de suas personalidades.

A operação alquímica consistia em favorecer, em um primeiro momento, a revelação do material apropriado para a *prima-matéria*. Para os alquimistas, a *prima-matéria* era a substância no seu estado originário. Eles reduziam, às vezes, uma matéria a esse estado para dar prosseguimento às transformações posteriores. A *prima-matéria* pode ser encontrada em toda parte, ter aparência pouco agradável e, parecer aos nossos olhos, até mesmo como lixo. Ela apresenta-se como multiplicidade e é indiferenciada, mostra-se sem limites ou forma organizada. O vaso onde as operações eram elaboradas torna-se fundamental, bem como o forno onde o recipiente era aquecido.

A origem da alquimia pode estar relacionada com a forma de viver da civilização egípcia. Isto porque, o esquife pode ser considerado um vaso e o cadáver a *prima-matéria*, o qual sofreria mudanças, a fim de alcançar uma vida após a morte. Esta civilização acreditava que o morto revivia o mito de Osíris (FRANZ, 1987, p.68). No mito, Osíris é uma divindade relacionada à agricultura, passível de se metamorfosear, tal qual o processo alquímico, tal qual o processo da alma. No mito:

---

<sup>5</sup> No sentido de criação maior articulada com o sagrado.

<sup>6</sup> Esses registros são fragmentos escritos e iconográficos de variados tratados alquímicos cujas origens são greco-egípcias, greco-arábicas e européias. O auge da filosofia alquímica foi no século XVI

Entre todos os deuses egípcios, Osíris é atualmente um dos mais conhecidos (...) Mas é como Deus dos mortos que é mais conhecido. Desde um período muito antigo, os reis eram identificados com Osíris quando morriam (...) Osíris deve ter sido a princípio um deus da vegetação e, como toda a vegetação, morria periodicamente e era ressuscitado. Tratava-se da morte e renascimento de Osíris. O único relato contínuo é preservado pela obra do escritor grego Plutarco (...) Ao que parece, o grande deus Rá soube que Nut e Geb secretamente se amavam. Em revide, lançou uma maldição sobre Nut para que ela não pudesse ter filhos em qualquer dia do ano. Tot, porém, que também amava Nut, conseguiu graças a truques apoderar-se de partes de vários dias suficientes para formar cinco dias a mais que poderiam ser acrescentados ao calendário do ano depois do último dia. Esses cinco dias se tornaram os nascimentos dos filhos de Nut e os egípcios lhe deram os nomes de acordo com esse fato. No primeiro dia, nasceu Osíris; no segundo, Horos; no terceiro Set; no quarto, Ísis e no quinto, Néftis (...) Com o tempo, Osíris chegou a ser rei dos egípcios, os quais governou com benevolência. Libertou-os da vida rude e primitiva que levavam; ensinou-lhes a agricultura, deu-lhes lei e encaminhou-os no culto dos deuses (...) Set tinha uma inveja desesperada de Osíris e resolveu acabar com ele (...) Logo que Osíris voltou de uma viagem, Set convidou-o para um grande banquete e o colocou em um cofre que tinha exatamente o tamanho de Osíris. Jogou o cofre em uma correnteza de um rio (...) Ísis foi a procura do corpo do marido, que foi cortado por vários pedaços por Set (...) Ela conseguiu encontrar os pedaços do corpo do marido colocados em várias partes do Egito (...) Alguns textos sugerem que, em cada lugar, efetuaram uma cerimônia fúnebre e enterraram cada pedaço. Dessa maneira, muitos locais de sepultamento de Osíris foram estabelecidos através da terra. (JAMES, 1976, p. 24-28).

A mumificação consistia em uma técnica químico-mágica altamente evoluída (FRANZ, 1993, p.8). Os corpos mumificados estavam relacionados à crença egípcia na vida após a morte. A mumificação dos faraós como uma repetição do mito de Osíris na religião egípcia remete ao tema da transformação. Era necessário que os rituais fossem realizados corretamente, a fim de assegurar a passagem da vida terrena para a vida eterna (FRANZ, 1993, p.8). O movimento referente à preparação da *prima-matéria*, ou seja, do cadáver, até a transformação e a elevação de seu espírito, pode ser considerada uma das operações alquímicas, denominada de *sublimatio* (FRANZ, 1993, p.9).

Com a finalidade de obter a Pedra Filosofal, os alquimistas tiveram que estruturar algumas operações químicas, sendo as principais delas: *calcinatio* (calcinação), consistindo no aquecimento em alta temperatura de um material sólido, a fim de retirar todo o líquido do elemento, relaciona-se com o fogo purificador; *solutio* (solução), está associado à



transformação do material diferenciado para o estágio indiferenciado, em forma líquida, trata-se de uma redução à *prima-matéria*; *coagulatio* (coagulação), relaciona-se ao momento da operação em que a solidificação será privilegiada, o elemento terra será destacado; *sublimatio* (sublimação), articula-se com a volatilização do material, ou seja, sua elevação, o elemento ar será enfatizado; *mortificatio* (mortificação), onde há necessidade de se matar velhos padrões de comportamentos para que novos surjam, interage com a *putreficatio* (putrefação), é a mais complexa das operações alquímicas, pois a penitência, a dor, ou mesmo, a tortura, estarão presentes; *separatio* (separação), refere-se à discriminação dos componentes, existe o afastamento para que a última operação possa ocorrer; *coniunctio* (conjunção), trata-se da união do que foi anteriormente discriminado, ou seja, a integração de novas atitudes de lidar com a vida de forma saudável. Estamos aqui nos referindo à união dos opostos purificados, a totalidade. O encontro com a Pedra Filosofal seria capaz de transformar todos os corpos obscurecidos. Não havia nenhum tipo de planejamento rígido e sistemático quanto à realização destas operações, embora registrassem as receitas, após a sua conclusão.

As fases do processo alquímico também se distinguem pelas cores. A *nigredo*, (negro) fase de iniciação, associada à morte, à *putrefatio*, à divisão, à *solutio*. Existe analogia com o material chumbo e o planeta saturno<sup>7</sup>. A *albedo* (branco), relacionando-se as fases da operação alquímica referente à *calcinatio*, à *coagulatio*, à *sublimatio*. A *rubedo* (vermelho) fase de finalização, associa-se à *coniunctio*. Podemos constatar freqüentemente a existência destas cores nos registros dos tratados alquímicos. Encontramos também referências a estas operações nos mesmos tratados. Imagens e textos são oriundos dos tratados religiosos, da mitologia, da astrologia, além da natureza e da história pessoal do alquimista, segundo seu contexto histórico, dentre outros. Contudo, tais registros devem ser interpretados de forma simbólica.

O caminho pela experiência foi valorizado pelos alquimistas, uma vez que o rigor de seu trabalho não estava determinado por uma “burocracia metodológica”, mas sim pela disciplina interior. Segundo Jung (1994, p.325), os alquimistas faziam parte de uma tradição, dialogavam com seus antecessores, sentiam-se pertencentes ao mundo. Citavam uns aos outros, em diversos tratados, não havia discórdias entre si. Este fato aponta para uma possível

---

<sup>7</sup> Jung irá enfatizar o conceito de *kairós*, que significa a relação entre a substância química e um planeta. Ele sinaliza, que não basta saber como fazer uma determinada operação, sendo necessária a observação de um determinado planeta, para que houvesse o momento astrológico adequado (FRANZ,1987, p. 32)

concordância em seus princípios laborativos. Os diferentes processos, escritos e desenhados nos tratados alquímicos, não interferiam na meta a ser alcançada pelos cultores “provavelmente isso se deve ao fato de a ‘verdadeira’ alquimia jamais ter sido um negócio ou uma carreira; sempre foi um ‘opus’ genuíno cumprido no trabalho silencioso do sacrifício de si” (JUNG, 1994, p. 326).

Do mesmo modo que estamos inclinados a aceitar que o mundo é assim, tal como o vemos, aceitamos também ingenuamente que os homens são assim, tal como o imaginamos. Infelizmente, não existe, neste último caso, uma física que demonstre a desproporção entre a percepção e a realidade. Embora a possibilidade de que uma ilusão grosseira seja bem maior do que no caso da percepção sensorial, acabamos projetando de maneira destemida e ingênua nossa própria psicologia sobre os semelhantes.

O mistério era um constante no *opus*, considerado como Arte, favorecendo sua relação estreita com o sagrado. Não havia como revelar tal segredo, visto que um segredo caso seja desvelado deixa de sê-lo, bem como não haviam explicações sistematizadas, mas apenas simbólicas desta experiência. Quem sabe pelo fato da dinâmica da transformação da existência não poder ser descrita de forma lógica? Como diz Edinger (1990, p.27) “há, aos olhos do mundo, algo de incompreensível e aqueles que possuem esse mistério serão objetos de escárnio dos homens e serão olhados com uma atitude de superioridade”. O autor faz aqui uma observação na qual atesta a peculiaridade referente ao mistério quanto às transformações advindas do fazer alquímico, assim como ao não entendimento das demais pessoas que percebiam tal prática com estranhamento. Segundo Jung, a transformação é um segredo, como por exemplo, a mudança do estado da *prima-matéria*, citando substâncias que a simboliza, o chumbo, o enxofre, o mercúrio (JUNG, 1994, p. 68 e 107).

O chumbo, por exemplo, para os alquimistas, era como um metal impuro e perigoso, que deveria passar por vários processos alquímicos, a fim de ser transformado em uma substância mais nobre. Faziam alusão que no chumbo existia um demônio a ser transformado (FRANZ, 1987, p.11). Este metal exalava gases venenosos quando submetido ao calor. No entanto, o chumbo não era só percebido por sua característica destrutiva, mas como um veículo de mudança. Algumas misturas entre o chumbo e outras substâncias agiam como ácido na dissolução de outros metais. Logo, o chumbo ganha a qualidade de veículo, perdendo sua característica de metal vil.

Podemos fazer uma analogia da percepção que os alquimistas tinham sobre o chumbo, na sua forma inicial, com o princípio de análise (FRANZ, 1987, p.74). O cliente procura suporte terapêutico. Ele busca transformações quanto a sua forma de ser no mundo, visto que se encontra insatisfeito. Sendo assim, percebemos que o mal-estar inicial deste cliente pode vir a ter um sentido criativo, tal qual o chumbo, cuja atuação no fazer alquímico pode ser um ácido destrutivo ou construtivo. O senso comum parece intuir essa relação ao usar a expressão “chumbado” para definir alguém que não está muito bem de saúde.

O autor do tratado alquímico, *Rosarium Philosophorium*, datado de 1550, fala que os interessados em serem iniciados nessa arte e sabedoria, deveriam ser piedosos, profundamente compreensivos, humanos, de semblantes alegres e temperamento feliz, embora tivessem vivenciado a destrutividade dos seus próprios “chumbos” (JUNG, 1994, p.283). Indubitavelmente, as atitudes requeridas dos alquimistas eram voltadas para a paciência, determinação e enfrentamento da ansiedade a fim de manipularem os metais, bem como observarem as mutações dos mesmos. Era necessária assim, uma atitude introspectiva.

Para Jung, existe uma disposição por parte do homem que orienta sua consciência, através da sua energia psíquica, para determinada maneira de olhar o mundo (JUNG, 1990, p.19). O introvertido valoriza mais o seu mundo interior, ou seja, concentra maior interesse na vida “intrapésica”. Quando este homem se apropria e reage ao mundo, através de sua forma de ser, ele guia sua reflexão, bem como determina suas atitudes, considerando, principalmente, o aspecto subjetivo, que ele chamará de “fator subjetivo” (JUNG, 1990, p.434) “... à ação ou reação psicológica que se funde com a influência do objeto para constituir um novo estado psíquico” (JUNG, 1990, p.436). Logo, é um equívoco pensarmos que o olhar do introvertido seja desfocado, não percebendo o mundo nitidamente. Contudo, sua percepção diante da vida, bem como perante o outro acontece de forma *a priori* interiorizada.

O poeta Rainer Maria Rilke fez uma analogia entre a profundidade de nossas almas e o mar (1985, p.32). Ele não estava equivocado na sua sensibilidade poética. Um mergulho submarino, por exemplo, nos desperta para outras sensações, convidando-nos a experimentar a lentidão de nossos corpos em movimento, a nossa inadaptação ao ambiente e a impotência frente ao mundo marinho, mesmo que estejamos com os equipamentos de mergulho apropriados. Comumente, existe o deslumbramento com a beleza deste universo, a qual não

podemos expressar através das palavras, no momento do mergulho, a um possível companheiro. Contudo, é viável apreender o impacto de um instante luminoso como o desta experiência. Pensamos e sentimos sobre esta sensação prazerosa provocada, a fim de ampliarmos nossa forma de ser. Estamos no mundo subaquático, percebemos que é diferente do nosso, comungamos esta união e nos sentimos vivos para experienciar maneiras renovadas de lidar com a vida. Acreditamos que Rilke nos deu um bom exemplo da relação entre o sujeito introvertido e sua alma.

O processo alquímico foi pesquisado por Jung em analogia ao processo de transformação psíquica, denominado como “individuação<sup>8</sup>” na Psicologia Analítica, portanto, os alquimistas podem ser percebidos como responsáveis por suas próprias transformações psíquicas, realizando o autoconhecimento, através da elaboração das operações, do fazer alquímico nos laboratórios<sup>9</sup>.

Marie Louise Von Franz, analista suíça e grande colaboradora de Jung, no seu livro “Alquimia”, relata uma experiência de sua infância na qual conversava com os metais, bem como realizava algumas operações, a fim de transformá-los em pérolas (FRANZ, 1987, p.62). Ela considerou este experimento pueril elucidativo da vivência dos alquimistas:

Mediante intermináveis escaladas e quedas do alto de abetos, reuni uma grande quantidade de resina, mas, depois, pensei que também tinha que produzir água do mar. Pelo dicionário, descobri em que consistia a água do mar; roubei sal e iodo do armário do banheiro e misturei, tão completamente quanto era possível nessa idade, algo a que eu chamava, água do mar. Depois, pensando que o âmbar tinha de ser purificado antes que a pérola amarela, pudesse ser produzida, comecei derretendo e cozinhando a mistura, para livra-la das formigas mortas e de outras coisas; e enquanto fazia isso e observava o âmbar, sendo aquecido e derretido, em minha solidão comecei a ter dó dele, pensando que, por estar sendo queimado, eu deveria conquistá-lo as boas graças...(…). Dirigi preces ao âmbar, implorando-lhe que não ficasse zangado comigo por cozinhá-lo e prometendo transformá-lo em uma pérola.(FRANZ, 1987, p.62)

---

<sup>8</sup> Individuação: conceito cunhado por Jung, significando o processo pelo qual a pessoa torna-se um *individuum* psicológico. Transformar-se no que a pessoa é.

<sup>9</sup> Laboratório: Podemos fazer aqui um jogo de palavras, ainda que sem fundamento etimológico. Labor/Trabalho + Oratório/ espaço onde o homem realiza a mediação com o divino.

Percebemos, então, que o *opus* é a expressão e a continuidade da ampliação de nossa psique. Ele se reflete no mundo diante do nosso fazer, permitindo reconhecer igualmente que os fatos ocorridos no nosso cotidiano são análogos aos momentos de nossa alma. É um constante jogo de espelhamento, no qual as diversas situações no mundo reverberam sincronicamente, os estados da alma, tanto o macrocosmos, quanto o microcosmos; tanto os outros, quanto os nossos próprios afetos. A partir destes espelhamentos constatamos que o conceito utilizado por Jung de *kairós* faz sentido, ou seja, o momento adequado às operações alquímicas não está destituído da relação com a constelação astrológica. Percebemos que nossas experiências cotidianas estão intimamente associadas aos ritmos cósmicos como, por exemplo, os ciclos de fertilidade, tanto do reino animal quanto do reino vegetal.

Mircea Eliade em sua obra “O sagrado e o profano” (2001), nos diz que o homem arcaico interagia com o pensamento mítico. O homem não é meramente fisiológico, mas estabelece relação com o sacramento, ou seja, em uma comunhão com o sagrado (ELIADE, 2001, p.20). Através da forma como ele se percebe no cosmos poderá realizar uma abertura ao sagrado. No olhar do homem que está envolvido pelo sagrado, o homem religioso, o cosmos é visto como um organismo vivo, renovando-se periodicamente. A morte é considerada como outra possibilidade da existência humana. Não existe a dicotomia comumente estabelecida pelo homem contemporâneo, pelo homem da ciência, entre vida e morte. Há sempre uma relação com a transformação.

A alquimia era percebida por Carl Gustav Jung como uma Arte relacionada ao sagrado, como veículo de transmutação dos metais e do psíquico. No tratado alquímico, *Mutus Liber*, datado de 1702 (JUNG, 1994, p.17) vemos uma ilustração de alquimistas a operar no forno do *opus*, realizando o cozimento da substância. Estão ajoelhados, invocando a bênção de Deus para que a operação seja satisfatória. Percebemos, então, a sacralidade como símbolo de renovação.

A psicologia de Jung propõe uma transformação espiritual, visto que também considera a experiência mística e os símbolos religiosos como modificadores. Para ele, o Ego é o centro da consciência e o Self (Si-Mesmo) não é somente o centro, mas a circunferência total da psique que abrange tanto a consciência quanto o inconsciente. Como um conceito empírico, o Si-Mesmo é o potencial mais pleno do homem e a unidade da personalidade como um todo (SAMUELS, 1988, p.39). O Si-Mesmo é a estrutura que vai guiar o processo de

individuação, orientando o Ego através dos símbolos que se fazem notar nos sonhos, nos delírios, nas relações interpessoais, na relação com a natureza e com o mundo em geral. É através dos símbolos que o Si-Mesmo se comunicará com o Ego. Jung entende como símbolo: “um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida e oculta para nós” (JUNG, 1990, p.20).

Quando uma imagem e/ou palavra possui um significado além do imediato, podemos considerá-los como simbólicos. Sua compreensão não está relacionada ao pensamento racional, tampouco ao nível do intelecto. O sonho expressa sua existência através dos símbolos, possibilitando a conscientização dos conteúdos “inconscientes” que fazem parte da história de nossa existência e da história da existência humana. Jung nos diz que o símbolo está articulado com o arquétipo. Segundo Samuel (1988,p.38), “arquétipo é parte herdada da psique, padrões de estruturação psicológica ligados ao instinto; uma entidade irrepresentável em si mesmo, e evidente somente através de suas manifestações.” É importante que na prática clínica ele seja reconhecido de maneira distinta para cada cliente. O símbolo irá se manifestar em situações diferentes, de forma singular, pois tem como característica possuir dois pólos, um construtivo e o outro negativo (JUNG, 2007, p.28). Sendo assim, a atitude voltada para a compreensão do símbolo será sempre importante no processo analítico, a fim de não reduzirmos um material de grande riqueza como o símbolo, visto que ele pode movimentar e transformar um estado psíquico.

Jung denominou o processo de individuação como a jornada que cada um dos indivíduos tem na sua existência. Assim como os alquimistas desenvolveram o *Opus Alquímico*, devemos também cumprir a nossa obra como indivíduo psicológico (JUNG, 1980, p.355). O autor fala sobre nos tornarmos um ser em harmonia com a totalidade. Isto nos sugere que o processo de individuação está longe de sugerir a transformação da pessoa em um individualista. Pelo contrário, a tendência é que este homem único esteja em integração com os demais, bem como em plena relação com o seu meio. Ele nos diz:

a semente de um pinheiro contém, em forma latente, a futura árvore; mas cada semente cai em determinado tempo, em um determinado lugar, no qual intervém um determinado número de fatores, como a qualidade do solo, a

inclinação do terreno, a sua exposição ao sol e ao vento etc. a totalidade latente do pinheiro reage a estas circunstâncias, evitando as pedras, inclinando-se em direção ao sol, modelando, em fim, o crescimento da árvore. É assim que o pinheiro começa lentamente, a existir, estabelecendo sua totalidade e emergindo para o âmbito da realidade (JUNG, 1990, p.162).

O ego se estrutura a partir da sua diferenciação com o si-mesmo. Ele trás consigo de forma incipiente a numinosidade do si-mesmo, assim como infinitas possibilidades de se relacionar com a vida, caso esteja estruturado. Haverá inúmeras situações na vida em que o ego se fragilizará, porém não necessariamente se fragmentando. Ele é um veículo numinoso, visto que é uma parte do si-mesmo, o qual conduz a potencialidade para ampliação da consciência. A totalidade não é a perfeição, mas sim o ser completo, melhor dizendo, integrado com o mundo (JUNG, 2007, p.106).

James Hilman, analista junguiano, esclarece-nos que o *opus*, em nossa atividade como psicoterapeutas, é a nossa própria alma. Isto significa que não nos colocamos diante do nosso cliente somente pelas aparências, respaldados em nossos títulos acadêmicos ou mesmo receitando remédios para eles. Torna-se fundamental que a nossa própria psique também tenha sido transformada e que continue sendo, pois a relação terapêutica se constitui no encontro dos inconscientes entre terapeuta e cliente. O inconsciente do terapeuta estará sendo também transformado neste encontro, pois a relação nunca é unilateral. Devemos, portanto, estar minimamente estruturados psiquicamente para tal relação.

A projeção foi outro conceito estudado por Jung, a fim de refletir sobre a atitude dos alquimistas frente ao *opus*. Para o autor, “... todo desconhecido e vazio é preenchido com projeções psicológicas...” (JUNG, 2007, p.240). Esse comentário nos alerta para o fato dos alquimistas refletirem seus inconscientes na matéria, relacionando as transformações entre as substâncias e seus inconscientes. A projeção é um mecanismo psíquico não voluntário, ela simplesmente acontece. Frente à dificuldade de não conhecer plenamente a nossa alma, nós a refletimos. Tal dinâmica era vivenciada pelo *artifex*<sup>10</sup>. A psique do artista está intimamente relacionada à obra, ou seja, suas transformações psíquicas estão articuladas com as da matéria. Não experimentavam através das palavras, suas metamorfoses psíquicas, mas através

---

<sup>10</sup> Pessoa que exerce uma arte ou uma profissão (PEREIRA, Antonio Gomes. **Dicionário de Latim/Português**, Porto Portugal: Porto Editora, 1966).

da transmutação dos metais. Eles experienciavam a vida psíquica em seus laboratórios, enquanto manipulavam as substâncias químicas (JUNG, 2007, p.256).

A imersão no banho de certas substâncias químicas, nas quais os alquimistas “dissolviam” as impurezas dos metais, podem ser um exemplo simbólico na alquimia para o fenômeno da projeção na clínica (JUNG, 2007, p.41). O cultor intuía que através da lavagem das substâncias corrompidas, sua alma estava simultaneamente se transformando. Jung nos relata que em suas análises clínicas os conteúdos inconscientes de seus analisandos eram projetados<sup>11</sup> nele (JUNG, 2007, p.41). Ele percebeu que esse fenômeno psíquico acontecia no dia-a-dia de todas as pessoas, em diversas situações (FRANZ, 1988, p.9). Eventualmente, o fato dos indivíduos reconhecerem que muitas de suas projeções fazem parte da subjetividade, já os auxilia, integrá-las a consciência. É necessário que a pessoa se perceba de forma crítica e humilde, aceitando suas limitações, tentando superá-las. Entretanto, outras projeções referentes, por exemplo, aos complexos materno e paterno, são projetadas para o terapeuta, devendo então ser “dissolvidas” na relação terapêutica (JUNG, 2007, p.41). Isto pode acarretar em uma libertação, quanto à forma de viver do cliente, visto que a projeção é uma forma não nítida de perceber o outro, bem como determinados fatos da vida. A projeção pode cristalizar a pessoa, em uma forma limitada de existir. Sua percepção a respeito da vida estará contaminada por conteúdos inconscientes, sombrios (JUNG, 2007, p.106). No processo psicótico o cliente vivencia a projeção como sendo realidade. Não existe nenhum posicionamento crítico de que o outro é portador de seus afetos. O outro é ele, a relação encontra-se fundida.

Existe uma boa ilustração do conceito de projeção no texto de Marie Louise Von Franz (1987, p.139), através da metáfora da carta de amor do sol com a lua, cujo autor, de suposta origem árabe, foi sênior. Nela, a lua é o recipiente da luz do sol, a qual irradia sua luminosidade “imperfeita”, ou seja, não clareia plenamente o planeta Terra. A luz do luar brilha pelos seus ciclos, crescente, cheia e minguante. Entretanto, a incompletude da lua devido sua escuridão própria é importante para o sol. O sol é expressão de divindades soberanas em diversas civilizações arcaicas, no entanto, a lua também reflete sua deidade na relação com o planeta Terra. Percebemos o quanto ela influencia os movimentos das marés, ou mesmo, o crescimento das plantas. A lua diz ao sol: “Necessita de mim como o galo

---

<sup>11</sup> Chamamos de projetados como refletidos.



precisa da galinha, e eu necessito de tuas obras, porque tua ética é perfeita, o pai de todos os planetas, a luz suprema, o grande senhor”(FRANZ, 1987, p.129). Isto nos sugere que se a lua não existisse, a luz do sol provavelmente se perderia no espaço. Logo, o sol não refletiria, não projetaria sua luminosidade na lua, para que esta influenciasse os ciclos de vida existentes na Terra. Relacionando-se de forma interativa, nenhum dos astros estará incompleto, mas recebendo e projetando brilho, simultaneamente, a fim de gerar ciclos de vida na Terra.

O conceito de transferência não equivale ao de projeção. A transferência também foi estudada pelo médico suíço e consiste em uma tentativa do cliente estabelecer uma relação com o seu terapeuta. Esta relação pode ser permeada por sentimentos como o amor e a simpatia, transferência positiva; bem como pode se estruturar através de afetos como o ódio e antipatia, transferência negativa. No entanto, no processo clínico ambas acontecem, visto que tal processo não é unilateral. Acredita-se que este fenômeno psíquico seja fundamental para o cliente restabelecer sua interação com a vida de forma produtiva e criativa (JUNG, 2007, p. 6). A transferência é composta por projeções, sendo assim, o terapeuta será um sujeito que a recebe com características construtivas ou destrutivas por parte do cliente. Neste momento, enfatizamos que o terapeuta deve ser uma pessoa, que interaja intimamente com seu material psíquico. A transferência é uma relação que se estabelece de inconsciente para inconsciente, no qual os aspectos referentes à vida objetiva, como por exemplo, as titulações do terapeuta, não serão determinantes para o processo de integração psicológica satisfatória por parte do cliente. Jung nos diz:

O conhecimento é indispensável a uma compreensão objetiva de sua doença e ao estabelecimento de uma relação humana (grifo nosso). Não se trata de um conhecimento puramente médico, que diz respeito a uma área específica, mas de um conhecimento amplo de todos os aspectos da alma humana...O resultado do tratamento deve ir além da simples solução da antiga atitude patológica. Deve levar o paciente a uma renovação, a uma atitude mais sábia e mais apta para a vida (JUNG, 2007, p.10).

A questão da causalidade, ou seja, sobre o *porquê* do cliente viver um determinado estado patológico não é relevante no método junguiano. A atitude prospectiva, a importância

de saber sobre o *para quê* uma dissociação psíquica está acontecendo, é enfatizada por Jung, interessando-se pelo sentido que o mal-estar psicológico produz no cliente.

O autor concebe a dissociação psíquica como uma não assimilação de conteúdos inconscientes pela consciência. Ele percebe que cada indivíduo tem sua própria maneira de viver, sua “lei interior” (JUNG, 2007, p. 31). Uma vez que o indivíduo desrespeita a sua própria forma de ser, ele desenvolverá uma forma sofrida de viver. O terapeuta deverá, cuidadosamente, integrar o material inconsciente ignorado pelo cliente a sua consciência. Este é o momento no qual o vínculo transferencial deverá ser saudável, visto que o terapeuta, possivelmente, abordará questões nem sempre agradáveis para o cliente. Logo, para Jung a transferência positiva é determinante para um resultado satisfatório no tratamento (JUNG, 2007, p. 35). No processo psicótico, a transferência pode acontecer de forma que o terapeuta receba intensamente os conteúdos inconscientes e sombrios por parte do cliente, sem conseguir se discriminar dos mesmos (JUNG, 2007, p. 50). O trabalho requer do terapeuta cuidado, paciência e envolvimento afetivo, para propiciar uma ampliação das experiências e, conseqüentemente, um aumento da liberdade do sujeito.

Jung conceituou o inconsciente como a estrutura psíquica que não mantém relação com o ego de forma direta (SILVEIRA, 1996, p.73). Através da observação dos sonhos e das transferências em sua clínica, o médico pôde constatar que o inconsciente podia se manifestar de forma pessoal e suprapessoal/coletivo. No inconsciente pessoal, existem lembranças perdidas, reprimidas, bem como experiências dolorosas. São conteúdos da história pessoal do indivíduo que não alcançaram o limiar da consciência por falta de intensidade quanto à carga energética. Estes podem constituir aspectos não construtivos para a transformação produtiva da psique, denominados de sombra (JUNG, 2007, p.58). O inconsciente suprapessoal/coletivo é caracterizado por uma camada psíquica mais profunda. Nele, encontramos imagens primordiais, antigas e universais, inerentes a toda humanidade.

O inconsciente coletivo é compartilhado por todas as etnias. A analogia entre anatomia do corpo humano e o inconsciente coletivo é possível de ser feita, considerando que toda a raça humana tende a possuir a mesma anatomia, independente da origem (SILVEIRA, 1996, p.74.). Segundo Jung, o inconsciente coletivo é fonte de grandes inspirações artísticas e científicas. Exemplifica tal fato com a idéia da concentração de energia, cujo autor foi o médico Robert Mayer. É relevante observar que esta idéia de Mayer não foi um processo pré-

definido, mas foi crescendo no interior do criador, tal qual uma planta (JUNG, 2007, p.59).

Mayer fez o seguinte registro em uma carta, datada de 1844:

A teoria não foi chocada em escrivania (A seguir, informa sobre certas informações fisiológicas feitas em 1840 e 1841 como médico da Marinha) Se quisermos certos pontos da fisiologia, prossegue em sua carta é indispensável conhecer os processos físicos; isto se a matéria não for trabalhada de preferência do ponto de vista da metafísica, o que me desagrada profundamente. Ative-me, portanto, à física e lancei-me no assunto com tal paixão que pouco me interessavam as paragens exóticas que percorríamos o que muitos vão achar ridículo e preferia ficar a bordo, onde podia trabalhar ininterruptamente e me sentia como que inspirado durante horas a fio. Não me lembro de ter vivido momentos semelhantes, nem antes, nem depois. Rápidos clarões perpassaram meu pensamento (isso foi no ancoradouro de Surabaja), eram captadas e imediata e avidamente perseguidas, levando, por sua vez, a novos objetos. Esses tempos passaram. Mas o exame calmo do que emergiu em mim (grifos do autor) naquela ocasião confirmou de que se tratava de uma verdade. Não só uma verdade subjetiva, mas uma verdade que também pode ser comprovada objetivamente. Se isso pode acontecer a um homem tão pouco versado em física como eu,(grifos do autor) é uma questão que devo deixar em suspenso (JUNG, 2007, p. 59).

Este novo pensamento da época, desenvolvido por Robert Mayer, não foi criado a partir de um profundo estudo de idéias tradicionais acerca de energia, “...mas pertencem à ordem das idéias captadas intuitivamente, provinda de outras esferas de trabalho espiritual, que também assaltam o pensamento, exigindo que os conceitos tradicionais se transformem com elas” (JUNG, 2007, p.59).

No próximo capítulo, o filósofo Martin Heidegger remeterá à idéia da “ponte” como forma de abertura de sentidos. Pensamos que ela pode ser o próprio *opus* alquímico, levando o viajante às inúmeras maneiras de existir no mundo. Outro filósofo, Gaston Bachelard, será revisitado em sua noção de “casa” como espaço de morada, a qual acreditamos ter relação com a espacialidade qualitativa que se opera à Arte da alquimia.

## **CAPÍTULO 2 : CULTIVAR, HABITAR, BROTAR – UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA**

Falaremos aqui de habitação, de modo bastante específico, enquanto abertura de sentido. Os animais possuem um meio ambiente, mas apenas o homem faz do mundo sua morada. Poderíamos parafrasear a clássica definição do homem como animal racional, dizendo: “o homem é o ser vivo que habita”. Habitar é um processo no qual estamos existencialmente envolvidos. Para desenvolver tal questão, iremos refletir sobre as experiências que os participantes da “Oficina de Jardim” nos trazem, em diálogo com os pensamentos dos filósofos Gaston Bachelard, Martin Heidegger e com a Psicologia Junguiana.

Heidegger, em seu texto “Construir, Habitar, Pensar” (2001), nos coloca diante do que seja o construir. Destaca que, ao construirmos, já estamos habitando, visto que o sentido de habitar está implícito no construir. Torna-se, assim, por este caminho, impossível pensarmos na estruturação de um espaço, caso já não o habitemos. Articulado o conceito de construir heideggeriano com os “espaços poéticos” de Bachelard, somos conduzidos a redimensionar os espaços internos, rebatendo-os nos espaços externos. Habitar é a construção, na sua forma mais objetiva, de uma subjetividade. No alemão, o termo arcaico *buan* (HEIDEGGER, 2001, p.126) significa habitar, permanecer, morar; reiterando, assim, nosso raciocínio, no qual construir/habitar não são dois conceitos divididos, não sendo um a causa do outro. Ambos se integram, impulsionando-nos a ter uma outra percepção a respeito do construir/habitar. Estamos envolvidos em nossos espaços, criando, assim, uma relação de intimidade com aqueles cotidianamente construídos/habitados por nós. No *opus* alquímico, o *artifex* estava transformando sua psique simbolicamente, através da modificação dos metais. Heidegger nos propõe igualmente transformações, ou seja, construir e reconstruir formas de habitação na medida em que criamos mundos, habitando-os.

Bachelard nos convida, através de uma “leitura-imagética”, ou seja, uma descrição fenomenológica, à síntese das imagens vividas. Em sua obra “A Poética do Espaço” (1993) elaborou o conceito denominado topoanálise. Desenvolveu o estudo psicológico de nossa vida íntima, em que os espaços estão em constante interação; vibrando e pulsando, contraindo-se e expandindo-se, constituindo, a cada momento, a estrutura vivencial de nosso ser-no-mundo.

Naturalmente, o autor nos implicará nesta relação imagem/espço, visto que também somos e ocupamos imagens e espaços e, só por isso, podemos vivê-los e apropriá-los. Uma imagem, por exemplo, tem movimento, tem intensidade, evoca outras na nossa imaginação. Sendo assim, estamos atravessados e possuídos por elas. É importante enfatizar que a imagem bachelardiana é libertadora. Ela não está aprisionada aos valores, mas aos afetos dinâmicos e potencializadores de vida.

Nesta leitura, o filósofo discorre sobre forças que existem nos poemas e que tendem a nos transformar, não passam pela compreensão do saber racional, mas pela apreensão atenta da experiência. Através da poesia e da prosa literária, intuímos, imediatamente, imagens. Segundo Bachelard, esta dinâmica convoca a integrarmos nossas vivências primevas com os espaços, como, por exemplo, o da casa natal. Quando o conceito “primevo“ é utilizado, não se trata de uma estrutura identitária fundante, mas do retorno ao período em que nossa ingenuidade estava mais a florada, abrindo as infinitas possibilidades para o mundo da imaginação. A dimensão do sensível, que está relacionada com a imaginação sugerida pelo autor, é convocada para inquietar e dinamizar, despertando o ser dos seus automatismos. O autor observa, de forma semelhante a Heidegger, que nos encontramos na casa, bem como ela se encontra em nós.

Bachelard irá percorrer o espaço da casa natal e se fixará aos respectivos aposentos. Caminhando pelos cômodos da casa, encontraremos inseridos os móveis, os armários, as gavetas, os espaços nos quais, muitas vezes, estão guardados os nossos grandes segredos. Nestes espaços de maior intimidade, bem como o é a casa natal, torna-se necessário evocar uma suspensão, entrarmos em contato afetivo com os mesmos, rompendo as barreiras que nos determinam dentro da lógica do pensamento cartesiano sujeito-objeto. Poderemos entrar em relação com novas experiências do olhar, fragmentando formas de percepção que estavam petrificadas, permitindo a experimentação de diferentes afetos, que poderão ser despertados através deste encontro. Esta comunhão pode possibilitar o redimensionamento destes espaços ínfimos e secretos do ser-no-mundo. Poderemos ser conduzidos a aberturas renovadas no que tange à questão do tempo-espço para que nos lancemos às experiências com outras formas de interação com a vida. Seremos, portanto, convidados a nos metamorfosearmos com a finalidade de acomodarmos nossos corpos a estes pequenos espaços, inserido-nos, assim, no mundo da imaginação, sem perder de vista o diálogo com o meio que nos cerca.

Bachelard apontará que a imaginação, fluindo nesta corrente, poderá transportar o ser a reencontrar o espaço do abrigo. Nossas moradas estão habitualmente naturalizadas, pois deixaram de ter a função da nossa casa natal, a função de prover a imaginação. Quando habitávamos nossa casa natal, a imaginação era mais poderosa que o pensamento. Somos tragados, por exemplo, pela experiência do habitante de uma ilha, lugar isolado do ritmo frenético do continente, cuja pequena casa ficava a beira mar, cercada por uma vegetação subtropical, onde não havia eletricidade. As freqüentes chuvas sazonais, acompanhadas pelo inseparável vento sudoeste, despertavam alegria e medo para tal morador. Os adultos habitantes desta casa espalhavam panelas e baldes pela mesma, pois as telhas eram frágeis diante da tempestade, permitindo que as fortes goteiras invadissem a casa; contudo, elas eram contidas com muita musicalidade, pelos pequenos espaços de alumínio. O minúsculo morador, porém, sempre se perguntava: “... será que as paredes desta casa suportarão a intensidade desta tempestade?” Os coqueiros, situados ao redor da casa, também compunham um outro espetáculo, com ritmo, cor e muito movimento. Havia um outro risco iminente, o de folhas destes coqueiros caírem sobre a casa. Por um lado, aquela casa era um abrigo, mas as telhas denunciavam que a “casa-abrigo” possuía outras aberturas para a vida. Vida que, naquela situação, estava cercada por imagens, espaços e sons com infínitos encantamentos e perigos.

Torna-se relevante enfatizar que a casa natal não estava totalmente isolada, mas havia, embora distantes, outras pequenas moradas de pescadores que estavam sempre prestes a cooperar na reestruturação da sua casa natal, pois todos viviam a mesma situação do perigo repentino, ao verem seus espaços varridos pela forte tempestade. Queremos, com este exemplo, mostrar que a experiência daquele momento inaugural, naquela casa natal, não poderia deixar de imprimir marcas perenes nas habitações futuras do pequeno morador: encantamento, perigo e solidariedade. Três afetos que permeavam a relação com aquele abrigo natal.

Sá ([2008]) nos diz em seu artigo “Projeto Plantando Sonhos – uma oficina de jardim” que há uma analogia entre o macrocosmo, ou seja, tudo o que na vida nos cerca e o microcosmo, o homem, estando os mesmos em constante interação. Segundo Sá, a construção de uma casa é uma das formas de estruturação do antropocosmo referente à experiência de

proteção e de enraizamento. Ele também articula suas idéias aos pensamentos heideggeriano e bachelardiano, em que podemos ver a casa como um mezzocosmo.

Ao construirmos/habitarmos uma casa, estamos, então, estruturando uma mediação simbólica entre homem e cosmo, de proteção e de enraizamento com a vida, entendendo enraizamento como forma de co-pertencimento de homem e mundo. Reiteramos que a casa não é uma estrutura estática. Suas paredes são porosas, ela nos integra com a vida exterior. O ato de imaginar uma pequena fechadura na porta da casa, retomando Bachelard, conduz-nos a ligação entre o microcosmo e o macrocosmo. Trata-se também da idéia da ponte, na ótica heideggeriana, aquela que agrega os espaços, dinamizando também nossos movimentos, nossas idéias, saciando e provocando nossa curiosidade, assegurando-nos que os limites entre os espaços podem e devem ser ultrapassados, sem que o mundo retorne ao caos.

As primeiras moradas de nossos antepassados foram as cavernas e, segundo Gombrich (1999, p.40), as primeiras imagens pictóricas foram feitas por eles na Era Glacial, nas cavernas de Lascaux, situadas na França e nas de Altamira, na Espanha. Trata-se, em ambos casos, de pinturas rupestres registradas entre os períodos de 15000 aC. a 10000 aC. As imagens são de bisões, cavalos e, por vezes, pintadas umas sobre as outras, sem qualquer ordenação aparente. O autor irá interpretar tais imagens como uma produção pela qual evidenciaria o pensamento mágico de nossos antepassados. Uma vez que eles pintavam tais animais, poderiam dominá-los, com a finalidade de se alimentarem. Estas primeiras moradas, além de lhes oferecerem o abrigo fundamental contra as adversidades do ambiente em que se encontravam, poderiam também ser percebidas como moradas-pontes. Eles precisavam entrar em contato com outros espaços de sentido. A fim de sobreviverem, captavam elementos contidos nestes espaços e os registravam em seu construir/ habitar. É indubitável que os espaços das cavernas já estavam se integrando com os espaços distintos; nossos antepassados já percebiam a necessidade de tais dimensões se articularem, embora na interpretação, ao nosso ver insuficiente de Gombrich, as imagens estivessem relacionadas por uma mera necessidade funcional. Inegavelmente, as imagens e os espaços tornaram-se expressões de vida e de interação entre o dentro e o fora da caverna. Neste momento, nossos ancestrais estavam criando, então, a caverna-ponte. Não se trata de meras necessidades funcionais, mas da irreduzível abertura humana ao sentido do mundo.

Podemos nos referendar também à subjetividade de algumas pessoas cujas “pontes” se rompem, e cujo desenraizamento pode ser entendido como dificuldade de perceber um sentido na relação com a vida. Seus vínculos e alianças com o outro são frágeis, existindo, freqüentemente, casos daquelas que não os têm. Com isso, o sentimento e a sensação de falta de sentido, de pertencimento, faz com que as mesmas apresentem comportamentos não muito adequados diante do seu meio de convívio. Vamos nomear a experiência destas pessoas, utilizando o conceito cunhado por Jung de psicose. Pode ser que haja intervenções de profissionais dos campos da saúde, da educação ou mesmo colegas do seu local de trabalho, que realizem encaminhamentos para tais pessoas, a fim de que procurem assistência em um lugar supostamente especializado para atender estas demandas. Estes espaços são, geralmente, os consultórios de especialistas psi, instituições psiquiátricas e dispositivos de saúde mental. Todos podem estar vinculados aos sistemas públicos de saúde ou aos privados. Não podemos deixar de mencionar os casos daquelas que geralmente pertencem à população de baixa renda e são “socorridas<sup>12</sup>” pela polícia ou pelo corpo de bombeiro, sendo encaminhadas à emergência de um hospital psiquiátrico da rede pública de saúde.

Esta foi uma constatação feita trabalhando durante quatro anos no setor de emergência do Hospital Jurandir Manfredine-HJM, pertencente à Colônia Juliano Moreira/Ministério da Saúde-CJM/MS, há 18 anos atrás, como psicóloga, período este que correspondeu à implementação de equipes multidisciplinares neste setor no HJM. Era comum observar, através da anamnese psiquiátrica, que a pessoa anteriormente anônima já estava então codificada como, por exemplo: paciente<sup>13</sup> João. Estes clientes geralmente traziam experiências referentes a visões acompanhadas de grande sentimento de angústia.

Carl Gustav Jung valorizava estas visões ou imagens como expressão da vida subjetiva do homem. Percebia que as imagens arquetípicas, imagens que são herdadas, que fazem parte de nossa estrutura psíquica inconsciente, desde período remoto, também podem

---

<sup>12</sup> Pudemos observar que freqüentemente não existia nenhum tipo de acolhimento nesta estratégia de socorro. Não eram raros os casos de pessoas trazidas pelo Corpo de Bombeiros, imobilizadas por uma rede. A polícia também não nos parecia saber como lidar com tais situações, uma vez que chegavam à emergência do hospital portando armas.

<sup>13</sup> Vale aqui enfatizar o nosso descontentamento por tal terminologia oriunda do saber médico. Como enfatizou Dra. Nise da Silveira (vídeo Entrevista com Nise da Silveira, 1999) a palavra paciente deriva de passividade e nenhuma pessoa é passiva.



ser de extrema ajuda na compreensão dos processos ditos psicóticos<sup>14</sup> pelo saber médico. Tais imagens também não estão estagnadas, são dinâmicas, e podem ser compreendidas, no sentido de oferecer uma maior percepção desses estados psicopatológicos.

Jung nos fala da experiência psicótica, quando o consciente é invadido por imagens arquetípicas com forte carga energética, acarretando na fragmentação do ego. Estas imagens, ora fascinam, ora apavoram, ora tranquilizam. No caso das imagens vivenciadas pelos clientes psicóticos, elas são aprisionantes, mesmo sendo de grande qualidade estética. As falas referentes às imagens, que tais pessoas comumente ouvidas por nós possuem, são carregadas por afetos e sensações destrutivos. Relatam que seus corpos e sua forma de lidar com a vida são não convencionais, “estão soltas no mundo”. Nesta complexa experiência, é comum percebermos o desenraizamento destas pessoas no que se refere à vida. São constantes os relatos sobre as precariedades, de proteção, de abrigo, de uma casa natal.

Jung propõe que reconheçamos tais pessoas em suas singularidades e entendamos que o processo psicótico pode ser também criativo, caso seja cuidado. Convida-nos, a fim de compreendermos tais pessoas, a estudar mitologia, história da religião, filosofia, história da arte, antropologia, enfim, saberes que estão implicados na formação da humanidade, visto que, mesmo o homem contemporâneo, traz em sua psique registros inconscientes da história da humanidade.

Jung não vai propor nenhuma resposta pronta. Pelo contrário, sugerirá reflexões, muito estudo e alguns caminhos para minimizar o sofrimento existencial destas pessoas. A abordagem clínica sugerida por Jung realiza-se também, através da exteriorização, da exploração e do confronto com o sentido que cada pessoa irá oferecer a respeito das imagens arquetípicas, nas quais as pessoas em estado psicótico encontram-se enclausuradas. O ato de concretizar as imagens vividas por tais pessoas como, por exemplo, na pintura e na modelagem, possibilita-nos confrontar e compartilhar de suas angústias, mas também de seus potenciais criativos. As imagens criadas pelos clientes não serão jamais idênticas, pois elas também se metamorfoseiam no inconsciente e, conseqüentemente, serão exteriorizadas com distinção. Cabe, então, ao terapeuta, ficar atento a tais modificações, considerando,

---

<sup>14</sup> Reconhecemos que o conceito psicótico expressa uma estrutura psíquica baseada no saber médico. Contudo, Jung não irá despotencializar nos seus estudos tais estruturas, pelo contrário, buscará entender tal processo, a fim de que haja a construção de uma maneira de pensar/fazer a clínica voltada para tais pessoas com estas estruturas psíquicas, respeitando as diferenças entre as mesmas.

principalmente, que uma relação construtiva entre o mesmo e o cliente estará também interferindo na transformação destas imagens.

A imagem é um espaço bidimensional no que tange à pintura e, tridimensional, referindo-se à modelagem E espaços nos quais não nos cabe interferir, a não ser no sentido de amplificá-lo junto ao cliente. Tal amplificação se faz necessária para que o cliente nos aponte algum indício de complexos<sup>15</sup> que envolvem sua imagem vivida, visto que ele se encontra encarcerado na imagem, no complexo. Existe a possibilidade de encontrar nestes complexos, símbolos que poderão vir a ser a ponte com a vida que encontra-se rompida. Considerando que as imagens, como nos casos da pintura e da modelagem, são sempre espaços e também nos falam de habitação, revelando, portanto, nosso modo de habitar, Bachelard nos fala: “a casa é a moradia da alma” (1989, p. 20). A pessoa em estado psicótico acredita que sua própria casa está fadada ao isolamento, seja porque as normas e os valores da sociedade não a incorporem, seja porque em tais casas é, freqüentemente, angustiante morar.

Heidegger (2001, p.127) irá relacionar o construir/habitar com o cultivar, visto que é uma das formas de estruturação do espaço, dimensão esta principal, em que se realiza a “Oficina de Jardim” com clientes psicóticos, atualmente no IPUB/UFRJ. O espaço do jardim pode ser transformador para a abertura de sentidos, assim como o laboratório do alquimista. Reiteramos o jogo com a palavra laboratório, visto que não estamos respaldados em nenhuma fundamentação etimológica. Labor/trabalho + oratório, local onde o homem realiza a mediação com o divino. Nos laboratórios, os alquimistas realizavam suas Obras manipulando os metais, buscando a transmutação deles. O intuito era encontrar a pedra filosofal. Esta experiência interagiu com suas próprias metamorfoses psíquicas na tentativa de ampliar a consciência.

---

<sup>15</sup> Termo cunhado por Jung que se refere a nódulos de conteúdos psíquicos com grande carga afetiva.

## **CAPÍTULO 3: REGAS, PODAS E COLHEITAS**

### **3.1. Histórico da Oficina de Jardim**

O Eu é uma árvore<sup>16</sup>.

João

A prática terapêutica que envolve a relação com as flores já foi identificada, através da tese de doutoramento de Manoel Olavo Teixeira Loureiro, “Deus e a ciência na terra do sol: o hospício Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil” (1998). Neste trabalho, o autor registrou a existência de uma oficina de flores em 1854. Esta atividade foi implementada no primeiro hospício do Brasil, inaugurado em 1852, Hospício de Pedro II. Nise da Silveira nos deu seu relato, em uma entrevista realizada no ano de 1999, dizendo que também trabalhou na frente do Museu do Inconsciente com a jardinagem, aprendendo muito com tal prática que foi criada de forma espontânea pelos clientes cuidados por ela e sua equipe.

O “Projeto Plantando Sonhos, Oficina de Jardim”, pensada neste trabalho como um dispositivo clínico, teve sua origem há quatorze anos, em 1993, na Colônia Juliano Moreira, atual Instituto Municipal de Assistência a Saúde - IMAS Juliano Moreira cuja característica é ser uma instituição voltada para assistência em saúde mental, situado em uma região rural do Rio de Janeiro. Contamos, no início, com a participação de uma cliente que tinha extrema dificuldade de se relacionar com a vida, devido ao seu estado psicótico, apresentando comportamento agressivo quando invadida por alucinações visual e auditiva. Alva era cuidada por nós ambulatorialmente, bem como acompanhada pela médica assistente, no Hospital Municipal Jurandir Manfredine, pertencente ao IMAS Juliano Moreira.

Ela portava, freqüentemente, um material cortante, pois dizia ter que “ajustar contas” com várias pessoas que lhe fizeram mal. Tal fato preocupava seus filhos e a todos os

---

<sup>16</sup> Cliente relacionou o crescimento de uma árvore com o desenvolvimento espiritual de sua vida.

responsáveis pelo seu cuidado. Sentíamos-nos freqüentemente frustrados pelo fato de não conseguirmos mergulhar no mundo de Alva. Nossa escuta, acolhimento e tentativas no consultório, de darmos sentido ao sofrimento dela pareciam não serem suficientes perante sua demanda. As queixas com relação a sua existência eram incessantes e nossas abordagens de trabalho se esgotavam.

Alva gostava de plantas, apesar de não tê-las em casa. Conversando com a médica assistente e com a direção do hospital, achamos que o trabalho com o cultivo da terra poderia trazer benefícios ao seu tratamento. Depois de expormos nossa nova estratégia terapêutica, obtivemos a permissão da cliente para a continuação do trabalho. Alva foi convidada a sair do consultório e conhecer os espaços ao redor do hospital, a fim de escolher o lugar onde começaríamos o cultivo. Ela escolheu a entrada da instituição para ser plantada, visto que considerou o espaço mal tratado. Logo após termos iniciado o trabalho, outros clientes que se tratavam no hospital, quiseram participar da atividade. Após dois meses, um grupo, composto por onze pessoas, estava se consolidando. Oito deles com diagnóstico médico de psicose.



**Figura 1.** Entrada do Hospital Municipal Jurandir Manfredine, antes da intervenção do “Projeto Plantando Sonhos.”

Os clientes deram um nome ao grupo, “Plantadores de Sonhos” e, após mais algumas sugestões, a atividade ficou reconhecida pelos integrantes como “Projeto Plantando Sonhos”. Os participantes arrumavam plantas para o cultivo e nós, material de jardinagem. Este foi o

momento no qual procuramos ter bastante atenção e cuidado com o que propúnhamos e conversávamos. Nesta época, trocávamos experiências e recebíamos orientações de Dra. Nise da Silveira. Houve grande motivação por parte dela, que nos dizia: “junto com os clientes, poderá haver o cultivo de um belo jardim...” Ela sabia que a tarefa não era fácil, mas a Reforma Psiquiátrica começava a se tornar expressiva e era uma questão importante para nós. As falas e o envolvimento dos clientes na atividade eram a nossa principal orientação para a paulatina construção do projeto.

Foi bastante confuso nos apropriarmos de uma técnica específica para darmos continuidade ao trabalho. Entretanto, percebemos, principalmente, que a escuta a partir dos clientes, o estudo, a experiência cotidiana reavaliada, bem como eventuais consultas à Dra. Nise da Silveira poderiam ser aspectos, nos quais se constituíam em um bom início para uma atividade tão incipiente.

Sentíamos-nos inseguros no caminhar do projeto, contudo, os clientes nos ajudaram a superar parcialmente as indefinições, visto que se sentiam bem e participavam do grupo assiduamente, até sugerindo atividades. Desenhos, pinturas, música, colagens, foram formas de expressões bastante utilizadas, além do plantio. Geralmente plantávamos e depois nos reuníamos em uma sala para desenvolver atividades referentes às reflexões sobre o plantio. Recolhemos depoimentos a respeito da experiência deles na relação com a terra, principalmente na infância. Todos já haviam plantado ao menos uma árvore e cuidado atentamente deste plantio. Tinham a vivência de ver uma planta crescer, florescer e dar frutos. Acreditavam que ao cuidar da terra, onde se situava o hospital, ela seria nutrida e ofereceria um belo ambiente à instituição. Já percebíamos que as falas e reflexões sobre a terra já ecoavam na alma de todos do grupo. Buscávamos fertilizar nossas relações com a vida. Todos relacionavam a sementeira da terra a da alma. Vislumbrávamos transformações criativas, característica da relação do ego com o arquétipo da Grande Mãe<sup>17</sup>.

Infelizmente, nem todas as atividades sugeridas pelo grupo puderam ser acolhidas, pois a instituição carecia de recursos materiais para o trabalho. Logo, tomávamos a iniciativa como, por exemplo, sair da instituição com o nosso próprio carro, a fim de podermos

---

<sup>17</sup> O arquétipo da Grande Mãe está relacionado ao feminino. Suas características construtivas estão articuladas ao cuidado, ao crescimento, a fertilização, a elevação espiritual. Na sua variável negativa, está a mãe devoradora que impede a transformação satisfatória do ser. O jardim é concebido por Jung como símbolo deste arquétipo. (JUNG, 2001, p. 91).

conhecer outras áreas ajardinadas nas adjacências da região. Era importante para todos o contato com realidades distintas da nossa, bem como com pessoas diferentes. As chamadas “instabilidades emocionais” aconteciam com alguma frequência, mas o grupo se fazia presente nessas eventualidades.

Recordamos que em um passeio na antiga Fazenda Modelo<sup>18</sup>, com o intuito de conhecer como o trabalho com o plantio era desenvolvido neste lugar, houve uma agitação psicomotora por parte de um dos integrantes do “Projeto Plantando Sonhos”. Apesar do estranhamento das pessoas que trabalhavam e habitavam na Fazenda Modelo, pudemos junto com o grupo do projeto oferecer suporte para a pessoa que teve o mal-estar. Ela achou que estava revendo em um dos moradores daquela instituição seu ex-marido assassinado meses antes. Ela perdeu momentaneamente a consciência, porém não houve necessidade de acionar a ambulância do hospital. O forte vínculo positivo estabelecido com ela foi suficiente para ajudá-la. Ela foi colocada sobre uma cama em uma sala da Fazenda Modelo e três integrantes do grupo, reconduziram-na a realidade.

A cliente pôde reconhecer no grupo, pessoas afetivas, que tinham passado por situações de grande sofrimento, como ela. Houve uma verdadeira identificação com o outro e a certeza de que não estava só naquele momento. Ficamos preocupados com o ocorrido e quando chegamos ao hospital fomos consultar o seu médico assistente, a fim de avaliar aquela situação. Ao relatar tal acontecimento à Dra. Nise, ela nos disse: “vocês devem ser mais prudentes ao lidarem com psicóticos (...) são pessoas extremamente sensíveis...”. Este comentário se desdobrou em uma profunda reflexão feita por nós, diante da fragilidade do psicótico, diante da nossa fragilidade perante o psicótico, diante da fragilidade humana.

Fomos pedir apoio ao então chamado Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no sentido de obtermos mudas e sementes de plantas ornamentais e instruções sobre jardinagem. A equipe do Jardim Botânico foi de grande ajuda, pois além de irem até à Colônia, doaram mudas de plantas não comuns ao ambiente de um hospital, como orquídeas. Contudo, todas as orquídeas foram roubadas e pedimos para a equipe do Jardim Botânico, que também se frustrou com o furto, interrompesse suas visitas à Colônia. Precisávamos, de forma compartilhada, no grupo, reavaliar o encaminhamento da proposta. E foi com muita surpresa

---

<sup>18</sup> Fazenda Modelo era uma instituição, existente no bairro de Guaratiba que acolhia pessoas que viviam na rua.

que um dos componentes do grupo nos falou: “...teremos que enfrentar um problema ainda maior, pois todo mundo diz que planta roubada é a que vinga...” Apesar desta importante questão cultural ter sido exposta, resolvemos tomar atitudes para a continuidade do trabalho terapêutico, que beneficiaria a instituição, repensando os espaços articulados ao cuidado.

Conversamos com diversas pessoas que freqüentavam o hospital, bem como distribuimos panfletos e colocamos plaquinhas de madeira nas áreas externas da instituição, correspondentes aos canteiros na entrada do hospital, registrando a relevância da proposta e convidando todos para participar da mesma. Recomeçamos o cultivo das plantas ornamentais mais comuns e, então, os roubos cessaram. Reconstruímos singelos e pequenos jardins enquanto aguardávamos o retorno das aulas. Avaliávamos que o comprometimento do grupo também se estendia ao jardim. Ele precisava ser molhado, pois o solo era bastante árido e o sol forte. Percebíamos que era uma vida similar ao nosso processo psíquico com elementos que nasciam, cresciam, morriam, transformavam-se.

Alva era uma das integrantes mais preocupadas com a situação do ressecamento da terra, identificava-se com a proposta de construir mundos, para ela, para os outros, de forma compartilhada. Gradativamente, foi se tornando uma liderança e estabeleceu uma boa relação com os demais componentes do grupo. Escutávamos dela que estava saindo do seu estado de isolamento, comportamento este que era sua grande característica. A relação com os filhos também estava melhorando, visto que conversava mais com eles.

Passado algum tempo, os integrantes do grupo solicitaram aulas de jardinagem. Pensamos em conversar com a equipe do Jardim Botânico, mas não havia estrutura necessária, por parte desta instituição, para oferecer um curso de jardinagem aos clientes. Nos dirigimos até a Fundação de Parques e Jardins do Rio de Janeiro- FPJ<sup>19</sup>, a fim de procurar nos informar sobre a possibilidade desta instituição capacitar os clientes como jardineiros. Esta oportunidade nos foi concedida e uma equipe da Escola de Jardinagem da Fundação de Parques e Jardins do Rio de Janeiro foi freqüentemente à Colônia para ministrar o curso.

---

<sup>19</sup> Esta Instituição mantém até hoje este trabalho, capacitando jardineiros, em alguns CAPS da rede pública de saúde e no IMAS Nise da Silveira.



**Figura 2.** Aula de Jardinagem ministrada pela Fundação de Parques e Jardins Rio de Janeiro, no Horto do IMAS Colônia Juliano Moreira.<sup>20</sup>

A diretora da Escola de Jardinagem, na época, ia semanalmente junto com um professor de jardinagem da FPJ/RJ, a fim de acompanhar e participar desta experiência piloto. Inicialmente, fomos todos caminhando até o antigo Pavilhão Agrícola, escolhido por ser o local mais adequado às aulas. Era um belo espaço que parecia estar desativado se não fosse pelas casas de madeira, já com cupins, construídas pelo arquiteto Zanine para abrigar tribos indígenas no famoso evento, ECO 92. Nossa caminhada matinal até o Horto era bastante descontraída, pois no momento em que as aulas começavam, todos deveriam estar atentos. As aulas eram eminentemente práticas e os materiais cedidos pela FPJ/RJ. Este foi um período no qual pudemos nos relacionar com maior frequência com pessoas que viviam outras experiências de trabalho. Foi uma verdadeira troca. Todos aprenderam que seus conhecimentos podiam ser sempre enriquecidos, pela possibilidade de construir mais laços afetivos na vida, inclusive os profissionais da FPJ/RJ. O grupo parecia estar mais enraizado a vida.

Após as aulas de jardinagem, que incluíam desde a preparação do solo até a manutenção do jardim, retornamos à frente do hospital. A diretora e o professor de jardinagem levaram plantas ornamentais, bastante bonitas e trabalharam a terra. O plantio daquelas mudas foi um verdadeiro acontecimento para nós e para os profissionais do hospital.

---

<sup>20</sup> As tarjas pretas foram colocadas em algumas imagens no sentido de preservar a identidade do cliente. Ele nem sempre gosta de ser identificado.



O jardim foi denominado pelo grupo de “Jardim-mãe”. A entrada da instituição ficou completamente revitalizada e pudemos perceber o grau de alcance do trabalho para além de suas repercussões diretas nos participantes. Essa ampliação nos remetia para os espaços extra muros. O trabalho com a subjetividade e a reabilitação psicossocial, através da relação com a terra, eram interligados, ambos atravessados pela questão à habitação de sentido. Habitávamos e éramos habitados, nossa alma semeava e era semeada.



**Figura 3.** Jardim-mãe, cultivado após a intervenção do “Projeto Plantando Sonhos” na frente do Hospital Municipal Jurandir Manfredine.

Recebemos diplomas da FPJ/RJ, a fim de exercer o ofício de jardineiros, contudo, a nossa grande alegria era a de nos sentirmos capazes para conquistar espaços vitais. A Escola de jardinagem da FPJ/RJ se colocou à disposição dos clientes para tentar equacionar qualquer questão e alguns clientes foram até lá com este objetivo, sendo bem recebidos. Intuímos que na época, houve um verdadeiro *opus*, através deste curso e ficamos muito gratos a todos que cooperaram conosco. Posteriormente, pensamos em uma forma de dar continuidade ao projeto, trabalhando e tentando ser remunerados fora da instituição. Este foi um desejo de todos os integrantes da atividade.

Conversando novamente com a FPJ/RJ, surgiu a possibilidade de trabalharmos na sua Horta Comunitária. Inicialmente esta proposta foi bem recebida, contudo, dependíamos de condições mínimas de locomoção, partindo do hospital para chegar na Horta. A carga horária de trabalho também foi percebida como extenuante, apesar de fazermos diversas reconsiderações, como mudança de turno, quando o calor fosse mais intenso. No entanto, os

clientes medicalizados não suportavam a demanda. Queixavam-se, principalmente, de mal-estar no corpo, sono e tonteira. Logo, confrontamo-nos com dificuldades que acarretaram na interrupção desta parceria com o IMAS Juliano Moreira. É importante acrescentar que nenhum tipo de contrato formal foi estabelecido, o que aconteceu foi um encontro construtivo.

Cinco anos após o término deste projeto retornamos para uma visita ao hospital e verificamos a existência de um quiosque para vendas de plantas na sua entrada sob a corresponsabilidade de clientes e do hospital. O Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira deu continuidade ao trabalho. Houve alguns dispositivos de saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial-CAPS, que também prosseguiram com tal trabalho, posteriormente. Infelizmente, não podemos afirmar se tais parcerias ainda existam.

Em 1997, fomos convidados a implementar este trabalho no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Era importante ampliar nossa atuação, porém nos preocupávamos com a continuidade do trabalho no Hospital Jurandir Manfredine, pois sabíamos que éramos queridos por eles, bem como eles por nós. Clientes como eles, com grande dificuldade de existir com o outro, poderiam retornar a se fechar para o mundo. Uma colega, psicóloga, se incumbiu de coordenar a Oficina de Jardim, visto que o efeito positivo de sua abordagem foi por vezes claro. No caso de Alva ela se responsabilizou pela alimentação dos técnicos do hospital. No ano de 1999, no mês de dezembro, ela declarou em uma entrevista para o jornal da instituição “Cuca – livre”: “...Devo grande parte da minha recuperação ao meu terapeuta. Comecei com um trabalho de jardinagem. Era um trabalho pequeno, muito difícil, foi muito criticado.”

Devemos ampliar nosso olhar perante este pequeno trecho da entrevista concedida por Alva ao Jornal, no qual ela também explicita suas questões subjetivas, como o seu próprio vigor para se recuperar, bem como o seu esforço para ultrapassar sérios conflitos psíquicos na época, tal qual uma alquimista. Ficamos cientes de que posteriormente houve a abertura de uma Cooperativa Agrícola Jurandir Manfredine cujos integrantes foram também participantes da “Oficina de Jardim”. O espaço do Horto foi reativado para atividades assistenciais.

O Instituto de Psiquiatria da UFRJ-IPUB, onde reiniciamos o trabalho em 1997, era uma instituição cujas características estão voltadas para o ensino, pesquisa e assistência em saúde mental, situado em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro<sup>21</sup>. Estamos até os dias de

---

<sup>21</sup> Antes de nos afastarmos da Colônia, conversamos muito com os clientes, visto que nosso afastamento poderia acarretar na desestruturação do trabalho, bem como na do grupo.

hoje no IPUB e o trabalho se desenvolveu de forma bastante distinta, comparado ao da Colônia.

O “Projeto Plantando Sonhos”, nome original, recebeu outro nome, “Oficina de Jardim.” A nova nomeação da proposta nos surpreendeu, indicando por si só, que um novo olhar e uma nova demanda nos era endereçada. O IPUB, neste período, passava por uma transformação em seus espaços, nas abordagens de tratamentos, nos conteúdos de ensino e pesquisa, buscando adequação à Reforma Psiquiátrica. Nosso foco de trabalho foi com os clientes das enfermarias, embora houvesse a participação dos demais, oriundos dos setores referentes ao hospital-dia e ao ambulatório.

Trabalhamos ainda durante um ano com clientes portadores de Alzheimer e outras demências, despertando o interesse de uma aluna de pós-graduação do curso de Psicogeriatria, que produziu uma monografia sobre a “Oficina de Jardim” para idosos demenciados. Nossa experiência também se realizou, durante nove meses, em um Lar Abrigado, sob coordenação do IPUB.

Na instituição havia um jardim central, porém, apesar dele ter sido revitalizado por uma firma de paisagismo, suas plantas estavam morrendo porque não se adaptaram ao ambiente. Este foi o nosso primeiro espaço físico, onde fizemos uma grande intervenção. Contudo, antes que tal interferência ocorresse foi necessário conhecer, fundamentalmente, os clientes internados e os frequentadores do hospital-dia. Nos primeiros meses, houve um estranhamento por parte da instituição, com relação à nossa prática, visto que portávamos materiais de jardinagem, como pá e ancinho, pois também poderiam servir de armas por parte dos clientes, segundo alguns colegas.



**Figura 4.** Jardim do Instituto de Psiquiatria da UFRJ antes da intervenção da “Oficina de Jardim” – “Projeto Plantando Sonhos.”

Pudemos contar com o apoio dos seguintes segmentos na UFRJ: Horto da Prefeitura, Prefeitura/Campus da Praia Vermelha, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Comunicação, Casa da Ciência e da Cultura e Escola de Belas Artes. Também contamos com a participação do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no período de 1998 até o ano de 2002, e, da Fundação de Parques e Jardins, desde o ano de 2000 até o atual momento, contando com a realização de futuros projetos como o “Programa Jardineiros Boa Praça<sup>22</sup>”. Temos anualmente as participações de estudantes<sup>23</sup> de psicologia da UFRJ e da PUC, pois o IPUB mantém o acordo de compromisso para estágio curricular com elas.

A “Oficina”, desenvolvida junto com um jardineiro, tornou-se fundamental, visto que ele promoveu o cuidado necessário ao jardim, já que muitas vezes os clientes não conseguiram prover, consequência de seus estados de saúde. Tivemos a possibilidade de utilizar outras técnicas expressivas, no sentido de enriquecer o trabalho, como desenho, poesia, fotografia, teatro, escultura, música, dança, dentre outras. Não raros foram os passeios e as festas que realizamos fora do espaço institucional.

Propomo-nos a apresentar o projeto ao IPUB e a outras instituições, bem como trocar possíveis experiências similares com colegas interessados na questão da jardinagem. Sendo assim, promovemos com o apoio do IPUB, dois eventos em períodos diferentes, os quais

---

<sup>22</sup> A Escola de Jardinagem da Fundação de Parques e Jardins do Rio de Janeiro, a pedido dos clientes do IPUB ministrou um curso de jardinagem, no ano de 2001.

<sup>23</sup> Tivemos a participação de alunos de cinema e de paisagismo que nos trouxeram grandes contribuições. A relação com todos os estagiários, que passaram pela Oficina, foi valiosa, visto que a troca afetiva e de informações com eles foi intensa e enriquecedora para a continuidade do trabalho que muitas vezes esteve preste a terminar. Pensamos que o trabalho seja deveras utópico. Os clientes mais uma vez depositaram muita confiança nas atividades, fato este que estimulou os estagiários e a nós.

contemplavam profissionais de diferentes campos de saberes como botânica, paisagismo, filosofia, psicologia, psiquiatria, artes plásticas e arquitetura. Estes eventos nos ajudaram a refletir sobre as possibilidades existentes na proposta, assim como na complexidade de dialogar com diferentes áreas de conhecimentos.

Na oficina, estendemos tal reflexão e complexidade para a compreensão do ser que se encontra em sofrimento existencial. Indubitavelmente, outros campos são relevantes como, por exemplo, o social. Este campo é bastante estudado e sofre interferências pelo Movimento da Reforma Psiquiátrica, com o qual nos identificamos em grande medida.

A clientela do IPUB possuía características diferenciadas, pois não tinham uma relação tão próxima com o cultivo, talvez pelo IPUB se situar em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, próximo a um grande shopping. Tal fato não interferiu no desenvolvimento da atividade, mas foi um dado que não tivemos como ignorar. Havia dois clientes na “Oficina”, que planejavam montar uma loja neste shopping. Seria uma forma de enriquecerem mais rapidamente, de maneira honesta, adquirirem companheiros, uma vez que se embelezariam mais e ganhariam fama. Não precisariam mais ser identificadas como “pacientes” do IPUB, fato este que lhes causava incômodo. Após um período estes desejos se esvaíram e estas pessoas ajardinaram suas casas, adquirindo amigos, trocando plantas com a vizinhança. Tal episódio nos deixou satisfeitos, pois reconheceram que amizades ou mesmo namoros, podiam brotar de relações criativas sem a necessidade dos atravessamentos do capital, da fama e do poder.

No IPUB, contamos com a participação de um jardineiro, que auxilia no cuidado com as plantas cultivadas pelos clientes. O jardineiro também acolhe aquelas pessoas que desejam cuidar do jardim, fora do horário da atividade. Ele já conseguiu estabelecer vínculos com vários clientes que os profissionais tinham dificuldades de fazê-lo. Logo, ele pode ser um facilitador em uma relação terapêutica.

A presença de estagiários de graduação em psicologia, auxiliam nos registros dos casos clínicos, bem como na condução do trabalho. Tal como no projeto original, a “Oficina de Jardim” também focaliza essencialmente o cultivo da alma e o cultivo da terra. Em 2008, nosso trabalho completou onze anos nesta instituição.



**Figura 5.** Transformação do Jardim do IPUB – UFRJ

### 3.2. Situações e fragmentos clínicos

O girassol não toma Haldol<sup>24</sup>.

Antonio

Nesta prática terapêutica, iremos juntos - psicóloga, clientes, estagiários de psicologia, jardineiro - cultivar a terra com plantas ornamentais. A semente é símbolo da fertilidade, sendo comum ouvirmos por parte dos clientes: “a semente é vida”. Esta fala é constante pelo fato dos clientes acreditarem que caso plantem uma semente, ela possivelmente vingará<sup>25</sup>. Entretanto, o cuidado é uma atitude fundamental citada pelos participantes para que a vida venha a termo. Tal aspecto é muito comum de ser evidenciado quando sementes de girassol, por exemplo, são colocadas nas palmas de suas mãos. A força simbólica da semente está diretamente articulada, com a potencialidade, de ela vir a se tornar uma vida, caso seja cultivada. Encaminhamo-nos todos ao canteiro, onde as sementes iriam ser plantadas, portando, naturalmente, os materiais de jardinagem adequados.

---

<sup>24</sup> Antonio nos lembra que o girassol procura a luz para viver.

<sup>25</sup> Existe participantes que duvidam da sua própria capacidade de plantar algo. Quando conversamos com eles percebemos o quanto estão inseguros diante a vida.

A prática na “Oficina de Jardim” não é realizada individualmente, a não ser que haja demanda por parte de alguns dos clientes ou percebamos que tal prática possa vir a ser importante para aqueles que não estão conseguindo, momentaneamente, inserirem-se no grupo. Acreditamos que um verdadeiro jardim se construa compartilhadamente, onde as experiências objetivas e subjetivas a respeito das atividades da “Oficina” são trocadas, em grupo, bem como clinicamente trabalhadas pelos terapeutas. Do mesmo modo, um cliente pode vir a solicitar-nos individualmente para conversar ou mesmo para entregar algo ou nós a ele, a fim de colhermos materiais clínicos, fazer alguma intervenção, dentre outras possibilidades.

Em 1997, quando implantamos a proposta no IPUB, chamou-nos a atenção que o seu canteiro principal precisava ser reestruturado, pois havia diversas plantas morrendo, pelo fato delas não se adaptarem ao ambiente. A terra estava pouco nutrida, e a luminosidade era escassa. Começamos assim um trabalho árduo, contudo, fecundo, visto que ao lidarmos com o cultivo do jardim, escutávamos as difíceis experiências subjetivas, vividas pelos clientes envolvidos na elaboração do mesmo. Havia uma convicção, estávamos todos empenhados com os processos de transformações construtivas: objetivo, planejado e talvez seguro, quanto à reestruturação do canteiro e incerta, embora almejado na vida subjetiva destas pessoas, como nas nossas também.

Os participantes neste processo foram um jardineiro, estagiários graduandos de psicologia, clientes oriundos do hospital-dia, das enfermarias, dos que se tratavam no ambulatório do IPUB e alguns familiares da clientela envolvida. Não havia nenhuma rigidez quanto à presença na atividade. O encontro se dava pelo desejo de estarmos juntos, reestruturando, espaços de habitação. Não podemos esquecer que a participação da equipe responsável pelo setor de jardinagem do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi de extrema importância, neste momento.

Três anos se passaram para o brotamento das plantas, e tivemos que ter muita paciência para que o jardim crescesse. O tempo não era mais o cronológico. O cuidado e a paciência passaram a ser nossas atitudes fundamentais para que o espaço do jardim viesse à luz. O que nos uniu foi a vontade de ver a vida crescer, bem como a experiência de compartilharmos a construção de um espaço vivido e cultivado, que futuramente seria a dimensão, onde se realizaria, integralmente, a nossa “Oficina”.

Quando as plantas do jardim cresceram, o fato foi motivo de grande alegria para todos e resolvemos fazer, então, uma festa para comemorar a sua inauguração. Era um jardim, onde as pessoas poderiam circular por dentro dele e não apenas contemplá-lo, a fim de manipularem os diversos elementos que o compõem. Sua forma é circular, as correntes que o cercavam foram retiradas e só os bancos em seu em torno permaneceram. Contudo, eles não inviabilizaram a entrada no jardim pelos clientes.

Após um estudo da turma de Mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, no ano de 1999, coordenado pela professora Miriam de Carvalho, o jardim foi considerado como o espaço da instituição, que é denominado pelo saber da Arquitetura como: *core* – coração. Está situado em uma dimensão do IPUB, que, segundo os arquitetos, é onde existem as contraturalidades afetivas, onde professores se encontram com os clientes, alunos se encontram com as visitas dos clientes; enfim, é o lugar de encontros.

Não poderíamos deixar de inserir, neste texto, a carta que foi elaborada pelos clientes no dia da inauguração do jardim, 30 de março de 2000, sendo exposta a fim de que os convidados a lessem. Acreditamos que ela expressa de forma sucinta, porém com conteúdo extremamente rico, a experiência de termos cultivado um espaço, um espaço vivido e desejado.

#### “ Um jardim

Há algum tempo atrás, havia aqui um jardim, um pedaço da natureza, que não era nada comparado ao que é agora. Não era melhor, tampouco pior, apenas diferente.

O atual jardim foi por nós arquitetado e cultivado a partir do ano de 1997, sendo inaugurado no dia 30 de março de 2000, construindo uma singela história, que nos remete a suaves lembranças. Nutrimos a terra, escolhemos as plantas e, ao mesmo tempo, aproveitamos o que já havia antes, como a grande árvore *flamboyant*. Assim, embora o jardim se transforme através do tempo, ele sempre esteve aqui.

Elaboramos este espaço como um pequeno ponto de encontro, despertando o nosso “Jardim das Emoções”. Podemos contar com ele para termos um pouco mais de união, harmonia; um ambiente no qual se podem plantar idéias, ler poesias, desenhar...

Atos de criação...



Cuidar deste lugar é também uma das formas de cuidar da saúde, semeando a paz interior. Podemos caminhar por dentro dele, sem pisar em suas plantas ou em suas flores, respeitando a vida. Integrando as mais diversas pessoas, todas podem cooperar com a renovação do local, plantando uma flor e mesmo revitalizando-se, abraçando um *flamboyant* com bastante vontade.

Profundos agradecimentos a todos que também contemplam a beleza do jardim e que percebem sua importância no processo de humanização.

### Os Nove Ensinamentos do Jardim

- Plante uma flor.
- Contemple uma árvore.
- Conserve o jardim com seus devidos cuidados.
- Cultive as cores do jardim.
- Procure sempre aprender mais sobre como cuidar do jardim, através de conversa, leitura e outras fontes de informação.
- Observe as formas de vida nele existentes.
- Dê atenção a qualquer transformação de um dos seus componentes.
- Refleta e interfira para que tal transformação não seja prejudicial para o crescimento do jardim.
- Procure ter sempre uma muda de planta ou uma semente, para que uma outra pessoa caso deseje, também possa construir um jardim.

“ Jardineiros do *Projeto Plantando Sonhos* - Oficina Terapêutica de Jardim”



**Figura 6.** Jardim do IPUB – UFRJ após a intervenção da “Oficina Jardim” – “Projeto Plantando Sonhos.”

Passaram-se três anos, e o jardim se encontrava maduro. Suas plantas ornamentais cresceram, e existe um *flamboyant*, que nos oferece sua copa, criando uma sombra bastante agradável. É um espaço que nos acolhe. Realizamos uma experiência de fazer integralmente as “Oficinas de Jardim” dentro desta morada; portanto, desenvolvemos as atividades nos diversos canteiros existentes do IPUB, colocamos tapetes individuais de modo a formar um círculo, sentamos sobre os mesmos que estão sobre a terra e, finalmente, refletimos e conversamos dentro do jardim. Experimentamos algumas vezes tal espaço para as reuniões. Na primeira vez, constatamos que deveremos ter muito mais atenção e concentração para escutar os clientes, pois em se tratando de um espaço aberto, há mais vulnerabilidade de nos dispersarmos com os seus estímulos.

Era uma sexta-feira, à tarde, um dos dias da semana que a “Oficina de Música”, denominada “Cancioneiros do IPUB”, também funciona. Assim, o grupo se dispersou com a música que era tocada pelos “Cancioneiros”. Entretanto, todos os participantes acharam mais agradável estar naquele ambiente, escutando música do que dentro da sala.

Nossa segunda vivência foi bem mais gratificante, uma vez que só houve um estranhamento inicial, com alguns colegas da instituição me cumprimentando, surpresos com tal prática, mas tal aspecto tende a desaparecer ao continuarmos insistindo nesta reunião ao ar livre, considerando que tais colegas são sensíveis ao trabalho, embora o estranhem. Foi bastante prazeroso para nós ter escutado o canto do bem-te-vi, ver o céu azul, bem como sentir a brisa no jardim. O que mais nos chamou atenção foi a fala homogênea do grupo de

que aquele espaço trazia uma sensação de liberdade, onde poderíamos estar em contato com a natureza, com as plantas, com o céu e com a terra.

Houve falas como: “Poderemos dizer aqui tudo o que quisermos” ou “poderemos escutar melhor o que houve com o colega para ele estar aqui no IPUB e traçar planos para quando sairmos daqui” ou mesmo “aqui dentro do jardim a sensação de liberdade é bem maior do que na enfermaria”. Também estava participando desta atividade uma cliente psicótica que delirava muito, mas quando perguntávamos algo a ela, nos ouvia atentamente e buscava dar as respostas, desenhando imagens com um graveto, na terra.



**Figura 7.** Oficina realizada dentro do espaço correspondente ao jardim.

Em todas as vivências cultivamos o espaço construir/habitar junto com os clientes que participam da “Oficina de Jardim”. Nossa proposta, a partir de então, era explorá-lo em suas múltiplas possibilidades, apostando que ele pode se constituir em um jardim-ponte para a vida, fora do espaço do IPUB.

Uma experiência que mostra claramente a unidade irredutível entre os aspectos objetivos e subjetivos do trabalho foi a construção de uma fonte de água no jardim. No término de uma atividade constatamos que a terra necessitava ser melhor nutrida, bem como molhada. Naturalmente, que investigamos no grupo que a terra mencionada, não era só a existente no jardim. A *nossa* terra carecia de fertilização, através dos afetos construtivos. Foi neste encontro que percebemos a importância da terra, da Terra-mãe.

O jardineiro se prontificou a regar e nutrir sistematicamente os canteiros. Entretanto, pensamos na construção da fonte com água, na fonte da vida. Esta água que jorrava da fonte

também se renovava, tal qual o jardim, tal qual a vida, como disse um cliente “nada nasce se não houver água.” Esta fala partiu de uma pessoa, que sabia da existência e necessidade de água no nosso corpo, bem como no planeta. Sabia que este elemento era fundamental para o crescimento e sobrevivência de uma vida. Coincidência ou não, este cliente encontrava-se em uma fase relacionada a *solutio* da alquimia. Estava bastante deprimido e chorava muito durante algumas situações dentro do hospital como, por exemplo, ver sua visita familiar partir e deixá-lo no hospital. Acreditava que eles nunca retornariam, bem como ele nunca receberia alta do IPUB.

Vários desenhos foram elaborados pelos clientes no sentido de escolher um que seria o esboço de nossa fonte. No mesmo dia observamos que era preciso repor as plantas freqüentemente roubadas do jardim. A construção de um pequeno viveiro de plantas poderia resolver tal questão. Essa idéia foi igualmente aceita por todos. Poderíamos também acompanhar o dia-a-dia, o período, desde o plantio de uma espécie em um pequeno recipiente, vê-la possivelmente brotar, cuidando dela, a fim de que finalmente, pudesse ser depositada no jardim do IPUB. Por sugestão de um participante “Seria o hospital das plantas”, ou seja, cuidaríamos das plantas provavelmente “doentes.”

Um órgão financiador de projetos da UFRJ estudou, avaliou e aprovou a solicitação de verbas para a construção da fonte e do viveiro. Convidamos, então, uma arquiteta da Faculdade de Arquitetura da UFRJ para nos ajudar a projetar o desenho escolhido pelo grupo para ser a fonte. Era uma flor que esguichava a água do seu interior. O viveiro foi estruturado simultaneamente. Nós observávamos todas as fases da construção e questionávamos em algumas situações, que nos causava curiosidade, como por exemplo: “como era o funcionamento de uma bomba d’água da fonte?” Este foi um período em que a instituição ficou bastante curiosa com o que viria a ser construído no jardim. Quando as edificações da fonte e do viveiro ficaram prontas, fomos todos escolher as cores para que a fonte e o viveiro fossem pintados. A cor do viveiro foi neutra, mas as da fonte, vibrantes. Pensamos em criar um ambiente participativo para a nomeação da fonte, envolvendo ludicamente também todos colegas que trabalhavam na instituição. Apostamos que uma forma de participação institucional pudesse estar presente na medida que a escolha para o nome da fonte, acontecesse implicando os colegas. Logo, colocamos uma urna na entrada do hospital, a fim

de que todos as pessoas depositassem um nome, escrevendo-o em um pedaço de papel. O nome que estava mais repetitivo era “fonte do desejo”, e assim ela se passou a chamar.

No término das construções a curiosidade institucional tinha se transformado em decepção. A estética da fonte, principalmente, devido às cores não agradou aos colegas da instituição, mas aos clientes, sim. Foram eles que as escolheram. Narrativas de descontentamento com relação à estética das cores e da forma da fonte foram escutadas por nós, por parte de alguns colegas. Ela funcionou apenas durante um dia, pois os clientes quiseram banhar-se nela e a instituição achou conveniente desligá-la. O viveiro ainda existe, apesar de ter tido peças roubadas, mas não funciona com a regularidade prevista. Ficamos frustrados com a atitude institucional quanto à desativação da fonte, bem como desacreditados se aquela proposta da “Oficina” iria se desdobrar dentro de uma instituição médica. Tentamos argumentar, mas foi em vão. No mês de julho de 2008, a fonte de água foi pintada de branco sem que nós tivéssemos sido comunicados. Ficamos surpresos diante de tal atitude e expressamos este sentimento perto de um cliente que nos acrescentou “e ainda está faltando a água.”



**Figura 8.** Fonte do Desejo.

Pensamos ingenuamente que as aquisições da fonte e do viveiro seriam uma boa oportunidade para o despertar institucional sobre a importância da participação de todos neste processo que envolvia fundamentalmente o cuidado dos clientes. Acreditamos importante a comunicação entre os setores do hospital, a respeito das diferentes abordagens terapêuticas. A

imagem do jardim talvez nos conduzisse a tal metáfora da totalidade. Todo sistema deste espaço deve estar interagindo.

A partir das construções da fonte e do viveiro de plantas, ficamos mais atentos às falas dos clientes, que articulavam as suas experiências existenciais, com espaços do IPUB, de forma co-emergente. Observamos, durante a oficina, que algumas falas eram ditas pelos participantes, nas quais apontavam para o âmbito de ser-no-mundo-com-outro. Resolvemos espalhar plaquinhas pintadas por nós com frases diversificadas, como forma de expressar fragmentos dessas falas. Elas foram sendo ditas e pintadas paulatinamente no decorrer da oficina. São renovadas por nós anualmente, pois são feitas de madeira, que é um material perecível, tal qual a vida.

Posteriormente, chamamos esta atividade de “plantio de placas”, pois o jardim do IPUB, ficou sendo reconhecido também por elas. Parece-nos que as placas deram um sentido ao jardim diante do público, visto que dificilmente as pessoas entenderiam nossa proposta sem elas. A estética do jardim não era de fácil compreensão, não se tratava de uma estética padronizada, as plantas eram cultivadas livremente. Foi também uma forma de apresentar expressões que emanavam dos participantes nas oficinas. Tivemos que escolher algumas placas a fim de “plantar” no jardim, pois eram inúmeras. Elas convidam ao ato reflexivo por parte da equipe, dos clientes, dos visitantes e dos funcionários do IPUB.

Transcrevemos a seguir várias frases que já foram “transplantadas” no jardim, seguidas de explicitações de sentido que nos ocorram, embora sem a pretensão de serem exaustivos nos significados. Pensamos ser um material importante para aproximar o leitor da experiência vivida nas oficinas.

“Plante que a vida garante.” Frase dita por um participante, bastante deprimido, com profunda dificuldade em seu processo existencial. Acreditava que a vida garantia a manutenção de todo e qualquer tipo de plantio. Esta pessoa nos disse tal expressão, mas paradoxalmente, não gostava de lidar com a terra. Ele não nos falava sobre o sentido desta recusa, mas era extremamente afetivo com todos da “Oficina”. Apesar de toda implicação institucional, frente as suas questões, teve uma evolução muito ruim, acarretando no seu surpreendente suicídio. Certa vez, com muita sabedoria, ele nos disse “esquizofrenia é o amor que não vingou”.

“Cuidar do jardim é cuidar da gente.” Uma participante estava atenta que tratar do jardim era semelhante a tratar de uma pessoa. Era cuidar de uma relação, construí-la gradativamente.

“Plantar é o sonho de se ter uma casa.” Cliente que morava de forma precária, afirmava que ter uma casa iria lhe dar a segurança necessária para viver. Pensamos aqui que tal expressão pode nos conduzir a refletir sobre a questão da não-habitação, do não pertencimento existencial vivido pelo psicótico e abordado no capítulo anterior.

“Plantar é dar vida”, “Plantar é colher amor.” Estas expressões são ditas freqüentemente, visto que os integrantes vêem objetivamente que as plantas cultivadas por eles vingam. Eles são capazes de criar.

“Cultivando o futuro.” Fala de um cliente que percebeu que a planta está em constante transformação. Tudo nasce, cresce, morre e se transforma. Esta percepção lhe trouxe alívio, pois encontrava-se angustiado por estar naquela instituição, internado. Porém, brevemente poderia estar de alta, bem como se cuidar para não retornar ao IPUB hospitalizado.

“Atenção ao nosso tratamento através das plantas.” Expressão falada por uma cliente bastante chateada, pelo fato de roubarem as plantas que seus familiares levavam ao hospital para ela plantar. Isto era importante para ela, pois seus familiares não se envolviam com seu tratamento.

“Faça parte do nosso jardim”, “Respeite e aprecie o jardim.” Participantes concluem que o apoio da instituição é importante, valorizando a jardinagem e o espaço do jardim como fundamental para o desenvolvimento da proposta.

“Você entende uma flor?”. Integrante sugere que seus afetos são complexos. Isto reverbera na dificuldade das pessoas, familiares e profissionais da área de saúde mental, entenderem suas vivências existenciais, bem como a de uma flor.

“Vote em mim: planta.” Menção de um cliente a um processo eleitoral que estava havendo momentaneamente na instituição. Estava confuso com tal movimento e acreditou que o futuro candidato poderia aprender a ser ético, caso tivesse uma planta em sua mesa. Contudo, a planta deveria ter florescência e ele ser um bom observador.

“As plantas não falam, mas encantam.” Expressão utilizada por um participante que dizia aprender com o silêncio das plantas com a florescência. Observava e cuidava delas, para que tivessem “saúde”.

“Canteiro da vida.” Integrante fala das várias espécies de vida existentes em um canteiro, ou seja, não há somente plantas. Existem minhocas, sapos, microorganismos da terra, pássaros, o jardim é um microsistema. As pessoas que se integram a este espaço são fundamentais.

“Jardim, berço da vida.” Cliente faz alusão às espécies existentes no jardim, mas que não estão evidentes ao olhar. Existe frequentemente um brotamento acontecendo, que necessita ser cuidado para crescer.

“A semente é uma esperança florida.” Participante sinaliza que na semente está a possibilidade da realização de uma planta em flor. Fala que as possibilidades de vida também existem em todos nós. Outro integrante nos diz que a flor nasce da semente.

“Casa de Deus.” Integrante considera que o jardim seja um espaço privilegiado, sendo reconhecido através do Éden. Enfatiza sobre a relevância de o respeitarmos. Faremos uma relação com o jardim visto como laboratório alquímico, tal qual sinalizado no primeiro capítulo.

“Jardim sala de aula da natureza.” Cliente redimensiona o jardim como um lugar vivo, onde podemos aprender constantemente sobre a dinâmica da vida. Faz também uma associação do IPUB como uma instituição de ensino, onde o jardim poderia ser utilizado pelos alunos como espaço de aprendizagem sobre a vida. Neste momento, lembramo-nos de um velho amigo botânico que nos falava: “Para quem saber ler uma flor, o jardim é uma biblioteca”.

“Cuidem das plantas daqui.” Participante manifesta sua preocupação com os habituais roubos de plantas do jardim, como se quisessem interromper habitualmente com o seu caminhar na vida.

“Mantenham a beleza das plantas deste lugar.” Cliente acredita que o jardim seja um lugar especial dentro do IPUB. Logo, gostaria de despertar interesse similar as demais pessoas, visto que algumas plantas ela tinha plantado.

“Neste jardim estão plantados os nossos sentimentos.” Integrante nos diz que cada planta cultivada por ela, também semeia um sentimento construtivo para várias pessoas, principalmente as que morreram.

“O jardim merece viver.” Cliente nos fala sobre a relevância de haver um espaço de vida e beleza dentro do IPUB. Tal vitalidade ele estende para o cotidiano dele.



“A beleza do jardim é a nossa beleza.” Participante tenta se espelhar na vitalidade do jardim.

“A flor é uma benção de Deus.” Integrante descreve sobre o florescimento do jardim como uma oferenda divina.

“Jardim, família da esperança.” Cliente articula as diferentes plantas existentes no jardim, tal qual o sistema familiar que sente falta.

“Plantando o futuro.” Articulação criada no plantio de uma árvore com a longevidade.

“A flor não trai.” Participante nos fala a respeito do sentimento concernente a confiança, que a planta lhe transmitia. Ele nos dizia que só necessitava cuidar adequadamente dela, contudo, traição era um sentimento humano e destrutivo.

“Precisa-se de um beija-flor.” Integrante relata que se tivesse que contratar um funcionário para o hospital seria um “beija-flor”.

“Quem tem um jardim nunca está sozinho.” Participante nos diz que o jardim pode ser uma ótima companhia com tanta vitalidade, mas que precisava dele para ser cuidado. Reiterava que ele também precisava do jardim.

“Terra-mãe.” Referência de um cliente a terra que nutre e acolhe o jardim.

“Jardim das emoções.” Participante nos diz após algumas interações, bem como participação na “Oficina de Jardim”, que já tinha cultivado muitos sentimentos, através daquelas plantas. Muitos vingaram, muitos não.

“Terra desabrochando.” Percepção de um cliente diante ao desabrochar da flor. Nos diz que tudo desabrocha, a terra também.

“O jardim renasce, e você?”. Participante enfatiza que tudo nasce, cresce, morre e se transforma. Fala sobre a necessidade de transformarmos também, porém com a companhia do outro.

“O EU é uma árvore.” Cliente faz analogia entre o crescimento de uma árvore e o desenvolvimento de nossa mente, desde que somos fetos. Nos fala que ela está sempre crescendo, nos esquecemos inúmeras vezes de observá-la.

“Mar de flores.” Percepção de uma cliente ao ver as ondulações formadas por um canteiro contendo margaridas.

“A margarida é vida.” Frase dita de forma indignada pela mesma participante acima ao ver o canteiro com margaridas, capinado a pedido de outra pessoa do setor administrativo

do hospital. Até hoje não sabemos o motivo, contudo, as plantas eram rizomáticas e cresceram novamente.

“As flores também são os diretores.” Frase que foi dita por um integrante para ter duplo sentido. Acreditava que ele, como os demais clientes, podiam ter um tratamento mais digno. Isto também dependeria dos “diretores-flores”.

“Plantar é conceber um filho.” O participante associa a fertilidade da terra com a da mulher.

“A chuva existe porque a vida tem sede.” Participante fala do sentimento de saudade de um amor passado. Relata não ter chovido naquela relação. Diz aliviar a saudade, cuidando junto com o jardineiro do jardim.

“Eu quero que você entenda: o jardim pode ser a nossa fonte de renda!” Cliente sinaliza sobre a possibilidade bem como sua disponibilidade de ser um jardineiro.

“Entre duas pedras nasce uma flor, entre duas pessoas pode nascer o amor.” Participante relata sobre sua dificuldade de se relacionar afetivamente com outra pessoa, comparando-se a uma pedra. Porém, recorda-se de ter visto uma flor imprensada entre duas pedras.

“A semente é o embrião da terra.” Integrante fala da semente como uma possível vida a ser cultivada. Reitera que a sua própria vida também precisa ser ‘cultivada’.

“A árvore é a mãe da vida.” Participante afirma que a árvore é a grande força da vida. Protesta, veementemente, contra as podas de árvores que ocorrem eventualmente no IPUB<sup>26</sup>.

“Plantar é semear o amor.” Fala de um cliente surpreendendo a todos. Ele ia à “Oficina” há um ano e meio e ficava calado, observando a dinâmica do grupo. Achava que seria inadequado intervindo. Finalmente se manifestou por se sentir acolhido.

“O espinho nos avisa: temos que ter carinho. Se vier sem carinho será espetado.” Participante conta sobre a sua agressividade frequentemente reativa aos maus tratos da família.

“A água é a luz em forma líquida.” Cliente critica a desativação da fonte, pois a água brilha.

---

<sup>26</sup> Esta cliente também articula as podas das árvores com o processo de histerectomia que sofreu quando jovem com o aval dos pais.

“Se todos entendessem a semente, não haveria fome no mundo.” Participante nos sinaliza para a riqueza da semente habitualmente desprezada.

“A minhoca chora quando a flor vai embora.” Integrante se refere de forma lúdica sobre a importância de tentar cultivar o bom humor em nossa vida.

“A natureza é uma flor, desejada com amor.” Menção de um cliente internado ao ser atendido dentro do jardim.

“Canteiro de obras da natureza.” Integrante reitera que mesmo que não seja perceptível aos nossos olhos, o jardim está sempre se transformando.

“Fonte da vida.” Nomeação que foi escolhida pela instituição. Colocamos uma caixa de papelão na entrada do hospital e a frase mais freqüente foi esta.

“Fonte da vida?” O nome da fonte foi questionado, visto que todos nós percebemos que a fonte estava abandonada, com a bomba de água roubada, enfim, interrogamos se a instituição desejava e respeitava as expressões dos clientes.

“Projeto Plantando Sonhos.” Nome original da atividade que foi modificado ao entrarmos na instituição para “Oficina de Jardim.” Acreditamos que ambos nomes se complementam, porém, tínhamos receio de que a nossa liberdade de trabalho fosse limitada, devido ao movimento inerente à instituição que tende a cercar novas formas de atuação.

“A paciência ajuda a planta crescer.” Frase dita por um cliente do hospital-dia para outro que se encontrava internado. Este último já estava sem tolerância com o seu processo de internamento.

“Se eu plantar seu coração?” Cliente indaga a respeito do verdadeiro sentimento de algumas pessoas. Acredita que se plantar o coração da mulher brotará uma planta com muitos espinhos, visto que ela é uma pessoa vingativa.



**Figura 9.** Um dos plantios do jardim do IPUB - UFRJ

Esperamos que essa apresentação fragmentária das placas possa ter traduzido um pouco do clima de envolvimento e liberdade com que procuramos conduzir, sem dirigir a atividade, embora, algumas vezes nos dêssemos conta de nossa interferência. Podemos, agora, mais próximos ao espírito do trabalho, continuar nossa narrativa das experiências na instituição. Nossa atuação era nas enfermarias, pois nestes espaços havia necessidade de maior cuidado. A “terra” era extremamente árida e percebíamos que poderia ser um trabalho importante, principalmente para os clientes deste setor.

Afastamo-nos da equipe técnica que compunha o setor do hospital-dia<sup>27</sup> e, com isso, nosso trabalho se tornou mais solitário. Este foi um período em que buscávamos apoio para a continuidade da proposta, com os clientes, a equipe, os livros e alguns profissionais que não pertenciam ao IPUB.

Íamos diariamente às enfermarias, a fim de convidarmos os clientes internados para cultivar a terra. Freqüentemente havia os interessados e, a partir do grupo formado, elegíamos qual a extensão de terra que poderia ser plantada. Esta atitude que envolvia a delimitação do espaço surgiu por percebermos o sentimento de incapacidade da maioria dos participantes para cultivar em grandes extensões. Geralmente, encontravam-se muito fragilizados, sem

---

<sup>27</sup> Não impedimos os clientes deste setor de freqüentar nossa “Oficina”. Acreditamos que a integração entre os clientes dos diferentes setores do IPUB seja fundamental. Contudo, a atenção foi dada às enfermarias.

vigor físico e psíquico. Havia aqueles que não plantavam, somente observavam. Após o cultivo, saíamos das enfermarias e nos dirigíamos para uma sala onde conversávamos sobre o que acabávamos de fazer. Acreditávamos que a ação era importante, mas a reflexão também o era.

Perguntávamos sobre o sentido do jardim, ouvíamos que “o jardim era um espaço de vida e de novas descobertas”, que era “um corpo criado sob forma de vegetal”, que “não era um ponto fixo, estava sempre acontecendo”, que era “um lugar de vida e de morte”, ou ainda, que era “um lugar onde havia seres frágeis que poderiam gerar um sentimento de delicadeza por parte das pessoas.” A partir dessas falas começávamos a conversar. Percebíamos que também expressávamos fragmentos de nossa alma, passíveis de serem tocados, para que provavelmente fossem transformados. Falamos sobre as difíceis passagens da vida. Observávamos que cada muda plantada, em uma pequena parte do solo de uma das enfermarias do IPUB, poderia traduzir a expectativa de uma pequena transformação no nosso processo existencial. No término da oficina, acompanhávamos todos os clientes às enfermarias. Havia aqueles que queriam ficar no pátio, observando o jardim do IPUB ou conversando com outros clientes.

Sentíamos satisfação quando um visitante contribuía com o nosso trabalho. Intuíamos que um familiar, um amigo do cliente, também poderia se envolver na atividade. Isto era possível, considerando que também nos afetamos no dia que o pai de um cliente levou uma placa de madeira com dizeres homenageando a esposa já falecida. Ele colocou junto com o filho a placa no jardim, bem como depositou uma semente de girassol próxima a ela. Tanto ele, quanto o filho nos disseram que suas vidas “tomaram um rumo diferente após o falecimento daquela mulher.” O filho sentiu-se surpreso pelo fato de ver o pai participando da “Oficina de Jardim”. O pai nos doou um grande vaso como forma de agradecimento por ser acolhido com seu filho na atividade.

Houve uma atividade na qual fizemos um plantio de uma muda em um grande vaso que iria decorar a enfermaria. A planta foi doada por um familiar de um integrante internado. O vaso doado foi um objeto que suscitou um encontro polêmico na oficina, uma vez que eles falaram do vaso como um elemento que servia de proteção para a raiz da planta. Tiveram possibilidade de expressar seus afetos referentes à desproteção e à desconfiança diante as adversidades da vida. Conversamos sobre a necessidade de estarmos com o outro naquele

momento de internação. Todos se sentiam sós. A partir deste encontro resolvemos estar sempre motivando o sentimento de solidariedade entre eles, principalmente, aqueles internados nas enfermarias. Um outro integrante nos falou emocionado: “um belo jardim não se faz só.” Entretanto, um cliente falava de forma contundente que nas enfermarias as pessoas não sabiam o que era solidariedade. Eram todas doentes. Este foi um momento de reflexão para a equipe da “Oficina”, visto que compartilhávamos do mesmo sentimento de solidão com a proposta do jardim no IPUB.

Assim como as imagens da semente e do vaso, outras imagens arquetípicas de grande força simbólica emergiam no cotidiano do trabalho. Ora personificados em objetos trazidos pelos clientes ou familiares, ora destacados por nossa atenção da própria arquitetura do hospital ou impondo-se meramente a partir das associações de idéias e dos diálogos do grupo. Mas, seja qual fosse sua origem, essas imagens iam se impondo com certa autonomia e tecendo as histórias de convivência da “Oficina.”

No centro do jardim principal do IPUB existe uma estátua. Não conseguimos saber quem a colocou lá. Todavia, sabemos que é uma representação de Deméter<sup>28</sup>, deusa das terras férteis na mitologia grega. Quando inauguramos o jardim e ele ficou aberto para as pessoas transitarem dentro dele, percebemos que as plantas em torno de Deméter estavam pisadas. Para a nossa surpresa percebemos que haviam depositado flores para ela. Resolvemos, então, saber o sentido que a estátua tinha. Fizemos uma oficina, a fim de escutarmos o que os clientes pensavam sobre aquela estátua. Os relatos foram unânimes “aquela estátua é uma santa, que nos protege.” Apresentamos a questão das plantas pisoteadas e nos disseram que “a

---

<sup>28</sup> Deméter é a deusa da terra cultivada, que também está relacionada ao ritmo das estações e ao ciclo da sementeira e da colheita para a produção do cereal, o trigo. Deméter se uniu a Zeus, tendo uma filha, Perséfone. O mito nos conta que ambas as deusas andavam sempre juntas. Certo dia, Perséfone afastou-se da mãe, Deméter, para colher flores, encantando-se com um narciso. Ao abaixar-se para contemplar a bela flor, a terra cindiu-se e dela saiu Hades, o deus do inferno, com sua carruagem puxada por cavalos negros. Perséfone caiu no mundo subterrâneo, afastando-se assim de Deméter. Quando a mãe deu por falta da filha, andou pela terra nove dias e nove noites, sem comer e sem banhar-se. No décimo dia encontrou Hécate, a deusa da lua escura e das encruzilhadas, que sugeriu que ambas fossem perguntar sobre o paradeiro de Perséfone, a Hélio o deus sol que tudo via, mas nada falava a não ser quando lhe fosse perguntado. Ele lhes contou o que se passou com Perséfone. Disse, que foi um rapto e que o seu pai Zeus sabia de tudo, sendo conivente com o irmão Hades. Deméter ficou muito decepcionada e magoada com a atitude de Zeus e decidiu partir do Olimpo. A vegetação da terra começou a morrer, fazendo com que Zeus, preocupado com o destino da humanidade, enviasse alguns mensageiros para pedir a Deméter que retornasse para a sua função. A deusa recusou-se e fez chegar aos ouvidos de Zeus que só voltaria para o Olimpo e permitiria que a vegetação crescesse, após a devolução de Perséfone. Zeus resolveu, então, conversar com o irmão Hades, que permitiu o reencontro de Perséfone com Deméter durante seis meses, ficando seis meses com ele, na região ctônica. Após a união com a filha, a terra se recobriu de verde e Deméter transmitiu o seu rito secreto no templo que foi construído em sua homenagem (BRANDÃO,1987)

santa precisava de oferendas, como por exemplo, flores.” A solução, a partir desta oficina, foi abrir um caminho para que todos pudessem fazer suas oferendas sem pisotear as plantas. Combinamos também que anualmente iríamos dar um banho na Deméter, visto que mesmo sendo Deusa, precisava se purificar.



**Figura 10.** Estátua de Deméter com sua oferenda, uma flor.

O mito de Deméter foi contado uma vez na “Oficina de Jardim” e depois ouvíamos outros clientes do IPUB que nos perguntavam sobre ele. Queriam que repetíssemos o relato do mito. Gostavam de saber sobre o destino de alguns personagens, como por exemplo, Hades, Perséfone e Deméter. Observamos que com a abertura de um caminho no jardim para a Deméter, que alguns clientes iam rezar, pedir proteção à deusa. Oravam para que seu período de internação não fosse longo, para que a família não os abandonasse, para que quando recebessem alta conseguissem emprego<sup>29</sup>.

O elemento água era bastante solicitado pelos clientes, considerando que as plantas necessitam dela e eles sentiam muito calor no verão. Realizamos diversas oficinas utilizando a temática da água. Em um dia de calor, fomos regar livremente o jardim. Manipulamos todo o material que pudesse levar água ao jardim como garrafas, mangueira, vasilhas. Nos chamava atenção a relação de prazer sentida por todos. Isto acontecia quando ouvíamos alguns cantando, outros se molhando e aos seus colegas. Foi um momento de alegria no qual um integrante, que encontrava-se muito deprimido, nos surpreendeu. Ele jogava água de um balde, com as mãos, molhando as plantas, ele próprio e aos colegas e, cantava: “Tomar banho

<sup>29</sup> Embora não seja o foco do trabalho, acredito que em algumas regiões o cuidado com a terra pode ser uma das formas de trabalho. No ano de 2003, no mês de abril, fui apresentar nossa proposta em um evento sobre fitoterapia na cidade de Campinas, São Paulo. Fiquei surpresa com a forma como eram produzidas as plantas deste projeto de fitoterapia em Campinas. O espaço era o de uma grande estufa de plantas, e os produtores, clientes do campo da saúde mental. Todos eram devidamente remunerados e habitavam próximos ao espaço.

de sol, banho de sol...” Ao terminarmos o trabalho de relação concreta com a água, conversamos a respeito daquela experiência.

Neste dia, os relatos foram motivados pela importância da água. Narraram primeiro sobre sua funcionalidade como, por exemplo, saciar a sede e limpar sujeiras. Falavam sobre a relevância da sensação de prazer que a água lhes proporcionava. Diziam que “o prazer andava junto com a liberdade e com o viver.” Seguidamente o sentimento de tristeza foi explicitado no grupo, uma vez que estavam internados e não sentiam nenhum prazer de viverem assim. Estenderam a falta de prazer também para suas próprias vidas. Luis, por exemplo, nos relatou “na minha juventude antes de adoecer, sentia prazer com as pequenas coisas da vida (...) depois da doença minha vida mudou, minha família me abandonou e hoje vivo com uma mulher que não gosto, que não me dá prazer...” Quando lhe questionamos sobre o porquê de viver com tal mulher ele disse: “ééé minha mãe sempre nos falou que tínhamos que ter uma mulher para cuidar da gente, mas não está dando certo”. Algumas pessoas do grupo fizeram intervenções, no sentido dele buscar prazer em uma outra relação. Contudo, ele nos disse: “eu me sinto uma planta, que precisa ser cuidado, ainda mais quando estou em crise, sei que ela vai estar sempre comigo, não é bom deixar o certo pelo duvidoso, ela é uma boa jardineira para mim”. Renato, participante da “Oficina” disse categoricamente que Luis deveria buscar ser independente, procurando prazer na vida, pois era isso que ajudava alguém viver. Entretanto, Luís disse estar cansado e saiu do grupo. No período correspondente a seis meses, durante sua internação no IPUB, Luis participou da “Oficina”, mas não expôs mais seus sentimentos. Participava das diversas atividades e ajudava o jardineiro. Passaram-se dois anos e encontrei Luis no pátio do IPUB, dizendo estar trabalhando no jardim de uma casa, mas que continuava morando com a mulher chamando-a doravante de “azedinha”. Ele disse que não gostava do paladar azedo, mas que tinha uma planta em sua região de origem denominada, azedinha.

Todos da equipe ficaram satisfeitos por entender que a experiência do plantio não tinha se limitado ao espaço do IPUB. Luís ampliou esta vivência, para sua vida fora da instituição. Ele procurou algumas plantas que havia cultivado no período de sua internação. Ficou satisfeito pelo fato de ter visto algumas, mas questionou a presença de outras.

Rubens é um cliente que está internado há alguns anos no IPUB. É uma pessoa que apresenta um quadro clínico muito grave, delira na maior parte do dia. Grande parte de sua



família não vive mais e a única pessoa existente, recusa-se a aceitá-lo ou mesmo lhe dar qualquer apoio para sair do IPUB. Já foi tentado por parte da instituição várias alternativas de moradia, mas ele recusa-se veementemente sair da enfermaria. No seu leito, diz ficar praticando ioga, pois freqüentou aulas de ioga, durante alguns anos de sua vida. As únicas vezes que eu o vi saindo da enfermaria foi para tomar café ou conversar com uma psicanalista. Não freqüentava sistematicamente nenhum dispositivo terapêutico oferecido pela instituição, mas na “Oficina de Jardim” estabeleceu uma boa relação com a equipe.

Apesar de já termos convidado Rubens para participar da atividade, ele se recusava, visto que não gostava de freqüentar atividades em grupo. Nós da equipe, respeitando seu desejo de não estar com muitas pessoas, tentamos trabalhar individualmente com ele. Convidei, então, o Rubens para plantar uma muda e ele escolheu um lírio da paz. Providenciei uma bela muda florida desta planta. Ele me disse que antes de plantar apresentaria um livro publicado de sua autoria. Ele já estava esgotado e o título era “Semente, o menino flor. Rubens narrou a história: “Era um garoto forte, uma criança saudável e robusta desde pequeno tinha um desejo. Semente, desde menino, queria ser flor virou um rapaz e muito se concentrou, mas em flor ainda não se transformou. Ficou adulto, casou, proliferou sempre com muito desejo e com muito ensejo de se transformar em flor. Ficou velho e partiu. Ventou, ventou, ventou... e o mesmo que queria ser flor numa rosa se transformou.” Quando conversei a respeito da história, ele disse que “esse negócio de querer ser flor era coisa da alma do menino.” A alma dele estava presa a alma humana e só depois se libertou e pôde ser transformada em uma rosa.” Relatou que a concentração dele era necessária para tentar obter todos os conhecimentos adquiridos, pelos diferentes seres. Ele se concentrou em vidas paralelas como as do carvalho e da roseira. O vento tinha a ver com “o vento gélido da morte.” Disse ainda que ter virado adulto foi bom para o menino, pelo simples fato de ter “proliferado.”

Começou a falar em primeira pessoa, dizendo: ”fui gerado no Tibet, minha raiz está no Tibet, mas nasci no Brasil. Meu pai era um ET e meu avô foi quem me criou. Vovô faleceu quando eu tinha três anos de idade e vovó chamava-se Amélia Deolinda de Carvalho. Sei mais falar do que escutar. Minha mãe morreu de parto, morreu de alegria, a mulher tem esta capacidade. Sou dependente das mulheres e protejo elas através da ioga. Carregamos todos os nossos ancestrais. Trago conhecimento.” Fomos interrompidos por uma cliente, porque

estávamos no ambiente do jardim. Rubens parou de conversar e foi plantar o seu lírio da paz. Fez questão de colocar uma placa de madeira no jardim escrita “Semente, o menino flor.” Dois dias depois de ser plantado, seu lírio foi roubado. Quando conversamos a respeito, Rubens disse sorrindo que não tinha se incomodado, mas voltaria a plantar desde que levássemos uma semente de carvalho para ser cultivada. Falava também sorrindo que as flores se alimentavam de cadáveres humanos e José, que estava ao seu lado, comentou: “pois é, o que enfeita a vida, enfeita a morte.” De fato, Rubens não plantou mais comigo, mas deixou a promessa de um dia plantar a semente de carvalho. Sempre que encontro com ele ainda conversamos.

O desaparecimento do lírio plantado por Rubens não foi um fato isolado. Neste período percebíamos que o trabalho dentro dos espaços das enfermarias era bastante difícil. Plantávamos nestes lugares, mas as plantas amanheciam freqüentemente arrancadas. Era insuficiente estarmos presentes na instituição diariamente e sugerimos aos clientes que participavam da oficina para cuidarem das plantas. Alguns participantes mais orientados o faziam, mas a maior parte não conseguia sem apoio. Estávamos nos sentindo muito limitados à atividade inserida neste espaço. Encontrávamo-nos solitários neste setor como equipe técnica, que desenvolvia atividades expressivas nas enfermarias.

Resolvemos nos distanciar periodicamente destes lugares, a fim de repensar e retornar ao setor com uma nova estratégia, para uma intervenção clínica mais participativa. Pensamos, em levar o grupo a sair semanalmente da instituição. O objetivo formal das saídas seria o de fazermos cursos de jardinagens e visitas em instituições que estavam relacionadas com a jardinagem e o meio ambiente. Mais uma vez, nós nos frustramos com os roubos de plantas e procuramos saber com o jardineiro se ele tinha visto o lírio em outro lugar, dentro do IPUB. O jardineiro me disse que não, então, me lembrei rapidamente da fala de um cliente do IMAS Juliano Moreira que disse “planta roubada é a que vinga”, bem como a queixa de um estagiário de psicologia “parece que estamos enxugando gelo “. Neste período percebíamos que o trabalho dentro dos espaços das enfermarias também era bastante difícil. Plantávamos nestes lugares, mas as plantas amanheciam freqüentemente arrancadas.

Pensamos, nós todos do projeto, em sair semanalmente da instituição. Como equipe técnica, nos esforçamos para que aqueles clientes internados nas enfermarias saíssem temporariamente do IPUB. A finalidade do pedido era fazermos cursos de jardinagens e

visitações em instituições que estavam relacionadas com a jardinagem e o meio ambiente. Estes clientes nos falavam que a interação com outros elementos da natureza, além da terra como, por exemplo, o mar, era importante para ajudá-los a repensar suas vidas de forma mais autêntica e relaxada<sup>30</sup>. Porém, era fundamental uma autorização por escrito, feita pelo médico assistente, para que os clientes deste setor pudessem participar também. Todavia, não eram raras as vezes que encontrávamos dificuldades para conseguir as autorizações, freqüentemente, havia um desconforto na equipe, pois tínhamos bons vínculos com aqueles clientes e eles nos demandavam as saídas para o curso e para as visitas ao Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Nos confrontávamos também com a falta de transporte para atender nossas solicitações. Tendo em vista tantas dificuldades para sair do IPUB, concluímos que as pessoas em tratamento nas enfermarias não poderiam participar com regularidade das atividades fora da instituição. Neste momento do trabalho, os clientes não internados foram mais contemplados, visto que tinham mais autonomia. Foi um momento bastante delicado na equipe, onde nos sentimos impotentes, visto que não conseguíamos utilizar um critério clínico para formar o grupo.

O grupo foi organizado e estávamos cientes de que nossas idas à Vila Isabel e ao Jardim Botânico seriam realizadas nos transportes coletivos comuns. Quando estávamos no ônibus, percebemos um fato curioso. Os clientes sentavam-se afastados uns dos outros, mesmo com o ônibus vazio. Acreditávamos que tal atitude tinha a ver com a busca de suas autonomias, quando estavam fora da instituição e resolvemos indagar a eles. Falavam que procuravam um lugar mais confortável, mas também queriam poder estar perto de outras pessoas que não fossem “pacientes” do IPUB. Esta resposta nos chamou atenção e resolvemos escutar mais a respeito desse assunto durante nossas oficinas.

Organizamos o plantio de um canteiro com mudas de três diferentes espécies. Começamos a conversar sobre as plantas que acabávamos de cultivar, bem como as distinções das espécies. Era a partir dessas diferenças que podíamos formar um jardim colorido. Marília, cliente internada no hospital-dia, disse “isso só com as plantas mesmo, pois com a gente não é assim.” Quando procuramos ampliar a discussão em torno dessa intervenção, surgiram outras

---

<sup>30</sup> Fizemos, em um período, passeios até a Praia Vermelha, a fim de elaborarmos reuniões nas quais conversávamos sobre as possibilidades que tínhamos na vida. A atmosfera de descontração nos contagiava. Agradecíamos ao mar pelo fato de passarmos momentos fora da instituição. Vale dizer que encontrávamos alguns obstáculos para a saída dos clientes das enfermarias.

“aqui no hospital os pacientes sempre são os últimos a saber sobre a vinda de algum médico, se o remédio vai funcionar, se a família vai nos procurar, o dia da alta.” Questionamos se eles se viam como “pacientes” e sobre o porquê dessa percepção. A resposta foi quase unânime, “claro (...) a gente não tem carro, a gente toma remédio, a gente é doente.” José fez a seguinte intervenção “mas os doutores daqui não têm carros e nem o jardineiro, mas eu acho que eles não tomam remédio para os nervos (...) você tem razão, Marília, eles não são pacientes, nós somos.” Procuramos conversar sobre os direitos que eles tinham enquanto “pacientes”. Contudo, parece que a nossa fala foi em vão, uma vez que Tonica nos disse “agora é hora do lanche se perdermos ele vamos ficar com fome, depois a gente conversa de novo...” Refletimos sobre essa oficina, sobre a demanda dos clientes para os levarmos ao cinema, às praias, à passeios fora do IPUB. Pensamos no quanto tutelamos as pessoas, no quanto tutelar é o nosso “mandato terapêutico”. Refletimos que nós, terapeutas, estamos freqüentemente frustrando ou respondendo as demandas dos clientes, mas sempre conservando-nos em um lugar de cuidado substitutivo, isto é, olhando-os passivos e incapazes.

Tais questões ficaram mais claras para mim e a equipe, quando iniciamos um grupo de pesquisa na Universidade Federal Fluminense, sobre Fenomenologia. Procuramos estar mais atentos às nossas experiências, aos nossos afetos na hora dos atendimentos e consideramos tal atitude relevante para a continuidade do trabalho. Caso contrário, tenderíamos a estar freqüentemente, respondendo automaticamente às demandas dos clientes, às demandas do “mandato terapêutico.”

Uma outra atitude bastante significativa para mim, com a freqüência no grupo de pesquisa, foi o fato de repensar criticamente o planejamento prévio das atividades. Antes, interferíamos algumas vezes propondo temas e dirigindo as discussões receosos de cair no silêncio ou dispersar a atividade em conversas sem sentido terapêutico. Pensei, junto com alguns profissionais, sobre o porquê dessa minha atitude. A hipótese mais provável para isto foi a falta de confiança na capacidade da equipe e dos clientes em se organizarem. Estagiários e clientes sentiam-se também à vontade, quando o tema era previamente definido por mim. Porém, eu não me sentia bem com tal questão, era uma atitude autoritária de minha parte e cômoda para todos os demais integrantes. Os clientes e os estagiários se posicionavam como incapazes de planejar a Oficina. Foi percebendo esta minha atitude como prejudicial, no

sentido de despotencializar os estagiários e os clientes de se implicarem integralmente, em todas etapas da Oficina.

Retornamos ao trabalho com os clientes das enfermarias<sup>31</sup>, visto que pouco saíamos do IPUB neste momento. O espaço era o pátio externo do IPUB e clientes de outros setores também podiam participar como antes. Observávamos que pessoas manipulavam o jardim sem nos comunicar, espontaneamente. Parecia que, para algumas pessoas, tal espaço havia se transformado em um ofertório de plantas. Inúmeras vezes confrontamo-nos com plantios realizados em lugares protegidos e nunca tivemos a oportunidade de falar com as pessoas que faziam isso, era um processo que deveria ser secreto. Algumas plantas eram cuidadas durante um longo período de tempo, já outras, não. Sendo assim, nós próprios cuidávamos destas outras.

Acompanhávamos aqueles clientes que desejavam cultivar, por exemplo, uma roseira. Nesse caso, a planta deveria estar bem protegida, a fim de que outras pessoas não roubassem a flor quando esta brotasse. “A rosa é o presente da roseira, não pode ser roubada. Ela deve nascer, crescer, morrer e se transformar em outra, naturalmente.” Geralmente, os responsáveis por esse tipo de “plantio protegido” se responsabilizavam pelo cuidado da planta somente durante o período em que estavam internados. Falas como “quero deixar algo que criei aqui, neste momento difícil de minha vida” eram freqüentes. Havia clientes que voltavam para olhar sua criação, mas relatavam ter dificuldades de retornar ao IPUB, “não gosto de voltar aqui, pois tenho recordações muito tristes.”



**Figura 11.** Flor sob proteção.

---

<sup>31</sup> Era comum os clientes do hospital-dia se negarem a entrar nas enfermarias. Diziam não querer contato com pessoas piores do que eles. Traziam recordações de momentos difíceis experienciados nestes lugares.



**Figura 12.** Cactus plantado secretamente e protegido.

Vânia disse que o sentimento de desproteção dizia respeito a todo o jardim. Enfatizava que o “relógio do hospital” é a árvore *flamboyant*, chateava-se quando a árvore era muito podada, pois “ele marca o tempo das estações quando floresce”, Josias interferiu e falou, “e o tempo que uma pessoa ficou internada, pois não tenho acesso ao relógio, ao calendário (...) o tempo não me pertence, quando me interno aqui.” Resolvemos, então, dedicar uma oficina à árvore.

Neste dia Marcelo trouxe um saco razoavelmente grande, com algo dentro sem nos falar do que se tratava. Pediu-nos somente um tempo de trinta minutos antes do término da oficina, a fim de desenvolver um trabalho em uma das árvores do jardim. Vânia nos falou que a árvore pode nos acolher, visto que têm pessoas que moram debaixo de árvores, disse ainda que os animais também compartilham a árvore conosco, quando necessário. Ela lembrou o enorme diâmetro do tronco desta árvore. Disse que leu em uma revista, sobre a necessidade de várias pessoas abraçando o tronco do baobá. Segundo Vânia, “ela gosta de muito calor humano.” Neste momento, entra Geremias, bastante confuso na oficina. O estagiário de psicologia Mário deu-lhe lápis cera para ficar desenhando, pois o cliente não queria participar, entretanto, gostaria de ficar conosco. Enquanto saíamos para o jardim do IPUB, a fim de reconhecer as árvores daquele lugar, Mário e Geremias ficaram na sala desenhando. Eram observadas as árvores pequenas, bem como os seculares *ficus*. Observávamos as formas dos troncos das árvores e imitávamos algumas delas com o nosso próprio corpo. Nos ativemos aos frutos, flores e raízes das árvores.

Teceram-se vários comentários acerca da não percepção destes vegetais e houve muita surpresa quanto à descoberta dos detalhes existentes nas árvores. Assim, retornamos à sala

com o intuito de conversarmos. Os conteúdos das primeiras falas foram sobre a funcionalidade da árvore depois de crescida: propiciar sombra, oferecer frutos para saciar nossa fome e embelezar o ambiente, expressando vida. Foi nesse contexto que Jeremias gritou e saiu da sala assustado e rapidamente, dizendo que o desenho que fez descolou do papel. Tinha desenhado um homem, dizia ser o diabo. Mário também se retirou da sala acompanhando Jeremias. Após a dispersão do grupo em decorrência do mal-estar de Jeremias, retomamos a conversa.

As lembranças relacionadas às brincadeiras de infância foram escutadas e pudemos constatar que muitos de nós tínhamos boas recordações em nossas vidas. Este fato fez com que Vânia falasse “se já tivemos bons momentos na vida algum dia, porque não podemos voltar a ter?” Reginaldo respondeu “quando não éramos doentes, a vida era mais tranquila, tínhamos ilusões, tínhamos família.” Antonio interferiu e falou “quando morava em Recife, comia muitas frutas das árvores nas ruas, nunca tive uma família (...) lá também tem um baobá. Larguei o pouco que tinha e vim para o Rio, procurar emprego e ver o mar daqui.” Bia, então, falou “sua simpatia é por causa dos caroços das frutas que você comeu das árvores de Recife?” Todos sorriram, visto que Antonio é bastante amigo entre os colegas do IPUB. Ele disse “engoli muitos caroços e acho que eles podem crescer dentro de mim. Vou virar uma árvore, quero florir...” Bia nos falou da árvore da vida, disse que ela também podia se considerar uma árvore, embora não tivesse dado frutos. Contudo, falou que o ser humano não se diferenciava da árvore, já que também crescia, florescia, frutificava e um dia morria para ser transformado e levado às mãos de Deus. Relações com o aspecto divino da árvore surgiram, uma vez que a árvore também traduz a imagem do paraíso.

Ao final da atividade, Marcelo nos chamou para irmos até a árvore central, o *flamboyant*. Ele havia levado várias margaridas pequenas, feitas de pano para enfeitar a árvore. Sugeriu que nós a colássemos no tronco. Disse que sabia que pelo tronco passava a seiva, mas, para ele, na seiva, havia flores também. Ele sorria e falava “não sou Deus, mas gostaria de mudar algumas coisas na árvore, gostaria de fazer o tronco florido. A árvore toda é florida só que a gente não vê” ao que Vânia complementa “o jardim do IPUB está aqui, mas se o nosso jardim interior existe, a gente tem que procurar e cuidar...”

Foi-nos também muito gratificante escutar o relato de um ex-professor do IPUB, que nos falou “se cortarem os seculares *ficus* existentes aqui no jardim, para mim, acabou o

IPUB.” Ele praticava a jardinagem como *hobby* e, silenciosamente, valorizava nosso trabalho. Observava à distância sem interferir em nossa atividade.

Canteiros, pequenos e individuais, também começaram a ser feitos em um determinado espaço do IPUB, mas nem todos os clientes gostaram muito desta idéia. Estes que reclamaram, não estavam diretamente envolvidos com a atividade, achavam que os espaços se assemelhavam a um cemitério. Os clientes envolvidos no cultivo dos canteiros, que eles próprios chamaram de “jardim de bolso”, foram avisados sobre o fato. Reunimos todas as pessoas para conversar, as que falaram que o espaço parecia um cemitério e aquelas as quais construíram o “jardim de bolso.” Decidimos, então, de forma compartilhada, que as plantas destes canteiros seriam transplantadas para o jardim principal próximas à Deméter, santa para muitos dos clientes.



**Figura 13.** Jardim de bolso sendo criado.

No dia em que chegou terra adubada ao IPUB, resolvemos fazer uma oficina, espalhando-a por partes do jardim onde o solo se encontrava mais desvitalizado. Alguns clientes pegavam na terra sem apresentar nenhuma objeção, já outros, não queriam lidar com ela. Estes últimos falavam que tinham medo da morte e que a terra lembrava-lhes



sepultamento e essas lembranças lhes causavam tristeza. Mesmo com essa restrição, Marina ficou conosco assistindo a atividade. Ao tirarmos a terra do recipiente para colocá-la em determinados espaços, percebemos, com surpresa, a grande quantidade de minhocas que havia nela. Grande parte das pessoas riu, mas outras se assustaram, principalmente, Marina.

Havia um integrante neste dia que era agrônomo e tranqüilizou-a, falando sobre a importância da minhoca na nutrição da terra. Ela estabeleceu um bom vínculo com ele, mas não quis saber de nenhum contato com as minhocas. Espalhamos a terra e sentimos que manipulá-la era prazeroso, embora outro cliente, Francisco, tivesse comentado que se sujava muito e precisava lavar as mãos. Lucia trouxe-nos reminiscências de sua infância, período em que brincava no quintal de sua casa com os irmãos. Alberto espalhava a terra pelo solo e dizia sentir prazer com sua textura macia. Esta fala de Alberto despertou nos demais participantes da “Oficina” uma grande vontade de espalhar a terra com as mãos, alisando-a, e depois, fazendo desenhos em sua superfície, com a ponta dos dedos. Alberto estimulava os clientes no sentido de ter essa atitude. Manipulando a terra, Francisco dizia que “a terra estava desabrochando”, pois acreditava que a partir de uma terra nutrida, as possibilidades de vida surgiam. Luisa sinalizava para os colegas sobre o perigo de ter algum vidro na terra. A atividade se desenvolveu em um clima de bastante alegria, ainda mais quando a terra foi molhada. Após nutrirmos o solo desvitalizado, fomos para a nossa sala conversar sobre a experiência.

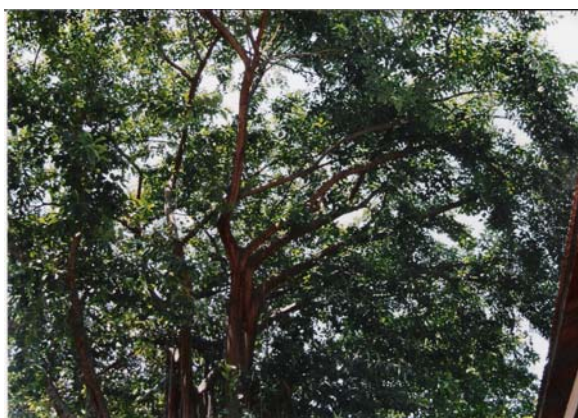
A fala mais constante era sobre o contato com a terra e o quanto esta relação, concernente ao contato, era importante para a vida. Todos falaram que tinham vivenciado uma relação de contato com a vida, “principalmente devido às minhocas” comentou Tânia, sorrindo, ironicamente. A fim de tranqüilizar Marina, Tânia me disse que “a minhoca chora quando a flor vai embora”. Para Marina, as flores tinham um sentido relacionado à vida e as minhocas relacionado à morte. Narrativas sobre brincadeiras infantis também foram constantes e se desdobraram aos contatos com o corpo da mãe. Alberto falou que “o contato com o corpo era importante, movimentar o corpo é fundamental”. Escutamos falas no grupo como: “que o único contato no corpo que se tinha quando alguém se internava era com o estetoscópio do médico, com a agulha da seringa de injeção ou quando o corpo era mexido, no caso de se ter alguma ferida grave”.

Os relatos sobre a necessidade de se fazer exercícios foram unívocos, entretanto, “não é exercício para virar atleta, mas para se sentir vivo, como as minhocas, que nutrem a terra”, disse Marina. Acreditavam que o contato e o movimento com o corpo eram também uma forma de remédio para a alma, sobre isso disse Francisco “na carne mora a alma e na alma mora a carne”, e Tânia “Até as plantas se movimentam, a gente é que não repara.” Após a realização desta oficina, pensamos sobre a importância da implementação de atividades físicas aliadas ao tratamento dos clientes das enfermarias. Atividades estas que focalizassem o corpo e o movimento. Um estagiário da equipe comentou “ao menos uma forma de contato, como o contato com as plantas, a terra, a água (...) a prática terapêutica, envolvendo o corpo já é muito difundida e apresenta bons resultados (...) tão discutida entre os profissionais...” Seja porque tomam remédios e constantemente relatam que estão com o “corpo mole” ou, seja porque querem se sentir vivos como as minhocas, a percepção do corpo é também um remédio para a alma. Consideramos, principalmente, após os relatos desta oficina, que a relação envolvendo o contato como expressão de carinho e de respeito era relevante no IPUB.

Em um outro dia, iniciamos o trabalho da oficina fotografando. Os integrantes captariam imagens que encontrassem no jardim e que mais lhes significassem. As fotos mais constantes foram as das flores. Um integrante, chamado Ubiratan, quis ser fotografado junto a uma rosa, visto que acreditava que a beleza e a “elegância” daquela rosa poderia contagiá-lo e, quem sabe, emanar saúde e juventude para ele. Exploraram o espaço de todas as formas e não se limitaram as plantas. Os participantes fotografavam cada detalhe do jardim, pois diziam estarem encantados com pequenas coisas que ali existiam, mas que jamais haviam prestado atenção. Diziam que “estavam vendo”. As pessoas que circulavam no jardim também faziam parte dele, logo eram fotografadas em momentos espontâneos ou fazendo poses. Neste dia, notou-se que os clientes estavam particularmente concentrados. Diziam que a máquina de fotografar era uma novidade para o cotidiano do hospital. Precisavam de tempo para conhecer a máquina e os detalhes do espaço.

Uma participante quis sair fotografando tudo o que via. Ela não estava com paciência, tampouco com concentração para a atividade. Os colegas lhe sugeriram ficar mais tranqüila. Sendo assim, Vânia, que tinha afinidade com ela, saiu da atividade para que pudessem passear pelo pátio. Vânia não gostou quando um integrante brigou com sua amiga, incomodado com sua agitação. Esta atividade durou bastante, pois havia um integrante que

não enxergava direito. Ele não era um cliente do IPUB, mas um familiar de um cliente. Chamava-se Lucas e fotografava com a máquina apontada para o alto. As pessoas diziam o que estavam vendo e ele pedia para captar a imagem. Fomos para a sala conversar sobre o que tinha acontecido. Vânia retornou sozinha ao grupo, pois sua amiga não estava bem disposta para fazer o mesmo. Falaram inicialmente sobre a novidade da máquina e lembraram-se de fotos de infância. Lucas agradeceu ao grupo pela paciência que tinham tido com ele, visto que se tratava de um senhor que estava ficando cego, mas que já tinha visto muitas coisas na vida. Com a ajuda do grupo, conseguia ter noção do que seria importante fotografar. Falou ter captado as imagens concernentes às copas das árvores e ao céu. Acreditava que o “céu era o infinito e a árvore apontava para o infinito, um encontro com Deus.”



**Figura 14.** Encontro da árvore com o infinito do céu.

Ele falou sobre sua velhice, da preocupação com o filho e do que seria dele após sua morte. Acreditava que o filho era muito frágil por se tratar no IPUB. Todos ficaram lhe ouvindo atentamente e Lúcia disse “fotografei uma flor devido a sua beleza e fragilidade. O jardineiro me disse que ela só brota uma vez por ano (...) beleza, fragilidade (...) duas características que também têm a ver comigo. Obrigada, jardineiro, por ter me mostrado isso (...) o senhor Lucas tem preocupação de morrer e eu tenho de viver.”

Lúcia nos falava que tinha sido uma mulher muito bonita quando jovem. Era professora, dava aulas de educação física, começou a trabalhar, mas adoeceu após o nascimento do segundo filho e da morte de sua irmã. Era jovem na época. O ex-marido ficou

com seus filhos depois da separação, “não me sentia em condições para cuidar de duas crianças, dois pequenos botões de flores.” Ela dizia que criança e “maluco” são parecidos, porque são delicados. Percebeu, a partir de então, que os velhos também eram “a pessoa quando envelhece parece sentir saudade do que já viveu e medo do que vai viver (...) assim não se consegue parar (...) parar para olhar a flor.” Dizia ter se drogado muito, com álcool e com cocaína. Tinha perdido a sensibilidade perante a vida, contudo, se ateu a essa questão quando foi rever seus filhos e eles não a chamaram mais de mãe. Isto, para ela, foi muito triste e tenta, até os dias de hoje, parar com as drogas, mas é difícil. Ela não expõe seus afetos para qualquer pessoa, apesar deles existirem. Sentia dificuldade de se adaptar à vida e, como o senhor Lucas, não conseguia parar para contemplar a beleza do mundo, a beleza da flor. Ela concluiu, no grupo, que não conseguiria adaptar seus filhos na sua vida. Seriam flores que não brotariam.

Josias, que captou a imagem de uma flor pequena, mas com madeiras em volta, nos disse “a minha flor vale ouro.” Relatou que as flores eram seus sentimentos mais nobres e, como Lúcia, não mostrava a ninguém. Vânia nos falou de seus sentimentos referentes à insegurança e à desconfiança com relação às pessoas, aos políticos e à família com a qual vivia. Dizia morar com seu irmão, mas o medo de ser mandada para fora de casa era grande. Sua cunhada não era uma pessoa confiável e o irmão era submisso, jamais discutiria com a mulher por causa dela. Viviam um grande sentimento de insegurança em relação ao futuro, tal qual o senhor Lucas. Lúcia relacionava o momento de uma flor desabrochada, que fotografou, a rapidez da passagem de um cometa no céu. Vânia comentou “a vida tem o tempo de um cometa, ela é rápida.”

O senhor Lucas acreditava que a presença dele como pai de um cliente poderia estar suscitando uma discussão no grupo acerca da efemeridade da vida. Todos lhe responderam afirmativamente e Lúcia acrescentou que com a figura de um “senhor” na sala não poderia faltar com respeito. O senhor Lucas disse ao grupo que era igual a todo mundo, que sua diferença entre os demais era por ter tido mais experiência na vida. Achava que; apesar da diferença de idade dele com relação aos colegas do grupo, de ter adquirido uma suposta sabedoria; deveria sempre estar aberto a novos conhecimentos. Dizia estar muito agradecido a todos por aquele momento. A integrante inquieta que havia participado do início da oficina, entrou sorridente na sala e falou que desejava fotografar uma flor. Quando Vânia lhe

perguntou sobre o porquê, ela respondeu “porque a flor não trai.” Lúcia falou que gostaria de conversar com a flor, já que também a admirava, achava que ela lhe daria boas dicas sobre como sobreviver. Contudo, Vânia interferiu e falou para o grupo, “não quero falar com a flor, (...) para falar com ela teria que falar com todas aquelas pessoas estranhas (...) as que aparecem quando eu não estou bem (...) tenho muito medo dessa conversa.” Embora Ubiratan tivesse dificuldade de sair da sua enfermaria, em decorrência de um problema na articulação de um dos seus joelhos, ele disse “pois eu vou tentar falar com a flor, achei a minha rosa tão bonita que já dei um nome para ela, “rosa-vênus.”

O caso clínico que relato a partir daqui é o de uma cliente que teve sua primeira internação no IPUB em 1998. Ela se trata nesta instituição até os dias de hoje e nos disse que a “Oficina de Jardim” foi fundamental para dar sentido a sua existência. Conhecemos Bia na enfermaria, ainda estava bastante transtornada com a internação e também muito abatida. Entretanto, foi receptiva ao nosso convite referente à integração na “Oficina”. Observava tudo o que acontecia, mas não participava ativamente. Realizamos uma atividade na qual conversamos sobre a importância do jardim. A resposta mais ouvida foi “é um espaço de vida”. Bia complementou “é um espaço de vida que pode trazer alegria.” Articulou a “possível alegria” ao pouco contato que teve com seu pai.

Filha do segundo casamento da mãe, tem mais quatro irmãos, sendo três do primeiro casamento. Seu pai era alcoólatra e abandonou a família quando Bia tinha quatro anos. O pai não quis registrá-la como sua filha, mas após uma discussão com sua mãe ele o fez. Foi levada à Igreja desde os quatro anos, convertendo-se aos oito por influência de uma amiga da mãe. A mãe converteu-se e frequentou temporariamente a Igreja Batista e Bia, desde que se converteu, nunca abandonou os “ensinamentos de Jesus”. Falava que “Jesus cultivou um belo “jardim de ensinamentos”. Separou-se da mãe quando tinha oito anos, junto com mais duas irmãs. Elas foram estudar em um colégio interno chamado “Pequena Cruzada” até os doze anos. Teve pouca relação com seu pai, restringindo-se às férias da mãe que a levava para ficar com ele em alguns momentos.

Bia falava de sua dificuldade para se relacionar com o outro de forma a escutá-lo e a respeitá-lo. Percebeu que esta maneira de lidar com o outro era razoável a partir da Oficina de Jardim. Lembrava-se muito pouco do pai e relatou que ele faleceu em decorrência da cirrose. Ela tinha treze anos e o pai foi enterrado como indigente. Fato este que também a deixou

entristecida com sua mãe. Falou ainda que o único sentido que dava à terra era o de receber os “mortos desclassificados.” Durante a sua participação na atividade, percebeu que “da terra nascem vidas belas que foram transformadas.” Bia relatou que, no colégio interno, quando não estava estudando, cuidava da limpeza do ambiente e também brincava bastante. Eventualmente, molhava as plantas dos vasos da instituição. Ela foi para outra escola a partir do momento em que sua mãe foi trabalhar como doméstica e morava na casa dos patrões. Os irmãos homens ficaram espalhados em casas de conhecidos. Segundo Bia, a mãe gostava mais dos filhos do que das filhas. Falou certo dia em uma atividade, “flor é uma vida bela e delicada, representa a mulher (...) mulher é um bicho muito desvalorizado, precisa de mais cuidado.”

Aos treze anos, Bia foi cursar o ginásio, morando com a mãe e os seus patrões. Sua mãe a tirou do colégio quando faltava um mês para concluir o curso, com o intento de empregá-la como babá em uma casa de família. Este episódio a deixou chateada, pois sentia-se feliz estudando. Acreditava que a mãe lhe tirava tudo o que existia de bom na vida. Relacionou, em uma oficina, o cuidado que devemos ter ao transplantarmos uma planta a sua própria vida “precisamos prestar atenção se a terra está fértil e se a planta irá agüentar a mudança de solo”. Quando completou quinze anos foi morar na casa de uma senhora que era membro da igreja. Trabalhou, pela primeira vez, como balconista de uma farmácia no período da manhã e cursava o supletivo após o trabalho. Achava que sua vida poderia melhorar caso estudasse. Aos vinte e um anos, teve o seu primeiro namorado “foi um ano e meio de paquera e seis meses de namoro (...) não lembro dele ter me dado uma flor como demonstração de amor.” Terminou o namoro com ele por não amá-lo, embora ele tenha sido muito atencioso ao escutar os problemas que ela tinha na relação com a mãe. Morou na casa desta senhora, que era membro da Igreja Batista, até os vinte e dois anos e concluiu o curso de Técnico em Contabilidade. Disse que, aos dezoito anos, começou a se sentir perseguida por alguns colegas.

Iniciou um curso de piano com uma professora particular. Isto lhe fazia muito bem, seu sonho era poder tocar “Jesus, alegria dos homens”. Gostaria de ter aprendido a falar inglês nesta época para ser intérprete na Igreja Batista, a fim de recepcionar algum pastor estrangeiro, “talvez ele me trouxesse uma flor de bem longe, como prova de carinho.” Aos vinte e três anos, retornou para a casa da mãe, não conseguindo ficar sequer durante o período

de um mês. Segundo ela, a mãe tinha uma vida promíscua e induziu suas duas irmãs à prostituição, uma delas é prostituta até os dias de hoje. Quando Bia perdeu o emprego, a mãe expulsou-a de casa. Ficou consternada com suas dívidas acumuladas e foi internada em uma clínica privada durante dois meses. Estava confusa sem saber para onde ir. Segundo Bia, nesta clínica havia um belo jardim, mas era para decorar o espaço. Contudo, sentia-se convicta de um fato: não precisava de internação. Após a alta dessa clínica passou o período de um ano morando na casa de uma outra senhora conhecida da família. Entretanto, se desentendeu com ela e teve que sair da casa. Em resumo, não se sentia acolhida em lugar nenhum. Disse ter vivido esta experiência de acolhimento na “Oficina de Jardim” e, posteriormente, começou a perceber que podia confiar em alguns profissionais do IPUB. Encontrava-se beneficiada pelo auxílio doença no período correspondente à alta da internação. Alugou um quarto com banheiro, mas sua situação financeira ficou ainda mais difícil. Mudou-se novamente, mas desta vez para um quatinho com um banheiro no quintal. Sentiu-se novamente confusa e só. Resolveu ir ao PAM e o médico lhe receitou psicotrópico. Achou o profissional distante, pois ele nem a olhou. Ela acreditava que não era o remédio que iria dar conta do seu sofrimento. Contudo, não sabia o que fazer. Mostrou a receita para sua irmã que era enfermeira. Esta não virou prostituta, se salvou da mãe.

A segunda internação foi em 1998 em uma outra clínica privada. Neste período, estava trabalhando no departamento pessoal de um restaurante e desconfiava que os colegas sentiam inveja dela pelo fato do chefe lhe tratar bem. Após a alta da clínica, foi atendida no plantão do IPUB, visto que estava sem dormir. “Simpatizou-se” com o médico que lhe atendeu, comparecendo, a partir de então, sistematicamente, no dia do plantão dele. A primeira internação no IPUB também ocorreu em 1998, época em que trabalhava em uma firma de contabilidade. Bia teve uma crise de agitação psicomotora quando a encaminharam para o IPUB. Relatou que havia um complô contra ela no trabalho e na Igreja a qual freqüentava. Logo em seguida a alta, Bia foi encaminhada ao tratamento ambulatorial, encontrando dificuldades em comparecer às consultas devido à distância de sua casa. Ficava envolvida nas atividades domésticas e dormia pouco.

No ano de 1999, foi internada pela segunda vez no IPUB, apresentando um quadro de agitação, gritando e xingando as pessoas, principalmente, as mulheres da Igreja Batista, acusando-as de a estarem perseguindo. Incentivamos Bia a procurar outros dispositivos

terapêuticos no IPUB. Ela gostava de conversar e se sentia segura lá. Deixava-nos, freqüentemente, um bilhete dizendo “Jesus semeou a paz, eu também posso semear.” Foi internada oito vezes no IPUB, uma média de duas vezes por ano. Era levada pelo pastor da Igreja Batista ou pelos seus membros. Freqüentava tal espaço há dezoito anos, às vezes com grande regularidade ou às vezes com mais sistematicidade. Falava-nos do seu amor por um rapaz que era filho do dono da Empresa de Transportes Coletivo Flores. Bia trabalhou nesta empresa quando tinha vinte e três anos, durante um curto período. Conversava com o Silvio por telepatia, afirmando que eles eram noivos.

Bia dizia que Silvio herdou os poderes telepáticos do pai e os utilizava quando ela estava em apuros. Nunca teve relação com outros homens, pois esperava a chegada de Silvio.

Em 2002, foi comunicada, pela assistente social do IPUB, sobre o falecimento de sua mãe e teve um sentimento de estranheza, nada mais. Até 2003, dizia que os seus problemas estavam nos outros que a agrediam, pois, para ela, eram fundamentalmente as mulheres que sentiam inveja do seu relacionamento com Silvio. Presenteávamos Bia com vasos de plantas. Ela os levava para a enfermaria, quando se encontrava internada e, para a casa, quando estava de alta. Falou-nos que “a responsabilidade de sua recuperação estava no seu próprio comportamento.” Observava que quando cuidava de uma planta, ela ficava viçosa, caso contrário, não, “tô vendo que planta também reage conforme o nosso cuidado com ela.” Nas últimas internações chegou a ser ameaçada de expulsão da Igreja pelo pastor, mas tal situação foi contornada pela equipe que a assistia no IPUB.

Este foi um período no qual começou a investir seus afetos e sua atenção nos demais dispositivos do IPUB bem como nos técnicos da instituição. Sua última internação foi em agosto de 2003. Embora gostasse de plantas, sentia muita dificuldade em cultivar a terra. Dizia estar muito gordinha e sem preparo físico. A intensidade quanto a sua participação na oficina se dava no momento em que refletíamos sobre o que havíamos feitos. Ela falava que o “Jardim das emoções” não se diferencia do “jardim de plantas.” Tecia analogias entre cultivar uma planta e cultivar afetos é importante cuidarmos da vida (...) é importante nos relacionarmos na vida.” Bia também estabeleceu um forte vínculo de amizade com uma outra participante, Vânia. Ambas combinam de passear eventualmente, fora do IPUB.

Atualmente, nem Vânia, tampouco Bia, freqüentam a “Oficina de Jardim.” Elas estão empenhadas nas demais atividades existentes no IPUB. Gostam das atividades que tenham



por objetivo a geração de rendas. Bia disse jamais esquecer da “Oficina de Jardim” e pudemos constatar tal questão quando nos presenteou com um jornal escrito, elaborado no Hospital-dia, que tinha o seguinte poema cuja autoria era dela:

“Um Instituto de Psiquiatria para este tempo  
 A palavra nos diz: Que há um tempo para cada coisa  
 tempo de rir, tempo de chorar.  
 Tempo de guerra, tempo de paz.  
 Tempo de plantar, tempo de colher.  
 Mas como saber o tempo que estamos?  
 Será que é tempo de plantar ou tempo de colher.  
 Será que devemos sentar e esperar o tempo passar,  
 Para que passado o tempo, descubramos que era tempo de trabalhar...  
 E que nós não fizemos nada.  
 Olhai e vede, esta é a ordem do mestre:  
 olhai os campos,  
 olhai os pássaros,  
 olhai os lírios  
 olhai a si mesmos,  
 olhai.  
 Como estar prontos se não vemos o que passa,  
 se não olhamos a nossa volta.  
 Estar preparados significa estar ciente ao que se passa em nossos corações,  
 não é visão física, mas também espiritual;  
 Para que possamos ver não o mendigo que pede,  
 mas a alma que clama.  
 Não o bandido que assusta,  
 mas o pecado que consome.  
 Não as nossas fraquezas,  
 mas a força de nosso Deus.  
 Um Instituto de Psiquiatria para este tempo,  
 E um Instituto com visão de que a diferença entre tempo e fora de tempo não  
 é o momento, mas o sentimento com que cada cidadão se põe a lutar.”

Surpreendemo-nos quando Bia mostrou este poema, visto que não freqüentava, há pelo menos um ano, a “Oficina de Jardim.” Contudo, nos falou que jamais se esqueceria do tempo em que participava da nossa atividade. Esta lembrança estava clara neste poema, bem como a gratidão que nutria pela equipe. Falava ainda que tinha sido “uma experiência necessária do tempo para plantar”, pois estava se sentindo fortalecida para viver o tempo de lutar.

### 3.2.1. A criação de um jardim dentro do caos urbano

Em uma rua de uma grande metrópole, aonde habitam pessoas pertencentes à classe social privilegiada, existe uma mulher. Ela vive uma existência fora dos padrões habituais de comportamento. Anda isolada, eventualmente fica agitada, xinga as pessoas aparentando estar ressentida com a vida. Entretanto, desde que a conhecemos no ano de 2000, Luana, empenha-se em cultivar um jardim simplório, como forma de sentir pertencendo ao mundo.

Acreditamos que ela também semeia a terra como uma maneira de manter uma relação de beleza e de sensibilidade com o espaço urbano. As cidades há muito deixaram esmaecer o sentido de cultivar como modo de habitar a vida. Se nos hospitais onde trabalhamos, inserimos a jardinagem como dispositivo terapêutico, Luana parece ter intuído que a jardinagem também pode vir a ter o mesmo valor para ela. Contudo, não se instituindo, mas vivendo mesmo que seja de maneira pouco segura.

Conhecemos Luana no ano de 2000 através de um amigo, que a observava quando ele ia almoçar. Paulo a descrevia como moradora de rua, porque se vestia de forma muito simples, embora limpa. Seus cabelos eram arrumados e aparentava uns quarenta anos. Como ela construiu e cuidava de um jardim em frente ao restaurante que freqüentava, Paulo desejou nos apresentar por conta do interesse comum pela jardinagem. Ele estava certo. Ficamos curiosos em conhecer Luana, bem como seu jardim.

Lembramo-nos vagamente do nosso primeiro encontro e como ele foi agradável. Sem dúvida, Luana morava na rua. Dormia embaixo de uma marquise em frente a um salão de beleza. Vivia só e era um pouco tímida. O seu jardim era, na verdade, um pequeno canteiro em frente a um prédio de administração de uma igreja e tinha a finalidade de impedir o estacionamento de carros. Luana tinha uma relação cordial com os transeuntes, possivelmente moradores do bairro que a conheciam e até adquiriam mudas de plantas com ela.

No nosso convívio inicial, trocávamos muitas plantas, doamos material para jardinagem e a convidávamos para almoçarmos juntas em um restaurante próximo ao seu jardim. O pouco tempo que tínhamos na época era o do almoço e, em seguida, retornávamos

para o nosso trabalho. Foi quando perguntou o que fazíamos e em qual lugar estávamos plantando o jardim que a relação amistosa que estabelecia entre nós se rompeu. Quando falamos que era em um hospital psiquiátrico, percebemos que ela mudou sua atitude conosco. Luana se intimidava ao entrar no restaurante e, paulatinamente, emudeceu. Até que um dia pediu que não a procurássemos mais, pois as pessoas poderiam julgá-la como “sapatão”. Disse também, irritada, não ser ‘maluca’ não necessitando de assistência psicológica. Por mais que tentássemos esclarecer à Luana que era o seu trabalho com as plantas que nos despertava atenção, ela foi contundente no sentido de não querer mais nos ver. Para ela, parecia absurdo a idéia de conversar sobre flores.

Respeitamos seu pedido durante sete anos e agora tivemos um breve encontro. Nos encontramos de forma não regular do mês de setembro de 2007 a maio de 2008. Fomos conversar com ela nos dias em que estava disponível para nos receber e, de preferência, diante do seu jardim. Mesmo assim, nem sempre éramos bem acolhidos. Ela saía, por exemplo, para ir a outro bairro nas adjacências. Luana, apesar de parecer ter a nossa idade, demonstrava um certo abandono, uma necessidade visível de ser adotada, cuidada.

Quando nos reencontramos, nos aproximamos discretamente de seu jardim ela nos reconheceu. Sorriu e perguntou como estávamos. Respondemos que nos encontrávamos bem e satisfeitos em ver que suas plantas estavam crescidas e viçosas. Lembrou do nosso nome, bem como de nossa profissão. Percebemos que além do seu pequeno jardim, havia vasos, onde cultivava plantas ornamentais, alguns bichinhos de plásticos, discretamente colocados nas depressões do tronco da árvore, que também fazia parte do seu jardim. Nos disse que enfeitava a árvore com essas miniaturas. Observamos os vasos de plantas ornamentais cultivados por ela. Dizia vendê-los, em sua maioria, aos moradores das casas e dos apartamentos da rua, aos quais chamava de “vizinhos.” Os transeuntes, supostamente moradores da rua, eram educados com ela. Cumprimentavam-na e, segundo Luana, faziam encomendas de plantas ornamentais cultivadas por ela. Relatou que cuidar de plantas podia ser lucrativo, embora essa não fosse a prioridade. O fundamental era plantar e ver crescer.

Luana se relaciona com os outros com um sorriso e atualmente está aparentemente mais descuidada, contudo, prima pela limpeza do espaço que cuida, o jardim. Diz que a higiene é importante na vida. Pragueja para algumas pessoas que dizem serem falsas. Fala que gosta de pessoas cultas e nos mostra algumas folhas de dicionário rasgado que sempre lê, bem

como um livro, cujo título é “O despertar do amanhecer.” Estudou em sua juventude e não deseja perder o hábito da leitura. Se pudesse freqüentaria todos os dois restaurantes existentes na rua, onde mora. Diz gostar de “coisas boas” e um deles, aparentemente, é freqüentado pela classe média alta. Acredita que as pessoas ricas financeiramente tendem a tratá-la melhor, de forma educada, visto que as pessoas pobres sentem inveja dela.

Luana freqüenta a igreja em frente ao canteiro. Ela toma banho nesta igreja, almoça após o expediente em um restaurante da rua, toma café da manhã uma vez por semana na igreja e as outras vezes em um boteco perto de seu jardim. Existe um supermercado nos arredores, onde Luana diz comprar alguns biscoitos para comer com o café da manhã e no decorrer do dia. Onde dorme, diz não gostar das funcionárias do salão, as chama de fofoqueiras, acreditando que elas tomam conta de sua vida. Freqüenta a igreja sistematicamente e tem uma relação bastante ambígua com as pessoas que lá estão. Ora diz odiá-los, ora amá-los.

Ela nutre por uma mulher, a qual chama de “madrinha”, um sentimento de profunda admiração. Esta mulher faz parte da administração da igreja e pudemos constatar que a “madrinha” não retribui o afeto construtivo que Luana diz sentir por ela. Presenciamos a chegada desta “madrinha” de carro no prédio da igreja. Ela não cumprimentou Luana. Soubemos também através da irmã da “madrinha” que Luana tem uma “obsessão” por tal “madrinha” e respeita somente a ela. Disse-nos também que na Igreja existe um psicólogo e que ela se recusa conversar com o profissional. Foi viabilizado pelos membros da igreja um lugar para Luana morar. Contudo, ela fugiu deste local e voltou a morar na rua. A irmã da “madrinha” nos relatou que Luana por vezes faz “verdadeiros escândalos” dentro da igreja o que dificulta a presença dela neste lugar. Nos disse ainda que ela foi uma funcionária da família, mas impossibilitada de continuar exercendo o ofício, devido ao seu comportamento agressivo, saiu da casa a pedido dos patrões. Confia somente em Deus e na “madrinha” da metrópole.

Luana não é uma pessoa de se expressar de forma compreensível, através das palavras. Fala muito pouco e relata ter vindo jovem para a metrópole. Sua origem é de uma pequena cidade litorânea e não fala sobre sua mãe ou mesmo seu pai. Disse ter sido criada por uma “madrinha” que a maltratava. Cuidava de Luana como empregada e a desprezava muito. Disse que o marido desta “madrinha” era um médico que fazia abortos e não gostava dele também.

Sua família biológica nesta cidade não era presente e quando falou para a irmã sobre os maus tratos sofridos pela “madrinha”, ela não se importou com a queixa. Gostava muito das plantas da casa desta “madrinha”, contudo, havia um jardineiro, que não permitia que ela cuidasse delas. Diz que na cidade de origem colheu peixes e na cidade grande, flores.

Luana pouco quis falar sobre sua vinda para a cidade. Disse somente que há dez anos não vai a cidade de origem, não sentindo saudades da mesma. Menciona brevemente ter feito tratamento psicoterapêutico em um hospital da rede pública de saúde, entretanto, interrompeu. Disse não querer ficar doente, tampouco precisar de hospital. Começou a fazer jardim por sugestão da sua ‘madrinha’ da igreja, pois esta lhe sugeriu fazer algo que lhe trouxesse bem-estar. Escolheu, então, cultivar plantas. Relatou que a “madrinha” pediu para que fosse construído um pequeno canteiro em frente ao prédio da administração da igreja. Luana disse estar lá há pelo menos dez anos.

Ela não é uma pessoa a qual consigamos conversar tranqüilamente, pois acredita que as pessoas nos chamam de “sapatões”. Fator este que, possivelmente, a prejudica nas relações que conseguiu estabelecer na rua e nas adjacências até o momento. Diz que prefere ir à igreja, ficar só e cultivar seu jardim. Gosta de fazer e não de falar. (grifo nosso) Todas as partes de uma planta a agradam, apesar da maioria das pessoas gostarem das flores, ela nos diz, “as pessoas que não são interesseiras gostam de tudo, não só da beleza.” Consegue perceber riqueza nas formas, cores, espessuras, alturas de todas as plantas, inclusive, as que estão morrendo. Disse que existe apenas uma flor que não gosta, o cravo, pois lembra uma “coisa ruim”. Inclusive, o cheiro é desagradável. Relatou que as plantas demandam uma atitude sensível das pessoas. Entretanto, nem todos indivíduos percebem tal fato visto que, por vezes, estacionam o carro em cima do seu jardim.

A nossa experiência ao conhecer Luana foi impactante. Não foram raras as vezes, em que sentíamos nossa alma se aproximando de um espelho, Luana. Entretanto, existe diferença, principalmente, no que tange a situação do risco de morar na rua, em que nossa querida jardineira está mais exposta do que nós. Chamou-nos a atenção, o fato dela estar há dez anos realizando o mesmo ofício, ou seja, cuidando do mesmo canteiro.

Quando nos encontramos pela última vez, ela não foi muito receptiva. Levamos algumas fotografias de sua obra e ela fez observações dos detalhes que não ficaram como ela desejava, como por exemplo, em uma fotografia na qual focalizamos o seu jardim, a vassoura

com que o limpava e a calçada. Luana reclamou e se deteve na imagem captada da vassoura como um objeto que desvalorizava o seu jardim. Ela dizia que tinha que ir comprar terra. Contudo, foi categórica quando nos relatou, “cuidar das plantas me traz paz interior”. As plantas são muito simples, mas os seres humanos muito complexos.” Observamos alguns transeuntes lhe cumprimentando e ela nos falou que “o jardim tinha dado mais alegria à rua e às pessoas.” Constatamos, então, que está muito mais amarga atualmente, praguejando contra as pessoas. Todavia, por vezes, nos parece que a necessidade de criar, de cultivar a vida, prevalece e pode dar algum sentido aos paradoxos do cotidiano.



**Figura 15.** Um jardim criado no caos urbano.

## CONCLUSÃO

Os jardins sempre foram lugares importantes para o homem desde que ele tornou-se sedentário. Integrando-se com a natureza ao seu redor, as comunidades humanas começam a valorizar desde uma simples árvore até um complexo sistema de elementos. Sempre foi assim no decorrer dos tempos. Dependendo de vários aspectos da organização social, tinham-se mais ou menos árvores na composição do espaço junto à arquitetura. O jardim, espaço estruturado pelo homem, transformou-se com ele e adquiriu várias formas com características específicas.

Nesta dissertação, focamos o jardim como espaço terapêutico. Ele possui elementos de forte carga simbólica, cuja experiência, ao lidarmos com ele, revelou seu potencial terapêutico. Desenvolvemos o trabalho com jardim no campo da saúde mental há 14 anos. Muitas críticas foram dirigidas à nossa prática durante esse tempo, algumas pertinentes e produtivas, mesmo que difíceis de ouvir no momento em que foram feitas, outras, apenas fruto do preconceito e da vaidade, mas os clientes sempre foram as testemunhas principais a nos dizer que, apesar das dificuldades, o “Projeto Plantando Sonhos” merecia seu lugar ao sol entre as diversas modalidades terapêuticas.

Procuramos relatar aqui encontros e fatos que traduzem a trajetória e a riqueza de possibilidades desta experiência. A nossa formação acadêmica foi fundamental para que pudessemos clinicar, porém, foi também através de nossas vivências, escutando os clientes, olhando para os espaços onde se tratavam, que estruturamos um outro modo de trabalhar clinicamente. Se, nesta jornada, os estudos foram importantes e a experiência também, a reflexão necessária para a produção desta dissertação foi fundamental para integrar essas duas dimensões de forma harmônica. Isto proporcionou condições para que possamos dar continuidade ao trabalho da “Oficina” de modo mais crítico e criativo.

A apropriação temática que a elaboração desta narrativa nos levou a fazer, nos permite reiterar agora, através dos percalços e dos acontecimentos clínicos relatados, a relevância de práticas terapêuticas que focalizam a relação através do *fazer*. Apostamos na simplicidade, embora, paradoxalmente, o simples seja às vezes o mais difícil. Acreditamos que uma

experiência, na qual situações triviais da vida tornam-se objeto de atenção refletida, é potencialmente terapêutica. Ela nos remete simultaneamente à singularidade do momento e às raízes míticas que estruturam a experiência humana do mundo como abertura e habitação de sentido. Sendo assim, podemos nos remeter ao agricultor das sociedades arcaicas e tradicionais que consideravam o seu ofício como um ritual sagrado, em que estava em jogo a integração com as diferentes forças da natureza, para que as colheitas fossem fartas e a vida continuasse sendo acolhida e nutrida pela Terra-mãe.

Para compreender a dimensão essencial do trabalho da “Oficina” é preciso suspender todas as objetivações funcionais e estéticas do espaço do jardim. Deste modo, a fenomenologia poética do espaço realizada por Bachelard nos auxiliou a perceber o significado originário do espaço como habitação de sentido. Esta perspectiva foi, para nós, ampliada pela fenomenologia de Heidegger, que nos mostrou a co-originariedade de homem e mundo, sendo esta o sentido ontológico da expressão ser-no-mundo. Ser homem já é, desde sempre, habitar o mundo enquanto abertura de sentido. A terra, antes de qualquer objetivação científica ou econômica, é nossa morada, seja para nos permitir lançar raízes e florescer, seja enquanto deserto por onde erramos solitários e sem paradeiro.

Habitar, em seu sentido mais próprio, é cultivar o solo da existência. Esta é a demanda essencial de nossos clientes: lançar raízes em experiências existenciais que lhes sirvam de referência e alimento para a expansão da vida. Ao cultivar a terra, plantar e cuidar do jardim, não precisamos evocar representações conceituais sobre os significados psicológicos da atividade para sermos diretamente afetados pelo valor simbólico arquetípico dos elementos e relações em jogo. Todo fazer atento é, já, um pensar, na medida em que é sempre guiado por um contexto de relações de sentido em que nos encontramos antes de nos darmos conta. E, ainda que jamais nos demos conta, não somos por isso menos o nosso fazer e seu contexto de referência.

Testemunhamos, inúmeras vezes, o quanto pode ser terapêutico para os clientes que vivenciam um estado psicótico o plantar ou apenas o manipular livremente com a terra. Este cultivo deve, no entanto, ser acompanhado e, se possível, compartilhado. A reflexão, junto ao grupo de trabalho, sobre o que foi realizado, é importante não tanto como uma interpretação psicológica, mas como um cuidado para que o *fazer* não recaia no automatismo, despotencializando sua força simbólica e transformadora.



O psiquiatra suíço Carl Jung nos legou, através de seus escritos teóricos e dos relatos de algumas experiências pessoais, uma referência fundamental para a compreensão do valor terapêutico do *fazer*. Sua noção da existência humana enquanto *obra*, inspirada na idéia do *opus* alquímico, foi de extrema importância para que pudéssemos elaborar uma melhor compreensão do trabalho da “Oficina”. Jung percebeu, em seus estudos dos tratados alquímicos antigos e medievais, que não se tratava ali de meras tentativas ingênuas e pré-científicas de manipulação objetiva dos metais, mas de textos polissêmicos que expressavam, antes de tudo, ricos experimentos existenciais de cuidado e transformação de si. Os próprios alquimistas e os metais torturados e purificados em seus laboratórios não eram entidades inequivocamente separáveis. O fogo que fundia os metais, permitindo-lhes separar as impurezas, calcinava-lhes simultaneamente a própria alma. Tal qual os agricultores arcaicos, eles também estavam integrados ao cosmo, não havia dicotomia entre sujeito e objeto. A alquimia era considerada *Ars Magna*, posto que a criação de si era considerada a grande criação.

Em nossa “Oficina”, apesar de alguns clientes terem se profissionalizado e dado passos importantes em sua ressocialização por isso, o sentido essencial do cultivo do jardim é análogo ao da experiência que os agricultores arcaicos e os alquimistas de outrora realizavam. Em sua dimensão clínica o cultivo das plantas equivale ao cultivo da alma. Acompanhamos o processo da vida, no qual o nascimento, o crescimento, a transformação e a morte de uma planta, reflete as nossas paisagens espirituais, permitindo-nos elaborar, dar sentido e ampliar nossa experiência existencial. Terapeutas-jardineiros são, antes de tudo, jardineiros de si e daqueles que lhes vêm ao encontro no jardim.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C.S.C. ; FRAGOSO, F. Vídeo. **Entrevista com Nise da Silveira**. Biblioteca pessoal de Nise da Silveira, Instituto de Psiquiatria da UFRJ - IPUB e Escola de Comunicação da UFRJ, 1998, 120min., colorido, Acervo do Museu de Imagens do Inconsciente.. Não editado.
- AZEVEDO, Claudia Silvana Cardoso e BORBA, Fabiana.Souza. *Jardim o despertar da Semente como espaço de criação*. In: COSTA, Clarice Moura e FIGUEIREDO Ana Cristina (org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**. Rio de Janeiro: Livraria Contra Capa, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CUNHA, Antonio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- EDINGER, Edward. **Anatomia da psique – o simbolismo alquímico na psicoterapia**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano – a essência da religião**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FRANZ, M. L. Von. **Alquimia – introdução ao simbolismo e à Psicologia**. São Paulo: Cultrix,1987.
- \_\_\_\_\_. **A alquimia e a imaginação ativa**. São Paulo: Cultrix,1993.
- \_\_\_\_\_. **Reflexos da alma – projeção e recolhimento interior na Psicologia de C.G.Jung**. São Paulo:Cultrix/Pensamento,1988.
- GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Ed LTC, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar* In: **Ensaio e Conferências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- HILLMAN, James. **O mito da análise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JAMES, T.G.H. **Mitos e lendas do Egito Antigo**. São Paulo: Melhoramentos/Universidade de São Paulo,1976.
- JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Rio de Janeiro:Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A natureza da psique**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1993.

- \_\_\_\_\_ . **Memórias, sonhos e reflexões**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1989.
- \_\_\_\_\_ . **O homem e os seus símbolos**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1993.
- \_\_\_\_\_ . **Os arquétipos do inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_ . **Psicologia e Alquimia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_ . **Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_ . **Símbolos da transformação**. Rio de Janeiro:Vozes,1986.
- \_\_\_\_\_ . **Tipos Psicológicos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1990.
- NEUMANN, Erich. **A Grande-mãe – um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**.São Paulo: Cultrix,1998.
- RILKE, R.M. **Cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1985.
- SÁ, N.R.; TERRA, C. G.; AZEVEDO, C.S.C.; *Projeto Plantando Sonhos – uma oficina de Jardim, Revista da Universidade Rural*. Série Ciências Humanas. Seropédica, R.J., EDUR, No Prelo.
- SAMUEL, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago,1988.
- SILVEIRA, Nise. **Jung vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- TEIXEIRA, M. O L. **Deus e a Ciência na Terra do Sol – o hospício de Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil**. 1998. 264f. Tese (Doutorado em Psiquiatria), , IPUB, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- TUAN Y-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel,1980.
- WORKSHOP Jardim – **uma oficina da vida**, 1., 1997. Rio de Janeiro, Paper...:IPUB/UFRJ

## APÊNDICE

Essa flor é que não me deixou perder a consciência.

Milton Freire

Entrevista com Milton Freire<sup>32</sup> concedida à Cláudia Silvana Cardoso de Azevedo, em julho de 2007.

Não pareceu-nos necessário interpretar clinicamente tal entrevista. Milton foi construindo, durante o passar dos anos, através do seu processo terapêutico, um grau de elaboração para sua própria experiência. Percebemos, inclusive, que as nossas perguntas foram de fáceis compreensão para ele.

**Milton** - Conheci a psiquiatria no final do ano de 1961, quando tive uma primeira internação, no final do ano de 1961, aos 15 anos de idade, após grande cefaléia, rolando no chão de dor, gritando e chorando. Sentia que perdia a minha pele, a qual significava perder fundamentalmente a minha proteção, a sensibilidade e a relação com o outro. Era uma força interna, um pesadelo acordado, apesar das várias tentativas de ajuda de amigos e familiares, não passava. Houve um dia, segundo um relato de um amigo, em um domingo, que gritei muito, preocupando e assustando a todos os que estavam em torno de mim, meus amigos, os quais falavam: “perdemos um amigo...” Todos se emocionaram muito diante de minha transformação. Quando ouvi o comentário de uma vizinha, que falava “coitado, ele não teve mãe”, reagia agressivamente com palavrões. Essa vizinha detectava intuitivamente a perda do

---

<sup>32</sup> Militante da Luta Antimanicomial. Transcrição da entrevista realizada por Tami Reis Gabeira e Camila Sartié Carvalho.

contato corporal com a minha mãe, que realmente não tive, pois minha mãe veio a falecer logo após o meu parto. A lembrança do contato corporal que tive foi até os cinco anos, através de minha prima, a Margarida.

Meu pai, que era médico, me deu um comprimido de um remédio psiquiátrico e no dia seguinte, senti-me aliviado das dores de cabeça. Depois, houve uma exaustiva conversa com meu pai, chegando a um consenso: a melhor forma de tratar do meu problema, inicialmente, pensando medicamente, era uma internação em um hospital psiquiátrico. Sendo assim, fui internado à noite em um sanatório no Rio de Janeiro, cujo tratamento era baseado nos eletrochoques e nos choques insulínicos. Ninguém se falava entre si, não se estabeleciam vínculos afetivos. Os médicos e os pacientes eram passivos. Desesperei-me com tal realidade e quis voltar para a casa, pois o ambiente era de terror.

Tive um sério desentendimento com um médico, sendo amarrado, sedado e colocado em um quarto forte. Deitava-me em um chão frio, fazendo as necessidades pelo chão, recebendo as refeições por debaixo de uma porta de madeira. Sentia-me completamente sem pele e tentava resgatá-la, através do contato com as fezes. Comia todas essas fezes com as mãos e as esfregava pelo corpo, pois mais uma vez buscava retomar a minha pele.

Continuava gritando, de acordo com o depoimento de pessoas que estavam em condições de testemunhar tal situação. Fiquei quinze dias nesse lugar. Espremia meu rosto no buraco da porta, visto que este era o único espaço que tinha relação com lado externo do quarto forte. Através desse buraco, pude ver o céu estrelado e também um jovem olhando para o céu com os braços estendidos, descalço, com as mangas da camisa enroladas. As únicas partes do corpo que eram movimentadas pelo rapaz eram os dedos, como um pianista. Ao mexer com os dedos sentia que ele conseguia entrar em contato com o meu corpo, contendo o ímpeto agressivo de meu corpo. Perguntava quem era e repetia com uma canção rimada que era um cantador. Perguntei: “Cantador ou trovador?” Respondeu-me tudo cantando: “É isso mesmo, eu sou um poeta.” Perguntei-lhe novamente: “Mas porque você está aqui?” Respondeu-me: “Existe no mundo muita dor, muito sofrimento e pessoas encarceradas que perdiam para a violência.” Falei-lhe então: “estou em um estado de guerra, onde luto ou morro, morte esta que equivale a ficar para sempre neste lugar, enlouquecido.” O trovador canta: “Mas que ele é marciano, é marciano, é marciano... Mas que ele é guerreiro, é guerreiro, é guerreiro... Mas

com ele ninguém pode, ninguém pode, ninguém pode...” Cantou vários valores, dentre eles a virtude e a esperança.

**Claudia** – Bom, Milton, queria explorar com você essa imagem. A vida também é feita por imagens e essa parece ter lhe despertado a possibilidade de vida. É sobre a questão da possibilidade de vida que acho importante a gente conversar. Que tal?

**Milton** - Olha, eu senti assim, por exemplo, que essa visão do trovador, se eu não tenho a visão do trovador eu ia entrar realmente, como as pessoas falam, no poço sem fundo. Eu ia realmente, ou então, ir para um horizonte que não acabava mais. Eu ia me sentir destruído porque eu estava diante de uma força, de uma energia muito grande. Essa imagem do trovador, ela faz uma mediação entre essa força maior da natureza e eu mesmo, a minha consciência.

**Claudia** - Milton, você relatou sobre a imagem que você teve do poeta, trovador, cantador, na qual ele foi cantando e lhe fazendo algumas perguntas. Uma pergunta que fez você ficar bastante perplexo, surpreso, qual foi?

**Milton** - Ele perguntou se eu tinha uma flor! Fiquei muito chateado porque falei que era um guerreiro, que estava em uma situação que precisava ser um guerreiro. Estava em uma situação em que precisava me defender. Estava me sentindo abandonado naquele quarto forte. No meio do cocô, uma falta de higiene total. Dizia que era um guerreiro, sentia esse lado meu. Ele começou com uma certa ironia. Começou a cantar “Marciano... é guerreiro, e com ele ninguém pode, ninguém pode... marciano é justiceiro...” Ele proclamava isso aos ventos, às dimensões da existência. Colocava a cabeça para o alto como se estivesse promovendo esse encontro com o marciano. Ele era poeta e estava se encontrando com o menino. Queria falar ao menino, ao guerreiro sobre essa flor. E que o menino tem um amigo que luta com ele, que é guerreiro. Essas construções ficaram sólidas quando vi minha família, minha prima. Essas partes da personalidade começaram a se formar realmente. Comecei a descobrir o pensamento, que praticamente não pensava. Eu fazia as coisas muito instintivamente.

Perguntou isso cantando dentro de toda sua apresentação. Ele era músico e poeta, tinha aparecido para mim, nem sabia que era uma visão. Achei que fosse alguma coisa montada pelo hospital, fosse algum psicólogo ou alguma figura de terapia. Ele me perguntou cantando se eu tinha uma flor e isso me deixou bastante perplexo. Porque ele adivinhava o que estava se passando dentro de mim. Ficava impressionado. Como ele podia adivinhar? Eu não pensei em flor, mas ele me fez fazer essa associação de flor com pele.

Aí me lembrei de uns jardins da minha infância, perto de casa, em Belém. Dos jardins de quando vinha da escola. Lembro que uma vez estava apaixonado por uma menina, olhei para o jardim e pensei que a terra se parece com uma flor; as mulheres se parecem com flores. Então fiquei muito espantado. Porque realmente eu perdi essa flor, perdi quando vim de Belém para o Rio. Eu era criança. As crianças fazem isso quando querem esquecer alguém, elas matam essa pessoa dentro delas. Pode ser uma coisa violenta e radical, mas crianças fazem isso. Pensei que era só eu que fizesse, mas uma vez conversando com outras pessoas vi essa coisa de matar a lembrança da minha mãe que me criou dentro de mim. Foi uma coisa para não se esquecer, para sofrer. Eu tinha de quatro para cinco anos de idade, matei essa mãe dentro de mim, é uma coisa violenta, só de falar a expressão é violentíssimo.

A outra mãe que era bem jovem do retrato e quando retornei de Belém fiquei sabendo que essa mãe tinha morrido em decorrência do meu nascimento e isso me deixou com um sentimento de culpa e de morte que foi para a vida toda. Isso mexe muito comigo, desculpa...<sup>34</sup> Isso é para a vida toda. Marcou-me e criou um quadro depressivo em mim na adolescência quando tornei a ver minha mãe de criação. Depois que a família de Belém, meu pai e minha madrasta se mudaram para o Rio eu revi minha mãe que tinha me criado até os cinco anos. Quando revi essa mãe senti mais culpa ainda. Lembro-me que ela veio ao aeroporto toda carinhosa falar comigo e me abraçar e eu tinha virado um índio, mas um índio sem saber expressar sentimentos, um índio que sofreu muita violência, sem ter para quem apelar. A vida foi sempre com muita briga na rua e sem a presença da mulher. Eu entrei e saí desse adoecimento, foi isso que eu perdi. Foi essa flor, que é esse sentimento da mulher em mim, que é o sentimento da totalidade.

Não conhecia o Museu de Imagens do Inconsciente nem Nise da Silveira nem ninguém que pudesse me ajudar. Nem havia psicólogo na instituição psiquiátrica naquela época, isso era

---

<sup>34</sup> Milton se emociona neste momento.

considerado “perfumaria”. Era só eletrochoque, insulinoaterapia, cardiasol, os tratamentos que havia na época. Ficávamos segregados no pátio e no quarto forte.

Essa flor é que não me deixou perder a consciência. Porque essa flor, ela foi uma síntese, pra mim, do universo. Eu não tinha nenhuma instrução, instrução que eu digo, assim, eu era um garoto.

**Claudia** - Quantos anos você tinha?

**Milton** - Eu tinha quinze anos. Só depois que eu fui ver que essas imagens são imagens universais, que existem na filogenética, que está na herança cultural de homens e mulheres através dos tempos, da humanidade. Então, esse lado mais profundo, essa região mais profunda do nosso inconsciente é que realmente assombra. Ela traz, por exemplo, uma coisa que me impressionou muito, é que esse trovador falava, ele cantava e a voz fazia eco. E depois, eu comecei gritando, vendo que quando eu gritava a voz fazia um eco. Aí comecei a gritar, gritar, gritar e a voz começava a fazer eco. Foi uma luta, porque eu já estava cansado, não agüentava mais de tanto gritar, de não dormir e de tanto sofrer ali. Aí eu comecei a gritar e, quando eu vi que a voz fazia eco, foi que as figuras através do eco também nasceram, acho que é a imaginação da gente... desse eco veio a voz do guerreiro, do trovador.

Agora, o que eu achei interessante é que o trovador, ele tinha um segredo de um ritual com essa flor. Fiquei impressionado com a autonomia desse personagem. Ele sabia, ele conhecia esse mistério, esse segredo. E assim, na vida real eu tirei esse trovador, depois eu fiquei vendo, como foi, onde foi? Eu tinha que ter visto isso na vida real, eu tinha que ter visto uma pessoa assim.

Vi que era realmente, quando eu era garoto. Tinha um rapaz que era amigo do meu primo, meu primo-irmão mais velho, ele era um repentista, cantava e rimava. Este meu primo já morreu, morreu, inclusive, no hospital psiquiátrico em decorrência dos eletrochoques. Era um rapagão, uma pessoa muito bonita, muito simpática, jogava futebol de praia, tinha muitos amigos e amigas.

**Claudia** -Você viu alguma relação entre o trovador e a imagem do primo-irmão?



**Milton** - Fiquei querendo saber de onde eu tirei essa imagem do trovador, porque não é possível que essa imagem fosse uma imagem que viesse só da fantasia. Ela veio da fantasia, mas tinha alguma relação com a realidade sim. Particpei de uma festa de aniversário do meu primo-irmão, sua última festa de aniversário, comemorando vinte e quatro anos, pois ele morreu no hospital psiquiátrico. Nesta festa também havia um rapaz, poeta, repentista, que cantava muito, saindo bêbado dela. Ele ia andando pela rua, e é engraçado que esse movimento do rapaz, andava, mas movia muito o dedo das mãos. Ele andava, estava muito bêbado, mas ele foi andando...Esse rapaz...Esse trovador... Depois eu fiquei vendo como isso se criou dentro da minha consciência...

**Claudia** - Milton, o que representa uma flor para você além da proteção, da pele e da mulher?

**Milton** - A flor tem um significado religioso e existencial. Ela significa para mim a totalidade existencial, o infinito para fora e para dentro, esse espaço cósmico infinito para fora e para dentro. O centro dessa flor, hoje, por causa da minha religiosidade, sinto como uma representação de Deus.

**Claudia** - Essa flor que de alguma maneira representa a pele da mulher, seria a primeira forma de contato com o mundo que você precisa ter para construir seu mundo com seus afetos?

**Milton** - Eu trabalhava no jornal O Dia e fui na FEBEM. Vi que muitos meninos não tinham essa flor. Não tinham limite entre o corpo e os objetos. Fiquei vendo essa falta de limite. Segurei um bebê que estava no berço. Ele segurou minha mão com tanta força. Percebi que ele não tinha essa flor. A pessoa que sofre violência perde essa pele. Vi isso também em um depoimento de uma mãe de um menino da FEBEM. Ela disse que os meninos perdem essa pele. Eu achei interessante também quando o trovador apareceu e eu perguntei para ele quem era, ele falou que estava ali para me confortar assim como ele confortava outras pessoas que estavam na cadeia ou em situação muito miserável. Essas pessoas muitas vezes perdem essa pele. Muitas prostitutas têm a experiência de serem violentadas pelo pai ou pelo irmão. Isso é perigoso...

Fico indignado, porque as pessoas acham que o louco não tem possibilidades de recuperação. Eu digo que não sou doente realmente, mas que já estive muito doente, me tratei. Tem gente que esteve muito doente e não tem ninguém para cuidar delas.

**Claudia** - Essa imagem ou visão do trovador lhe ajudou na recuperação?

**Milton** - Muito, totalmente. Essa imagem é tão forte, que quando acontece comigo uma situação difícil na família, me lembro dela. Com os filhos, por exemplo, temos que educar, não tem conversa, os pais realmente têm que ter muita paciência e habilidade. Essa imagem amortece a violência, pode fazer o outro refletir. Esse trovador acaba sendo uma parte da personalidade da gente. Não sou só eu que tenho esse trovador, todos tem um poeta dentro de si, todos tem um guerreiro dentro de si. Nem sou só eu que tenho uma mulher dentro de mim. Todos a têm. Acho bastante interessante isso, essas imagens não são de um indivíduo, elas são coletivas.

**Claudia** - E a flor? Todos carregam uma flor?

**Milton** - Com certeza, sem dúvida. Têm pessoas que perdem esse sentido de proteção de si mesmo e dos outros. É um perigo para essas pessoas internadas, perderem o limite. Eu acho que a violência é um dos maiores problemas em psiquiatria. Não dá para as pessoas se reidentificar, se reeducar. Tem que ter elementos para se transformar!

**Claudia** - O que você acha de um jardim com flores ser cultivado dentro de um hospital psiquiátrico?

**Milton** - Dentro de um hospital não se deve cultivar nada. Os jardins dos hospitais são as coisas mais porcas que já vi, são umas fachadas para um campo de concentração. As flores podem ser levadas para uma sedução falsa. Fiquei internado um ano em uma clínica. Lá tinha um jardim que me dava uma tristeza danada. Essas flores seduziam, mas era só de fachada. Esses jardins só de fachada não significam nada para a gente.

Esses hospitais desumanos têm que acabar têm que ser destruídos. Os espaços em saúde mental têm que ser abertos, ligados à comunidade. O usuário de saúde mental tem que deixar de ser esse bode expiatório que a sociedade cria, para ser uma representação da subjetividade humana. A comunidade em torno de um lugar de assistência à saúde mental, tem que ter um diálogo com esse lugar de assistência. CAPS são espaços abertos e alguns hospitais estão se tornando lugares abertos. Esses sim deveriam ter flores. Os hospitais eram lugares que a gente andava de um lado para o outro. Não tinha nada para fazer, era um lugar de ócio mesmo! Passar um ano hospitalizado sem ter nada para fazer, você morre! É uma mortificação. Quando se respeita essa dimensão psi e social se respeita o próprio cliente, ele passa a participar mais do tratamento. O jardim é importante como uma prática de relação entre os clientes e a jardinagem. Vi isso na Casa das Palmeiras.

As atividades de um modo geral já são jardins. O jardim talvez signifique tudo isso, o jardim significa todas as outras atividades, porque o jardim significa a música, o jardim significa cozinhar, fazer as coisas. Significa trabalhar mesmo com essas flores, cultivar essas flores, cultivar a terra. Enfim, significa a música, o usuário trabalhar com jornal, com imagens de revista. O jardim ele não significa só o jardim, ele significa muito mais que isso...

**Claudia** - É uma metáfora da relação de práticas expressivas?

**Milton** - É uma metáfora! Exatamente. As atividades corporais, as atividades de expressão corporal e, principalmente, essa dança da vida, essa dança que é fundamental como um ritual com a flor. Eu acho que no jardim a gente também dança, a gente dança com as flores, a gente aprende a descobrir a pele na gente, ou seja, essa sensibilidade na relação com o outro.

**Claudia** - Milton, o jardim (ou os jardins) não está só dentro dos hospitais psiquiátricos ou espalhados pelos CAPS, estão nas cidades. O que você acha disso?

**Milton** - Lembrei de Juiz de Fora, tem jardins belíssimos. Lembrei de Minas Gerais, das cidades quando a gente viajou de ônibus. Porque a gente descobrindo as cidades, sempre vê esse lado dos jardins, da vegetação. Relaciono o jardim com a emoção poética. Isso aí sem dúvida alguma.

Lembrei da poetisa Ana Cristina César. Estava lendo um livro uma vez sobre sexualidade da mulher, esse livro tinha alguma coisa a mais. Um livro sobre a sexualidade da mulher é muito interessante. Este foi escrito por uma americana, com tradução de Ana Cristina César, uma poetisa. Acho que os poetas têm essa capacidade de ver essas outras dimensões da vida, que a tecnologia hoje em dia e a pressão que as pessoas sofrem no trabalho, muitas vezes fazem com que elas percam tais dimensões, ficando prejudicadas. Então a gente está precisando deste encantamento, a gente precisa se reencantar com a vida.

De repente quando eu tenho a felicidade de ter uma visão na minha loucura, dentro de um hospício, é de um poeta, e este poeta me passa uma mensagem, vejo que tenho uma missão na vida que é passar o mistério dessa mensagem e este mistério estou conseguindo decifrar agora. É o mesmo mistério da poesia, o mesmo mistério que os artistas procuram passar para esse mundo de tecnocracia, de tanta tecnologia, de tanta burocracia. E às vezes o homem se esquece de dialogar com a sua própria natureza. Falta consciência ecológica nesta relação do homem com as flores, com a natureza. É tudo uma coisa só, é uma relação do homem consigo mesmo. Uma relação do homem com a terra, com o planeta, com o universo.

**Claudia** - Milton, a gente está encerrando a entrevista com bastantes coisas interessantes, com as suas reflexões, com as suas vivências, principalmente. O que você poderia deixar registrado para as pessoas com relação à “Oficina de Jardim”?

**Milton** - Queria revelar a minha ignorância, porque esse tema é tão amplo. Agora, eu queria dizer o seguinte, a poesia é o fio de Ariadne quando a gente se perde no mundo interno. Eu acho que esse sentido da poesia está na arte de um modo geral, nas atividades todas. Música, teatro, tem que estar nestas instituições. E o que a gente vê nessas instituições é a punição, é as pessoas serem vigiadas, trancadas e excluídas. Porque essa exclusão e não esse diálogo?

**Claudia** - O jardim seria uma das atividades que poderia resgatar a poesia dos clientes?

**Milton** - Claro, sem dúvida alguma, o jardim já é um impacto, traz o sentido da criação.

**Claudia** - Poesia para você é criação?

**Milton** - É, totalmente em todos os sentidos, em todos os tipos de arte, nas relações humanas e no dia-a-dia da gente. Eu vejo a poesia nas coisas dos trabalhos tecnológicos. Se a gente não tiver esta poesia, a gente não consegue resistir, se não tivermos essa flor, a gente não consegue resistir. A flor é, sobretudo, resistência ao sofrimento, à dor, à opressão. É uma resistência total à morte!